

Carlos Reis
COORDENAÇÃO

Bernardim Ribeiro

HISTÓRIA DE MENINA E MOÇA

Marta Marecos Duarte

EDIÇÃO DE TEXTO
INTRODUÇÃO
NOTA BIBLIOGRÁFICA
GLOSSÁRIO
NOTAS

E foi assi que, por caso estranho, fui levada em parte onde me foram diante meus olhos apresentadas em cousas alheias todas as minhas angústias, e o meu sentido de ouvir não ficou sem sua parte de dor.

HYSTORIA
DE MENINA E MOCA, POR BER-
NALDIMRIBEYRO AGORADE
NOVO ESTAMPADA E CON
SUMMA DELIGENCIA
EMENDADA.



*Essã algunas sigloges suas com bo mais
que na pagina seguinte se uera*



En Ferrara. 1554.

BIBLIOTECA FUNDAMENTAL
DA LITERATURA PORTUGUESA

HISTÓRIA DE MENINA E MOÇA

© **N** IMPRENSA
NACIONAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

BIBLIOTECA FUNDAMENTAL
DA LITERATURA PORTUGUESA

INCM
IMPRESA NACIONAL CASA DA MOEDA

Carlos Reis
COORDENAÇÃO

Bernardim Ribeiro

HISTÓRIA DE MENINA E MOÇA

Marta Marecos Duarte

EDIÇÃO DE TEXTO
INTRODUÇÃO
NOTA BIBLIOGRÁFICA
GLOSSÁRIO
NOTAS

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/INCM-Livros
editorial.apoiocliente@incm.pt

**Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor
© 2015, Imprensa Nacional-Casa da Moeda**

**As obras da BFLP observam
o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990**

Apoio à coordenação
Valéria Cavalheiro

Publicado em dezembro de 2015
Depósito legal
335 142/11
ISBN
978-972-27-2019-9
Edição n.º
1018466

Nota prévia

Carlos Reis

As palavras com que se enceta o prólogo da *História de Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro — «Menina e moça me levaram de casa de minha mãe para muito longe. Que causa fosse então daquela minha levada, era ainda piquena, não a soube.» —, constituem um dos mais famosos, repetidos e glosados inícios de texto de toda a literatura portuguesa. Depois desse início e na abertura do primeiro capítulo, é a *soidade* que anuncia o tom da narrativa: «Neste monte mais alto de todos que eu vim buscar pela soidade diferente dos outros que nele achei, passava eu minha vida como soía [...]»

A *História de Menina e Moça* ou mais simplesmente a *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro ficou famosa na nossa história literária justamente porque, como aqueles inícios sugerem, a obra que agora se publica implantou nela dois temas com largo curso e presença expressiva no nosso imaginário cultural: a saudade e a viagem que a suscita. Junte-se a isto a subjetividade (e, pelo eixo temático que ela estabelece, a sentimentalidade) e entenderemos por que razão a *Menina e Moça* é uma obra firmemente estabelecida no nosso cânone. Isso não quer dizer que ela seja tão lida como é citada, o que a aproxima daquela noção de *clássico* que nos diz que há obras assim: tais obras

são expressamente referidas muito mais do que efetivamente lidas. Ou então, de forma mais amena e como prefere Calvino, ela vem a ser um daqueles livros do qual se diz «Estou relendo...», mas jamais «Estou lendo...» Como se esses livros sempre tivessem sido do nosso conhecimento íntimo, antes ainda de os termos lido.

Assim acontece em grande parte com a *Menina e Moça*, o que amplamente justifica a sua publicação nesta «Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa». Provinda de um tempo, o século XVI, cuja produção literária foi muito rica e variada (nele comparecem, além de Bernardim, vultos como os de Gil Vicente, Sá de Miranda, António Ferreira, Camões e Diogo Bernardes), a *Menina e Moça* insere-se, além disso, num interessante estádio de evolução daquilo a que chamamos a língua literária. No que à língua literária portuguesa diz respeito, cabe notar que o texto que agora se edita foi escrito e publicado quando não se dispunha ainda de instrumentos normativos (designadamente gramáticas) que confirmassem e incutissem solidez a um idioma que estava a chegar à sua maturidade estética. A par disso, algumas décadas antes da *Menina e Moça*, a publicação do *Cancioneiro Geral* (1516), recolhido por Garcia de Resende, revela já a consciência e a correlata responsabilidade de fixar, para os vindouros, alguma coisa do que era a poesia que em Portugal se fazia, em português e também, como o *Cancioneiro* mostra, em castelhano.

Isto significa, então, que a *Menina e Moça* remete para uma época cultural fecunda e já diversificada, tanto do ponto de vista das formas, dos estilos e dos géneros literários, como no tocante aos temas cultivados. A circunstanciada introdução preparada por Marta Marecos Duarte para esta edição testemunha isso mesmo. Os termos em que nela se fala da atmosfera cultural portuguesa da primeira metade do século XVI, do contexto da receção da *Menina e Moça*, da tradição ibérica do romance sentimental e das reminiscências, nessa tradição, da novelística italiana são muito elucidativos quanto à necessidade de

adequadamente fazermos interagir este relato estruturalmente plural com o tempo que o enquadra.

Acrescente-se ao que fica dito o seguinte: editar a *Menina e Moça* implica fazer opções que não são fáceis, por força da complexa situação, digamos, filológica que caracteriza o seu texto. Marta Marecos Duarte faz essas opções de forma justificada, não sem recorrer, como é natural, ao suporte de estudiosos que a precederam, com destaque para José Vitorino de Pina Martins. A fim de apoiar o leitor que queira ler um texto que traz consigo as marcas linguísticas e estilísticas do seu tempo, Marta Duarte enquadra a edição com anotações, com um glossário e ainda com a nota biobibliográfica que normalmente integra os volumes desta coleção.

Introdução

Marta Marecos Duarte

1. *A História de Menina e Moça e o tempo de Bernardim Ribeiro*

Na primeira metade do século XVI, a corte portuguesa acompanhava de perto a evolução literária e cultural que ocorria na Europa. A corrente do Humanismo renascentista, iniciada em Itália e em vigor entre os letrados portugueses desde o reinado de D. Afonso V, transformava o modo de entender o livro e a leitura. Pretendendo redescobrir o conhecimento proveniente do antigo mundo greco-latino e aplicá-lo ao seu tempo, os intelectuais humanistas empenharam-se em concretizar uma síntese entre os modelos clássicos e as literaturas nacionais, propondo modelos religiosos, filosóficos e pedagógicos alternativos aos do mundo feudal. O conceito de *humanitas* inspira este movimento cujo valor principal é o próprio Homem, entendido de acordo com as suas potencialidades máximas de erudição e de expressão a todos os níveis.

Em convergência com este despertar para as fontes literárias da Europa, no reinado de D. Manuel I aumentou o número de textos vertidos para latim e intensificou-se o ensino da gramática e da retórica clássica. Cresceu igualmente o número de estudantes a viajar até Itália, Flandres e França com o apoio financeiro da Coroa. Graças a este incentivo, já no reinado de D. João III,

Damião de Góis e André de Resende, destacados intelectuais portugueses, puderam contactar pessoalmente com dois dos mais célebres humanistas europeus, Pietro Bembo e Erasmo.

No século XVI, o maior conhecimento dos autores clássicos, entre os quais Virgílio, Tito Lívio e Séneca — e também Petrarca, cuja obra poética inspirou decisivamente os poetas portugueses —, conhecimento que tornou possível o aparecimento de uma geração de poetas como a de Luís de Camões, Diogo Bernardes e António Ferreira, na década de 1550, não apagou o ascendente cultural de géneros considerados tradicionais, por associação à cultura medieval. Nesse sentido, é um marco literário a edição do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, em 1516. Compilação da poesia cortês reavivada no século XV — e que continuou a ser cultivada nas duas primeiras décadas do século XVI —, surge na sequência do *Cancionero General*, publicado em Espanha por Hernando del Castillo em 1511. O elevado número de composições da autoria de poetas portugueses escritas em castelhano, no cancionero de Resende, dá conta do bilinguismo que permeava as cortes de D. João II e D. Manuel, assim como dos estreitos laços que uniam, então, a corte portuguesa à do país vizinho.

O interesse quinhentista pelas formas literárias que não traduzem diretamente a apropriação do classicismo em terras lusas constata-se também pelo sucesso do teatro de Gil Vicente e do romance de cavalarias. A presença do último nas bibliotecas régias reflete a «extraordinária popularidade que a literatura novelesca, em particular após a publicação do *Amadis de Gaula* em 1508, teve também em Portugal no século XVI, nomeadamente como literatura de corte, onde era um género muito apreciado e cultivado»¹. A *Crónica do Imperador Clarimundo*, de João de Barros, é talvez o exemplo mais significativo do romance cavaleiresco escrito em português, no primeiro quartel deste século (1520).

1 Ana Isabel Buescu, *Na Corte dos Reis de Portugal, Saberes, Ritos e Memórias – Estudos sobre o Século XVI*. Lisboa: Edições Colibri, 2010, p. 79.

Por fim, ainda no contexto da recepção da novela, aproximando-nos da *Menina e Moça*, refira-se o interesse pela chamada ficção sentimental.

A tradição do romance sentimental castelhano, cujos exemplares mais emblemáticos são as obras de Juan Rodríguez del Padrón, *Siervo Libre de Amor* (c. 1450), de Diego de San Pedro, *Arnalte y Lucenda* (1491) e *Cárcel de Amor* (1493), e de Juan de Flores, *Grimalte y Gradisa* (1495) e *Grisel y Mirabella* (1496), ancora-se na novelística italiana que por volta de 1343 viu surgir a *Fiammetta* de Giovanni Boccaccio, largamente difundida na Península Ibérica no final do século xv e começo do século xvi. Há que salientar que, na Espanha de finais de quatrocentos, a novela sentimental evoluiu lado a lado com um outro género, de natureza argumentativa, com que partilha a centração na temática do amor, embora difiram no tipo de abordagem. Trata-se do tratado de amor naturalista, que foi cultivado por autores como Alfonso de Madrigal, *el Tostado*, e Luis de Lucena, e em cujo contexto literário é escrita uma obra relevante no âmbito da sátira à ficção sentimental: *La Celestina* (1499), de Fernando de Rojas. Sendo que na sua génese a novela incorpora traços do tratado, e vice-versa, não é de estranhar que, num dos seus testemunhos quinhentistas, o copista dê a conhecer a obra de Bernardim pelo título «Tratado de Bernaldim Ribeiro».

Além da *Menina e Moça*, uma «floração tardia» da novela sentimental, porque escrita possivelmente entre 1530 e 1540², conhece-se um outro exemplar em português deste tipo de ficção. Referimo-nos à novela anónima *Naceo e Amperidónia*, inserida no manuscrito da Biblioteca Nacional onde se encontra aquele que é considerado o testemunho mais antigo da novela de Bernardim Ribeiro. A criação de ambas é contemporânea da publicação e tradução das novelas de San Pedro em Itália, França e Inglaterra. *Imagem da Vida Cristã* (1572), de Heitor Pinto, e *Saudades da Terra* (c. 1580), de Gaspar Frutuoso, são

2 Cf. Paulo Meneses, «*Menina e Moça*» de Bernardim Ribeiro: Os Mecanismos (Dis-simulados) da Narração. Coimbra: Angelus Novus, 1998, p. 141.

exemplos de textos que espelham a influência do romance de Bernardim. Note-se que Frutuoso parafraseia repetidamente o texto da *Menina e Moça*, intitulado o relato contido no quinto livro da obra referida de *História dos Dois Amigos*.

Se fizermos uma sùmula das influências presentes na novela de Bernardim Ribeiro, para lá dos aspetos temáticos e estruturais herdados do romance sentimental hispânico, entre os quais se evidenciam especificidades do romance de cavalarias, podemos constatar que reúne quer elementos ditos tradicionais, quer elementos que apontam para uma inserção na esfera literária do Renascimento.

À semelhança do que acontece nas obras de Padrón e San Pedro, na *Menina e Moça* procede-se a uma narrativização de motivos em destaque na poesia amatória cortês. Poeta palaciano, Bernardim glosa na novela as contradições entre «amor e temor», «amor e esperança», para citar alguns conceitos. O lirismo medieval é igualmente significativo, se tivermos em atenção a presença de sugestões da cantiga de amigo notadas por alguns autores³.

Em termos linguísticos, é importante dizer que a obra de Bernardim Ribeiro é sensivelmente anterior à publicação das primeiras gramáticas portuguesas (Fernão de Oliveira, 1536; João de Barros, 1540) e que não exhibe os sinais de uma marcada latinização do português, visíveis, mais tarde, em António Ferreira e em Camões. Sobre a elaboração discursiva e argumentativa, Hélio Alves refere que a tópica retórica que na obra se encontra «carece de natureza estruturante e jamais atinge a sistematização e intencionalidade da literatura do Renascimento»⁴. Alves deteta inclusivamente vários mecanismos de composição que

3 Sobre este assunto, leiam-se os ensaios de Teresa Amado, «Apresentação crítica», in Bernardim Ribeiro, *Menina e Moça*. Lisboa: Edições Duarte Reis, 2002, e de Guia Boni, «Menina e moça: uma cantiga d'amigo», in *Atti del XX Convegno* [Associazione Ispanisti Italiani], coord. Domenico Antonio Cusato, Loretta Frattale, vol. I (*La penna di venere, scritture dell'ammore nelle culture iberiche*). Firenze, 2002 (http://cvc.cervantes.es/literatura/aispi/pdf/15/15_459.pdf).

4 Hélio Alves, «O rosto de Bernardim Ribeiro», in *Tempo para Entender – História Comparada da Literatura Portuguesa*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006, p. 71.

atestam a influência tardo-medieval na obra, nomeadamente alguns sintomas gramaticais da dialética escolástica⁵.

Por outro lado, são vários os elementos que denotam uma abertura da prosa da *Menina e Moça* à mentalidade do Renascimento. Entre eles, a configuração de uma mundividência bucólica. Atendendo à alusão ao debate sobre o menosprezo da corte que na novela se desenha, é possível colocá-la a par com a tradição pastoril portuguesa que se inicia com o próprio Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda e se estende até Rodrigues Lobo, passando por Luís de Camões. Além da presença do bucolismo, vários são os indícios de uma perspetivação do amor e do retrato da mulher em convergência com a lírica petrarquista e a lírica do *dolce stil novo*, assim como com a filosofia do amor dos autores neoplatónicos italianos, que constituíram fontes de inspiração para os poetas que cultivaram as formas clássicas em Portugal. Segundo Pina Martins, entre outros aspetos, o amor e a melancolia, tal como surgem nesta obra, fazem de Bernardim «um representante do espírito renascentista»⁶.

Carrasco González, por sua vez, defende que uma reunião de elementos do quotidiano, tais como os que surgem em destaque nas cenas em que vemos Bimarder «tentando ver e ouvir por uma janela do quarto das mulheres, Aónia ocultando o seu aspecto menos atractivo de pessoa que acaba de acordar», entre inúmeros outros pormenores descritivos, demonstra igualmente a integração da mentalidade renascentista no romance⁷. A emergência do modo de vida burguês comporta, com efeito, uma maior aproximação aos pormenores do quotidiano, especialmente, ao doméstico. Trata-se de uma característica com que não deparamos nas primeiras novelas sentimentais, mais fortemente marcadas pelo idealismo cortês,

5 Cf. *ibidem*, pp. 70 e 71.

6 J. V. de Pina Martins, «Bernardim Ribeiro, O Homem e a Obra», in Bernardim Ribeiro, *História de Menina e Moça*. Reprodução fac-similada da edição de Ferrara, 1554. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 68.

7 Juan M. Carrasco González, «Introdução», in Bernardim Ribeiro, *Menina e Moça ou Saudades*. Coimbra: Angelus Novus, 2008, p. 36.

conivente com as restrições da sociedade feudal. Dando protagonismo à personagem de uma mulher que «vontade nenhuma» senhoreia, uma mulher que tem liberdade para escolher o seu destino — Arima —, Bernardim Ribeiro coloca a sua novela num patamar de consciência filogénica que essas primeiras novelas não haviam alcançado.

Em suma, as influências várias que se constataam na *História de Menina e Moça*, epígono de um género cuja origem, na Península Ibérica, remonta ao final da Idade Média, espelham o momento de transição em que foi escrita. A ele se seguirá uma fase de maior consolidação das formas literárias clássicas em Portugal.

2. O género e os géneros na *História de Menina e Moça*

O amor e a separação irremediável dos amantes, assim como o papel ativo da mulher na expressão da vontade que a move, são temas definidores da novela sentimental. Neste tipo de ficção, a sociedade e os seus preceitos apresentam-se como poderosos obstáculos à realização do amor, e só a Fortuna, arbitrária destruidora dos planos humanos, se lhes equipara. Romance original, furtando-se a uma catalogação fácil por parte dos estudiosos⁸, a *Menina e Moça* encena uma leitura de géneros literários que fazem o gosto dos leitores contemporâneos do seu autor. A presença de especificidades que lhes são próprias serve, por um lado, de base à composição dos cenários e das personagens. Por outro lado, evocando-as, Bernardim Ribeiro procura delimitar o lugar em que se inscreve a sua obra, face a outros tipos novelescos. Os géneros em questão são o romance cavaleiresco e o bucolismo.

Em primeiro lugar, antes de iniciar a narração das histórias de cavaleiros e donzelas, a Dona do Tempo Antigo, dirigindo-

8 É da autoria de Leonor Neves o estudo que mais aprofunda a questão da apropriação e transformação dos códigos de género na novela. Intitula-se *Transformação e Hibridismo Genéricos na Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro. Dissertação de doutoramento em Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, 1996.

-se à Menina, define a natureza do seu relato através de um confronto com o tipo de narração do romance de cavalarias. Esquivando-se à narração pormenorizada das façanhas do combate entre Lamentor e o Cavaleiro da Ponte, refere que «ali houveram ambos a justa, em que meu pai contava muitas cousas de grande esforço e valentia que vos eu não contarei, porque ainda que as molheres folguem muito d'ouvir cavalarias, não lhes está bem contarem-nas, nem elas parecem na sua boca como na dos homens que as fazem».

Nestas palavras é perceptível, além do conhecimento do romance de cavalarias, uma leitura das novelas sentimentais, género particularmente afeto ao auditório feminino, cujo sucesso não foi alheio ao aumento do número de leitoras nos séculos xv e xvi. Na *Menina e Moça*, o interesse que as mulheres dedicam às novelas pode-se também depreender da consideração de que são alvo, por parte da Menina, no prólogo, enquanto possíveis leitoras do «livrinho» que escreve⁹. Na novela sentimental, os combates, que constituem o eixo narrativo dos livros de «cavaleiros andantes», passam a constituir um plano secundário para que a narração das peripécias amorosas ocupe lugar central. É o intimismo do lamento amoroso que conduz por conseguinte a ação da novela sentimental, materializando-se na subjetividade de uma prosa poetizada ou sob a forma de poemas e cartas.

Situada na parte inicial da narração, a citada expressão tem como finalidade estabelecer o lugar ocupado pelo duelo num livro cujo enfoque difere do dos livros de cavalarias. Demarcando o seu conto deste tipo de ficção, indiretamente, o autor chama a atenção do leitor para a especificidade do seu texto.

Já no contexto da história de Bimarder e Aónia, a Dona comenta o facto de o canto de Bimarder «arremeda[r] a pas-

9 A novela de amor, desde os seus antepassados gregos, dos quais nos chegaram as obras de Longo e de Aquiles Tácio, entre outros, além de ter a mulher como protagonista, conta principalmente com o sexo feminino na formação do seu público (Cf. Carlos García Gual, *Los orígenes de la novela*. Madrid: Ediciones Istmo, 1988, pp. 57-58).

tor», ou seja, nota a sua capacidade de imitar, compor no estilo bucólico. À luz da poética renascentista, a classificação de humilde, a «baixeza d'estilo» atribuída às «palavras rústicas», isto é, de pastor, opõe o bucolismo ao género sublime em que se encaixa a composição da tragédia, cuja finalidade é comover e purificar os afetos. Salientando que com a ajuda da imaginação as palavras do pastor conduziram mais depressa à compaixão, potencialidade que a Dona atribui também ao facto de nelas se evidenciar uma vivência, na prática, da «alta dor», por parte do pastor, «alta dor» que conota o sentir verdadeiro capaz de superar o valor criativo do «alto engenho», Bernardim eleva ao nível da excelência do trágico a poesia pastoril, que desde as églogas de Virgílio se faz corresponder ao estilo humilde. Esta dignificação converge inteiramente quer com o papel de relevo que tem o bucolismo na introdução do classicismo renascentista em Portugal — a maior parte dos poemas escritos em latim no século XVI são poemas pastoris¹⁰ —, quer também com os desenvolvimentos que terão lugar no campo novelístico na segunda metade deste século, sendo que, depois da publicação de *Diana*, de Jorge de Montemor, a novela pastoril vem a ser um género de larga difusão a nível europeu.

O encontro do elemento cavaleiresco com o bucólico permite ao autor da *Menina e Moça* evocar um tempo passado cuja perda é lamentada no contexto do diálogo entre a Menina e a Dona. Trata-se do tempo em que o vale, deserto e cheio de «alimárias feras», foi povoado, cheio de edifícios e jardins. Esse tempo surge configurado de acordo com a noção de abundância presente no ideal da *idade de ouro*, por cujo regresso suspiram os pastores das églogas de Virgílio, contemplando as marcas de decadência do mundo que os rodeia. Porém, jogando com os códigos literários que conhece, Bernardim não remete para esse tempo dourado as figuras de pastores e de seres mitológicos, mas sim as de «nobres cavaleiros e fermosas donzelas».

10 Cf. António José Saraiva, in *História da Literatura Portuguesa* (Óscar Lopes, co-autor), 17.ª ed. Lisboa: Porto Editora, 2005, pp. 179-180.

Tendo-os como protagonistas, as histórias contadas pela Dona emergem, por assim dizer, de um tempo de que só já restam no vale «pedaços d'armas e joias de grande valia».

Na *História de Menina e Moça* opera-se igualmente um confronto entre o espaço bucólico e o espaço palaciano que tem repercussões ideológicas evidentes, possibilitando a Bernardim efetuar um questionamento de normas sociais e códigos de honra, sobretudo da honra feminina, que vigoram no espaço cortesão. Esse questionamento concretiza-se, por um lado, através da afirmação de valores associados à mundividência bucólica («a vida do monte não cria suspeita como não cria de quem se sospeite mal»), a que se justapõe o enaltecimento da verdadeira cavalaria, plenamente corporificada em Lamentor, cuja índole se opõe à dos cavaleiros de «baixos pensamentos» que circulam no espaço da corte. Paralelamente, em torno da chegada e abandono da corte por parte de Arima, reforça-se igualmente uma crítica daquilo que se associa a este espaço. Antes da partida, o seu pai adverte-a para a futilidade e hipocrisia da vida do paço. Sofrendo as consequências de uma perda de reputação neste lugar, Arima começa a preferir uma «outra vida muito desviada» do meio social cortesão. Como já assinalámos, ao escapar, efetivamente, às restrições desse meio, esta personagem protagoniza um ato de emancipação inédito no âmbito da ficção sentimental.

Em síntese, a transformação dos códigos cortesões que informam as primeiras novelas sentimentais é sugestiva de uma indagação que abarca uma crítica ao mundo palaciano e, por extensão, a um mundo em desconcerto. A natureza, o bucolismo, surgem como sustentáculo de uma posição existencial eminentemente evasiva face a esse mundo, espelhada por um lado no estado de alheamento dos amantes Bimarder e Avalor, por outro, no referido regresso de Arima à casa do pai, bem como no recolhimento da Menina e da Dona à solidão do vale.

Bernardim Ribeiro oferece ao leitor da *História de Menina e Moça* breves trechos em que ecoam lições das artes poéticas

escritas e traduzidas nas línguas vulgares, nos séculos xv e xvi. Resultado de leituras diversificadas, num momento de vigorosa transformação literária em Portugal, o uso deliberado de elementos associados a diferentes códigos genéricos permite-lhe constituir um quadro social próprio. Este quadro pode ter uma finalidade simbólica em termos do diálogo com a sociedade em que o autor viveu.

3. Estrutura e composição

A *História de Menina e Moça* está estruturada de acordo com a técnica narrativa do encaixe. O conto dos «dous amigos», sequência que constitui a matéria narrativa central do romance, surge embutido no interior da história da Menina, em que esta nos narra o seu encontro com a Dona do Tempo Antigo. Esse conto efetiva-se com a transferência da função de narradora da primeira para a segunda mulher, alterando-se aquele que parece ser o propósito inicial do livro, um relato autobiográfico: «Menina e moça me levaram de casa de minha mãe para muito longe...». Na porção textual que corresponde ao preâmbulo¹¹, apresenta-se esse relato de natureza confessional e simultaneamente opera-se uma inversão desse pressuposto. São as histórias de outros, que a Menina decidiu «escrever» depois de as escutar da Dona, que por sua vez as ouvira de seu pai, que assumem a centralidade da narração do romance.

As mudanças ao nível do narrado e do narrador são apenas duas entre diversas operações de «transfiguração» que, segundo Teresa Amado, caracterizam a escrita da novela de Bernardim Ribeiro. Na opinião da autora, esta «não é uma obra duma escrita ‘romanesca’ no sentido em que o romance seja arte representativa, mas sim duma escrita em que domina o estilo

11 Assim foi intitulada por António Salgado Júnior, em *A «Menina e Moça» e o Romance Sentimental no Renascimento*. Aveiro: Gráfica Aveirense, 1940; José Augusto Cardoso Bernardes, «A estrutura retórica da Menina e Moça», in *Biblos, Revista da Faculdade de Letras, 1.ª parte da Miscelânea em Honra do Doutor Américo da Costa Ramalho*, vol. LXVII. Coimbra: 1991, pp. 239-262; e Teresa Amado, *op. cit.* Consideramos que o preâmbulo se divide em três partes: o prólogo da Menina, a narração das suas andanças pelo vale e o diálogo com a Dona.

que poderia chamar-se ‘transfigurativo’ porque produz a imagem invisível — psíquica, espiritual — dum real que aparentemente pinta, ou, inversamente, transforma em história, pessoas e coisas, os objectos espirituais a que efectivamente se refere»¹².

Com efeito, a imagem do reflexo especular é essencial para que se entenda o processo de transfiguração em que a voz da Menina se transmuta na voz da Dona. Mas este processo não se cinge à relação com a sua interlocutora. A experiência vivida pela «autora», por si evocada no início do livro, desdobra-se ademais nas experiências de múltiplos outros seres «tristes» como ela.

Dir-se-ia que a Menina encontra no *outro* um espelho fiel do seu interior, que, embora plenamente desnudado enquanto olhar contemplativo lançado sobre o *real*, permanece quase imperscrutável enquanto vivência. Ao leitor terá de bastar saber que, como ela refere, «foram diante meus olhos apresentadas em cousas alheias todas as minhas angústias, e o meu sentido de ouvir não ficou sem sua parte de dor». É pela leitura das histórias de cavaleiros e donzelas abrangidas no conto dos dois amigos, as «cousas alheias» que a autora viu e ouviu e que declara serem idênticas à sua própria experiência (de errância, desterro e separação do amado), que nos dá a prefigurar a sua história. O rouxinol surge também entre os «rostos» que traduzem a tristeza da Menina.

Ver e ouvir revelam-se indissociáveis no processo de receber as histórias da Dona. *Ponere ante oculos*: eis a técnica retórica a que a Menina alude. Através dela, quem escreve ou discursa procura presentificar, sugerir visualmente uma determinada ação. Como é dito na *Retórica a Herénio*, acerca do recurso da *demonstração*, este «ornamento é muito útil para amplificar e apelar à misericórdia, pois, com uma narrativa desse tipo, expõe o ocorrido e coloca-o como que diante dos olhos»¹³. Na audição dos contos, a «dor» que toca a Menina apresenta-se

12 T. Amado, *op. cit.*, p. 32.

13 Cícero (atrib.), *Retórica a Herénio*. São Paulo: Hedra, 2005, p. 311.

como resultante da eficaz narração que lhe permite *ver* tão vividamente ao ponto de se comover, mas não só. Ela resulta também do despertar de uma cumplicidade pelo e com o narrado, análoga à piedade em função da qual lhe foi possível (re)ver as suas angústias nas histórias alheias.

Citando o processo retórico pelo qual lhe chegaram as histórias que redige, a «autora» do livro invoca entrelinhas a capacidade do leitor de se compadecer, como ela, dos sucessos narrados. Além disso, ao chamar a atenção para a importância que no livro assume a «percepção visual»¹⁴, oferece uma pista sobre a sua elaboração.

Antes que se inicie o conto dos dois amigos anunciado pela Dona, que abarca as histórias de «Bimarder e Aónia» e de «Avalor e Arima», uma terceira narrativa, também protagonizada por um cavaleiro e pela sua consorte, se destaca na obra. Trata-se da história de «Lamentor e Belisa». O seu encaixe serve, na opinião de Carrasco González¹⁵, o propósito de constituir um episódio nodal, história a partir da qual partem as dos dois cavaleiros amigos.

Numa estrutura linear, os três contos permitem dar forma aos «sentimentos» da Menina evocados no preâmbulo: a tristeza, o cuidado, a saudade. Com o aparecimento de Lamentor, assistimos à representação do pranto do cavaleiro pela morte da amada. Em Bimarder e Avalor, encontramos personificações do *mal de amor*, com os arrebatamentos que traduzem a condição melancólica do amante, ora em contexto bucólico ora em contexto palaciano. A sensatez da Ama, pela sua maturidade, é posta em confronto com a impulsividade da adolescente enamorada que é Aónia, cujo ímpeto aquela procura refrear com

14 T. Amado, *op. cit.*, p. 33. Depois de Amado, Hélio Alves sublinhou também a importância que a imagem vívida assume na materialização de abstrações, no processo de elaboração discursiva de Bernardim Ribeiro. O autor sustenta que a «espécie mais característica do método seguido por Bernardim é a de descrever estados e dinâmicas mentais mediante *evidentiae* da natureza que lhes possam servir de figura», in *op. cit.*, p. 74. O amor, a morte e o destino encontram-se entre as abstrações, o inefável, a que a escrita do autor procura dar corpo (cf. *ibidem*, p. 72).

15 C. González, *op. cit.*, p. 41.

os seus conselhos. Arima prima pela honestidade e mesura, mas não escapa sem sofrimento às consequências da amizade dedicada a Avalor.

É, com efeito, na pele de várias *dramatis personae*, que as «angústias» da Menina aparecem encenadas, dotadas de peripécias, e, sobretudo, se tornam passíveis de constituir objeto de reflexão. Ao longo do relato, são enunciadas *sententiae* sobre o amor, o desejo e a vontade, que surgem em diálogo com os *exempla* que constituem as ações das personagens. Mais do que pretender objetivar uma moralização, elas apresentam-se como enunciações que traduzem o teor contemplativo da escrita de Bernardim Ribeiro. Espelham acima de tudo uma busca, por parte do autor, de um sentido para as coisas, eventos e sentimentos, que é levada a cabo através de tentativas várias de definição. Para esse efeito, em vários casos recorre a asserções próprias do código poético do amor cortês, como acontece no seguinte comentário da narradora ao comportamento de Aónia, depois de se apaixonar: «o verdadeiro bem-querer não pode estar muito sem receios». O papel da palavra é por isso decisivo na tarefa, nunca acabada no romance de Bernardim, de ordenar o *real*.

Bernardim Ribeiro faz desenrolar um fio de histórias no qual se desdobram quadros sucessivos. Estes possuem uma coerência interna assente na relação estabelecida entre as personagens e o espaço em que figuram, que, por seu turno, é omnipresente e determina a especificidade temática de cada um desses quadros. Nesse sentido, a transfiguração do cavaleiro enamorado de Aónia no pastor Bimarder adquire uma significação no contexto bucólico do vale em que esta personagem se insere. O tempo do pastor que se senta sob o freixo junto ao ribeiro imaginando a amada é posterior àquele em que se arrisca a aventura da ponte e a que a morte do Cavaleiro da Ponte põe termo. Depois das justas que têm ao longe um castelo como emblema, e uma amada que se procura receber como galardão, seguem-se as histórias de pastores, de perseguições de lobos ao gado, das quais o velho pastor maior al retira ensinamentos

que procedem de uma reflexão de carácter existencialista. Paralelamente, configurando o quotidiano feminino, ganha relevo o espaço doméstico, e com ele a barreira da intimidade que parece impossível de transpor ao pastor enamorado. Numa ilha distante do vale, pelo contrário, a composição do cenário baseia-se nas movimentações da corte. O mundo palaciano em que se desloca suavemente Arima é o espaço da convivência e dos gestos calculados. A figura do grupo de cortesãos substitui aqui a presença anterior da natureza. A atitude de hesitação que caracteriza o amante Avalor é determinada em parte por esse ambiente que prima pelas formas de sociabilidade e pelas apertadas regras de discrição.

No que toca à progressão da narração, a *Menina e Moça* baseia-se numa estrutura de repetição analógica visível ao nível do desenvolvimento das sequências que integram cada uma das histórias. Vejamos o exemplo da história de Lamentor e Belisa, em que é possível mapear uma série de pontos-chave até ao encadeamento da história de Bimarder e Aónia.

No começo, o episódio do passo da ponte congrega eventos que, por analogia, são catalisadores de outros eventos que têm um papel determinante no decurso da trama principal. Enquadrando a chegada de Lamentor, Belisa e Aónia ao espaço do vale, a dimensão trágica que assume a morte do cavaleiro vencido pela lança de Lamentor apresenta-se discordante dos traços primaveris da natureza que acolhera a família estrangeira. Note-se que, em sequência anterior do romance, o espaço solarengo do vale surgira também em contraste com a tristeza que fora, para a Menina, presenciar a morte do rouxinol. Indício de desventura, a morte do cavaleiro dir-se-ia que prepara uma segunda morte, pouco depois do fecho daquele mesmo dia: a de Belisa. Tendo observado o costume de carpir o morto praticado pela irmã do Cavaleiro da Ponte, também Aónia, ante o cadáver da sua irmã, solta e rasga os cabelos. A imagem paradoxal de sofrimento e beleza que encarna acaba por ser o elemento propiciador do enamoramento do cavaleiro que entra na tenda nesse preciso momento.

Como se pode verificar, é por um encadeamento de situações análogas que a narração alcança o ponto de partida do conto em que são narrados os amores de Bimarder e Aónia. A história de Avalor e Arima, pelo contrário, não surge linearmente encadeada na narrativa que a antecede. Entre ambas existe um hiato temporal pelo qual é trazida à narração a figura de Arima, nascida de Belisa pouco antes de morrer, já em idade adulta.

A Fortuna e os «fados» são instâncias amiúde convocadas, nos discursos da Menina e da Dona, como forças arbitrárias que determinam a existência, impulsionando o ser-humano a tentar interpretar, talvez inutilmente, os seus funestos sinais. De facto, a percepção do efeito associativo produzido no desenrolar dos acontecimentos poderá conduzir o leitor a intuir nas referidas semelhanças prenúncios de desventura. A própria Menina interpreta as suas quedas no caminho para o vale como indícios da má sorte que se avizinha («parece que Deus me queria avisar da mudança que depois havia de vir»). Pouco depois, assiste à trágica queda do rouxinol nas águas. Em conformidade com o que acontece no preâmbulo, Bimarder e Avalor protagonizam quedas aparatosas que se revelam decisivas no desfecho trágico das narrativas em que se destacam.

Por último, é importante notar que a narração da *História de Menina e Moça* faz jus a duas emblemáticas expressões que figuram no prólogo: «Das tristezas não se pode contar nada ordenadamente, porque desordenadamente acontecem elas» e «cousas não acabadas não havia de ser novo.» Com elas parece a Menina querer prevenir o leitor quanto ao não acabamento do livro, justificando ademais uma aparente incoerência narrativa que se constata pela leitura. Além da alteração do propósito inicial do livro, outros elementos contribuem para fazer da novela de Bernardim Ribeiro uma narrativa em vários pontos inexplicável. Não sabemos, por exemplo, o que acontece a Bimarder após o casamento de Aónia. No preâmbulo, a Dona alude à morte deste e à de Avalor, os «dous amigos» mortos à

traição por falsos cavaleiros, mas adiante não assistimos a ela. É também sugerida a morte das donzelas que com eles formam par. Porém, a tratar-se de Aónia e Arima, esse desfecho em nada corresponde ao desenlace das histórias que protagonizam.

Apesar da ambiguidade, delineiam-se vários conectores que asseguram a continuidade temática na obra. Um deles baseia-se na evolução do conto de gerações que tem em Belisa, Aónia e Arima três pilares temporais, sucessão que poderá ter também implicações ao nível de uma leitura simbólica¹⁶. Já no âmbito da descrição do espaço, o ribeiro tem na estrutura da *Menina e Moça* uma finalidade simultaneamente evocativa e coesiva, uma vez que a sua presença nas histórias narradas pela Dona estabelece um *continuum* com a situação narrativa em que se cruzam as duas mulheres no vale. Congregando em torno de si e dos objetos que o envolvem — a ponte, o freixo, o torrão — um conjunto de personagens, a partir do ribeiro se desenvolvem inúmeras peripécias. Para terminar, o motivo da ausência, aglutinador de diversas noções conceptuais associadas na obra à problemática do amor, permite também descrever uma isotopia que reflete a identidade entre as experiências das duas narradoras e as dos protagonistas das histórias¹⁷.

16 De diferentes maneiras, alguns autores propõem que esta sucessão perfaz uma representação do ser feminino em ascensão a um plano de superior espiritualização (cf. T. Amado, *op. cit.*, p. 44; H. Macedo, *op. cit.*, 1999, p. 118; L. Neves, *op. cit.*, pp. 301-311).

17 Na porção textual que sucede o romance de Avalor, que alguns autores duvidam ser da autoria de Bernardim Ribeiro (cf. T. Amado, *op. cit.*, pp. 16 e 17), surgem também duas narrativas encaixadas, uma contada por Avalor, outra pela caçadora que este socorre. A segunda, protagonizada pelo pai do cavaleiro, é abruptamente interrompida, e com ela termina, incompleta, a *História de Menina e Moça*. Embutidos no relato do naufrágio de Avalor, estes pequenos contos já pouco têm que ver com a narrativa a que pretendem dar continuidade, a história de Avalor e Arima. Recorrente no romance de cavalarias, uma figura se evidencia nesta parte da *Menina e Moça*: a donzela injustiçada cuja honra o cavaleiro deve ajudar a restituir. Mais do que a tristeza pela separação do amado, presentifica-se aqui, no pranto de duas donzelas, a expressão da ira em resposta ao abandono, fruto do desamor masculino. Talvez o autor tivesse a intenção de explorar o sentimento que teria igualmente acometido as mulheres rejeitadas por Bimarder e Avalor, Aquêlsia e a Senhora Deserdada, cujo ponto de vista não é desenvolvido na narração do conto dos dois amigos. A figura da donzela injustiçada é também relevante nos capítulos apócrifos da edição de Évora.

Na *Menina e Moça*, Bernardim Ribeiro, como poeta cortês que foi, interessou-se sobretudo por expor estados de espírito¹⁸. Nesse sentido, a contemplação sobre os efeitos do amor sobrepõe-se em certa medida ao intento de escrever uma história perfeitamente acabada. Neste desnudar da interioridade alheia, ou da interioridade do próprio através da interioridade do outro, tendo-o como um espelho de si próprio, a heterodiegese revela-se decisiva na novela de Bernardim. A narração da Dona do Tempo Antigo torna possível uma descrição das múltiplas reações que a paixão provoca em personagens diversificadas, transcendendo-se, desta forma, os «limites» da narrativa autobiográfica apresentada na abertura da obra.

4. O tema do Amor

Na literatura do Renascimento afirmou-se uma conceção de amor devedora em grande parte da sistematização que os tratados da autoria de Marsilio Ficino, Pietro Bembo, Leão Hebreu e Baldassare Castiglione fizeram do pensamento de Platão. O amor é aqui entendido como força espiritual capaz de catapultar o amante no processo de subjugar quer os limites dos sentidos quer até os da razão. É o desejo da Beleza suprema, da qual a beleza da mulher é um reflexo, que mobiliza o amante embriagado pela loucura de inspiração divina em que consiste o amor. Em última instância, essa aspiração traduz-se numa ânsia de alcançar a sabedoria.

Em consonância com esta atribuição de uma função espiritual à mulher, enquanto veículo de uma ascese, é possível notar na *Menina e Moça* uma idealização da beleza feminina, particularmente no retrato da em tudo perfeita Arima, cuja elaboração se inspira nos traços etéreos e piedosos da *donna angelicatta*, perfil da amada cantada por poetas como Cavalcanti, Dante

18 Citando António Chas Aguión, «Más que cualquier outro motivo, el poeta cancioneril muestra su interés por exponer su estado anímico», in *Amor y corte. La materia sentimental en las cuestiones poéticas del siglo XV*. Coruña: Toxosoutos, 2000, p. 110.

e Petrarca, introduzido na lírica quinhentista principalmente por influência do último. Por sua vez, nos êxtases amorosos de Bimarder e de Avalor, fruto de uma aspiração nunca realizada de união com a amada, pode entrever-se um eco da citada noção de loucura amorosa («rpto da alma»), cuja referência na Antiguidade remonta à alegoria dos cavalos alados presente no *Fedro* de Platão. Além disso, no campo da problematização da correlação do desejo com o amor, é deduzível a influência na obra dos referidos tratados italianos, nomeadamente dos *Diálogos de Amor* de Hebreu.

Não pondo de parte a inserção da problemática amorosa da novela de Bernardim Ribeiro no âmbito da corrente sobre o amor que mais influenciou os autores quinhentistas, sugerimos que se atenda por ora a tópicos que figuram na obra que são comuns também à literatura dos séculos anteriores. Originários do contexto religioso, no quadro da poesia eles surgem frequentemente destituídos dessa conotação.

Assim, para que se compreenda a conceptualização do amor feita na *Menina e Moça*, julgamos necessário trazer à colação um motivo recorrente quer na poesia trovadoresca quer na poesia quinhentista de influência italiana, explorado por Bernardim Ribeiro de diversas maneiras. Trata-se da noção de que o amor é uma forma de alienação do amante no amado, sintetizada num tópico desenvolvido na Idade Média pelos Padres da Igreja, que teve surpreendente fortuna na tratadística sobre o amor e na poesia: *anima verius est ubi amat, quam ubi animat*¹⁹. Em

19 Leia-se «a alma está mais verdadeiramente onde ama que onde vive». Foi inspirado num versículo do Novo Testamento, a saber Mt. 6-21. Um dos autores medievais que o cita é o Condestável D. Pedro de Portugal, numa obra escrita em castelhano, publicada em 1468, que é um misto de tratado e de novela: *Sátira de infelice e felice vida*, in *Obras Completas do Condestável de Portugal*. Ed. Luís Alberto Adão da Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1975, p. 48. Um exemplo contemporâneo de Bernardim de glosa deste motivo é o poema de Duarte de Brito que diz «Porque assi me namorei/ em ver-vos, quando vos vi,/ que quando de vós parti,/ parti-me de vós sem mi,/ porque convosco fiquei» (*Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. Fixação do texto e estudo por Aida Fernanda Dias. Lisboa: IN-CM, Vol. I, 1990, p. 359). Guillermo Serés, em *La Transformación de los amantes, Imágenes del amor de la Antigüedad al Siglo de Oro*. Barcelona: Crítica, 1996, apresenta um estudo aprofundado sobre a presença deste tópico e das metáforas que a ele se associam na literatura medieval e renascentista.

termos representativos, ele conota a ideia de uma morte simbólica do amante e também encontra expressão na metáfora da troca de corações ou partes da alma, que ecoa por sua vez a apropriação na tradição lírica do mito platónico e genesíaco do andrógino, que pressupõe que os amantes formam parte de um mesmo ser primordial.

Os motivos da morte simbólica, do intercâmbio de corações e da alienação do amante no amado, sobretudo na parte que concerne às histórias narradas pela Dona do Tempo Antigo, são amplamente citados. Uma dessas ocorrências situa-se no romance de Avalor, em cujos versos se enfatiza a noção de transferência da vontade do amante para o amado: dizem os remeiros que só passará as frias águas «Quem sabe que é bem amar/ e quem a vontade pôs/ onde a não pode tirar».

No contexto da mudança de identidade do cavaleiro-pastor Bimarder, que encerra o simbolismo de uma morte metafórica causada pelo enamoramento, a Dona refere que «tanto se ensenhoreou naquele pouco tempo o amor dele que a si mesmo queria já em parte deixar». O amor surge, neste caso, como móbil de uma desistência de si mesmo. Sobrevém-lhe o duplo-processo de auto-desconhecimento e transfiguração.

Depois de conhecer Aónia, sendo-lhe solicitado que saia da tenda onde se realizam as cerimónias fúnebres de Belisa, afirma Bimarder: «— Eu não tenho pera onde ir daqui — lhe disse, e, parece que lembrando-lhe que havia de deixar o coração, caíram-lhe umas raras lágrimas.» A partir do momento em que se enamora, o coração do cavaleiro passa a pertencer a Aónia. Não podendo já deixar de pensar nela, vive como se a ela estivesse unido de corpo e alma. A expressão «bem lhe pareceu que não podia caber ali naquele tempo gente estrangeira, ainda que ele no seu coração já o não era» conota esta noção de pertença. Bimarder não é estrangeiro no seu coração, porque, dir-se-ia, encontrou na amada uma morada.

A morte (real) de Belisa leva a que Lamentor morra também em parte, porque a concebe como sua alma. Sem alma, resta-

-lhe esperar que o último suspiro do corpo venha pôr termo ao processo de morte parcialmente iniciado. Face à morte única de Belisa, o seu destino baseia-se numa dupla morte. Atente-se pois na expressão de Lamentor: «Mal-aventurado cavaleiro, que pera vós, senhora, estava ordenado uma sepultura em terra alheia e pera minha vida, duas. Mas a vossa terá o corpo, e as minhas, o corpo e alma.»

Lamentor sem a amada/alma é um ser despido da força que lhe dá vida, o que nos sugere que juntos formam um único ser. Por consequência, para ela é necessária uma sepultura, porque, inteiramente morta, deixa apenas o corpo para enterrar, enquanto para ele, cindido após a sua perda, são necessárias duas sepulturas: uma para o corpo e outra para a alma, separadamente. Da mesma maneira que o coração de Bimarder ficava onde estava Aónia, a alma de Lamentor não pode afastar-se do corpo de Belisa, morrendo, por isso, com ela.

A conversão ou fusão do amante no amado, imagem que tem especial significado na literatura mística e religiosa, constitui a etapa final de um processo que, na descrição poética do enamoramento, se inicia com a visão do objeto amado e progride para a cogitação, isto é, o pensamento obsessivo sobre aquele²⁰.

Na *Menina e Moça*, a visão da beleza da amada como motivo do enamoramento é alvo de uma atenção demorada por parte da narradora, dissecando esta os argumentos que se digladiam no íntimo de Bimarder até decidir render-se à «fermosura» de Aónia e abandonar, consecutivamente, a «obrigação» em que consiste o serviço prestado a Aquelisia. De forma semelhante,

20 O tratado medieval *De amore*, de Andreas Capellanus, clérigo ao serviço de Maria de Champagne (século XII), testemunha a consciência dessas etapas no jogo do amor cortês. Atente-se na descrição que faz do processo de enamoramento: «Esta pasión innata [...] procede de la visión y de la contemplación. No basta cualquier reflexión para hacer surgir el amor. Se necesita una reflexión obsesiva, pues una reflexión serena no suele volver a la mente y, en consecuencia, el amor no puede nacer de ella» (Andrés el Capellán, *Libro del amor cortés*. Introducción, traducción y notas de Pedro Rodríguez Santidrián. Madrid: Alianza Editorial, 2006, p. 31).

Arima, encantando Avalor com a sua beleza e honestidade sobre-humanas, destrona, sem nada fazer por isso («por força d'amor»), a Senhora Deserdada, que o cavaleiro servia «por amor forçado», isto é, por força do dever e de uma passagem atração física.

No contexto do enamoramento de Bimarder e Aónia, é significativo o facto de a piedade anteceder o *cogitare*, palavra latina que em português deu «cuidar». A compaixão de Bimarder pelo sofrimento de Aónia ao carpir a irmã, assim como a sentida por Aónia ao ouvir a história do pastor chorando sob o freixo, parece ser determinante no espoletar do «cuidado», ou seja, o interesse e preocupação de um pelo outro. No caso de Bimarder, a piedade como que encobre, num primeiro momento, o desejo que o trespassara ao contemplar a beleza da amada («como o amor viesse justamente com a piadade, parecia que vinha ela só»).

É a partir da descrição deste misto de piedade causada pelo sofrimento e de sedução pela beleza da amada, beleza na qual os olhos do amante nunca conseguem saciar-se por inteiro, buscando constantemente contemplá-la, que na história de Bimarder e Aónia se inicia uma extensa análise do pranto amoroso do cavaleiro-pastor. O efeito contemplativo do amor assume então o protagonismo na novela, girando a intriga em torno das múltiplas figurações da melancolia que os «dous amigos», primeiro Bimarder, depois Avalor, representam.

O leitor assiste em primeiro lugar ao verter das «lágrimas» do pastor, que, suspirando por Aónia ausente, procura recriá-la na fantasia, submergindo-se assim num estado de alheamento da realidade que a narradora apelida de «doce tristeza». Os olhos de Bimarder são descritos como sendo de um «branco nublado», o seu coração como estando «ocupado de profundos pensamentos». Acrescentando-se às situações de desacordo protagonizadas pelo pastor (a queda do cajado, a queda da janela, ao deixar-se levar «por sonhos», o devaneio amoroso na

palhiça), estes dados sugerem-nos uma alusão deliberada por parte de Bernardim à sintomatologia do *amor hereos*, um tipo de melancolia atestado nos tratados médicos medievais, que, na literatura, assume o nome mais comum de *mal de amor*.

Também a história de Avalor e Arima tem como momentos-chave as situações de arrebatamento do cavaleiro, designadas de «transporte» na literatura quatrocentista e quinhentista. Na presença da filha de Lamentor, Avalor protagoniza diversas «saídas de si». Uma delas leva a que se perca, ao retornar à cidade depois de acompanhar Arima numa jornada ao lado da princesa. Em termos do desfecho da narrativa, o alheamento de Avalor torna-se particularmente comprometedor quando cai ao contemplar a amada, no momento em que esta chega ao salão do palácio. Inevitavelmente, esta situação desperta a atenção dos cortesãos, precipitando a rutura da relação de amizade com a donzela.

As situações de falecimento do espírito²¹ vividas pelos amantes arrebatados da *História de Menina e Moça* denotam o interesse do autor pela psique humana, nomeadamente pelo que não é controlável pela consciência. Acresce às encenações do estado de desacordo a presença frequente de assombrações e sonhos dotados de um certo simbolismo premonitório. Entre estes exemplos de onirismo, destaca-se o sonho de Bimarder com a sombra que o interpelara no vale e o sonho de Avalor com a Donzela Delicada.

Na presença desta dimensão da existência se fundamentou um estudo de Leonor Neves em que a autora estabeleceu paralelismos entre a novela de Bernardim e textos de Marsilio Ficino, fundador da Academia Platónica de Florença e uma das personalidades do Humanismo que mais contribuiu para a realização de uma síntese entre a doutrina cristã e as

21 A expressão pertence ao texto da *Menina e Moça*: «assentando-se então Aónia na borda daquela sua pobre cama, lhe pôs a mão, e quisera-lhe dizer alguma cousa, mas não pôde que lhe faleceu o espírito. Virando-se Bimarder e vendo-a, também lhe faleceu o seu.»

tradições esotéricas afins do neoplatonismo. Por uma outra via, a dos autores judeus peninsulares, Helder Macedo propôs igualmente pontos de contacto entre a novela de Bernardim e essas mesmas tradições²².

O sincretismo esotérico estava amplamente difundido na cultura que viu surgir a *História de Menina e Moça*, não sendo fácil por essa razão escrutinar na obra uma influência isolada dessas tradições. Contudo, a temática do onirismo, independentemente da sua proveniência, além de ser um dos elementos singularizadores da novela, é relevante na medida em que através dela se integra um plano não-lógico na obra, que surge assim na continuidade da conceptualização do amor como força cujos efeitos o entendimento não pode conter. A centralidade que assume na obra o retrato do amante transportado, testemunha o propósito de Bernardim de explorar a irracionalidade de um sentimento que induz um estado psicológico próximo do estado contemplativo. Como se pode verificar, a impossibilidade de o arbítrio humano dominar a paixão, exemplificada nas figurações da melancolia, vai ao encontro de máximas que pretendem definir o sentimento desfiadas no texto pela voz do Cavaleiro da Ponte («O amor demasiado [...] não vive em terra de razão») e da Dona («Mas ao amor, quem lhe porá lei?»).

À transposição do ímpeto do desejo físico para os domínios da imaginação e da contemplação, transferência essa corporificada nos arroubos dos amantes Bimarder e Avalor, decorrentes da ausência da amada, cuja beleza permanece no entanto como objeto de ideação e de prazer intelectual, se pode enfim associar o despojamento próprio da sublimação do amor, de acordo com

22 Referimo-nos, respetivamente, aos ensaios «A função do feminino no universo onírico da *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro», in *Medioevo y Literatura*, III, Granada, 1995, pp. 463-471, e *Do Significado Oculto da «Menina e Moça»*, Lisboa: Guimarães Editores, 1999. Entre as várias tradições esotéricas estudadas e sobre as quais escreveu o filósofo florentino encontram-se «a do hermetismo de pretensa origem egípcia, a do misticismo dos Gnósticos e a da Cabala judaica, incluindo a alquimia e a astrologia». Segundo A. J. Saraiva, «este esoterismo permeia todo o Renascimento» (op. cit., p. 173).

os ideais do neoplatonismo²³. Ao contrário desta perspectiva, porém, Bernardim Ribeiro não atribui de forma explícita ao amor e à mulher a função de conduzir o amante num caminho de aperfeiçoamento espiritual que desemboca num conhecimento das Ideias, ou mesmo do Divino, num sentido lato. À semelhança do que acontece em outras novelas sentimentais, sugere-se, sim, que a morte e o desterro são o destino a que a melancolia de amor guia o amante. Na encenação do pranto amoroso o autor terá pretendido, sobretudo, debruçar-se sobre o paroxismo da não-realização do desejo. Jogando com a ambivalência semântica que o vocábulo «soidade» possuía no século XVI, entre solidão (do latim *Solitate*) e saudade (de acordo com o atual significado), Bernardim coloca o leitor perante o drama da incompletude vivido pelas personagens. Simultaneamente, como que pondo à prova a solidez desse drama, aponta formas mais ou menos triviais de superação do sofrimento por amor. É disso exemplo o desfecho, desprovido de todo o idealismo, da história de Aónia, que sabemos ter-se acomodado à vida de casada, afogando nos afazeres domésticos a lembrança de Bimarder. A Menina surge também como vítima de um destino trágico de separação. Sobrevive-lhe, escrevendo-o.

4.1 Uma «arte de amar»

Apesar da deriva que define uma escrita guiada pela errância da mágoa, é possível notar o esboço de uma «arte de amar» na *História de Menina e Moça*. Nas suas páginas, Bernardim faz interagir com os conselhos sobre como conquistar o amado conselhos sobre como evitar os perigos do amor ardente e como

23 António Cândido Franco, em *O Essencial sobre Bernardim Ribeiro*. Lisboa: INCM, 2007, atentando sobre as personagens enamoradas, não só da *Menina e Moça*, como também das églogas, sublinha a intenção de Bernardim de, através destas figuras, «dramatizar narrativamente a saudade» (p. 72). Situando a leitura dos temas correlativos da saudade e do desejo no quadro do «erotismo espiritualizante» (p. 101) do platonismo, Franco faz corresponder a dramatização dos estados psíquicos dos enamorados, resultantes do movimento do desejo, sempre «despojado do seu objecto de prazer sensível» (p. 100), a «um processo de sublimação do sensível em ordem da consciência e das ideias» (p. 97).

remediar o amor infeliz, na linha da tradição ovidiana da *ars amandi* e dos *remedia amoris*.

No contexto desta elaboração, o desejo começa por ser alvo de uma aproximação de carácter universal, mediante a qual a Menina reflete sobre as causas do sofrimento humano, contemplando o penedo que obstrui as águas do ribeiro. Por sua vez, esta indagação contextualiza o debate acerca da importância dos obstáculos à realização do desejo no domínio do enamoramento, levado a cabo pela Dona do Tempo Antigo. Na reflexão de ambas, sobressai a seguinte máxima: é «mais desejado tudo o que com mais trabalho se pod[e] haver».

A narradora, refletindo acerca das particularidades do enamoramento feminino e masculino, apresenta vários conselhos sobre como tirar partido do condicionamento psicológico que os referidos obstáculos representam na conquista amorosa. A diferença entre as naturezas feminina e masculina é apontada como argumento que justifica a necessidade de as donzelas terem como arma de sedução a ocultação dos sentimentos: «a eles prendem-nos esquivações e boas obras a elas». Confrontando o poder que a beleza de Aónia representa no enamoramento de Bimarder com a conduta de Aquelísia para com o cavaleiro, a Dona conclui que as armas de sedução utilizadas por esta senhora não foram as mais adequadas. Aquelísia agiu precipitadamente, «deu-se-lhe logo toda». A narradora sustenta que é mais fácil que os cavaleiros se enamorem das donzelas, se elas não forem enamoradas deles, do que se estas se apressarem a entregar-se-lhes, facto que apenas contribui para os fazer sentir em dívida, como Aquelísia fez sentir a Bimarder.

Segundo este manual do amor, a conquista dos cavaleiros passa por duas etapas. A primeira baseia-se na retribuição de um olhar, dir-se-ia, transmissor da fragilidade feminina que cativa o homem, e que comunica a recetividade à sua presença («uma brandura d'olhos»). A segunda, em aparente oposição, consiste na simulação do desinteresse: «aspereza muita d'obras». A «aspereza», ou indiferença, funciona neste jogo como meio

de criar um obstáculo à realização do amor e, logo, de o fazer despertar e conservar. Na opinião da Dona, a atração pelo difícil de obter é própria da natureza masculina. Belicosos, os homens, por oposição às mulheres, brandas por natureza, são «tão rijos que parece não terem em muito senão no que trabalham muito». Logo, para que não se desmotivem, é necessário que as mulheres respondam ao seu interesse com modos esquivos, nem que para isso tenham de fingir.

Nos fragmentos em que se concretiza um discurso alusivo à elaboração de uma «arte de amar», tem especial relevo, a par da indagação sobre as tensões de que se reveste o desejo amoroso, uma caracterização do feminino e do masculino no tocante à vivência do jogo de sedução e da expectativa de realizar o desejo. Às diferenças naturais entre mulheres e homens acrescentam-se os condicionamentos sociais que também os tornam distintos. Eles são livres e, pelo facto de andarem sempre ocupados em numerosas aventuras, conseguem escapar às tristezas. Já elas, devido ao encerramento doméstico em que vivem, são-lhes vulneráveis, «ou porque aborreceram as mudanças, ou porque elas não tinham para onde lhes fugir».

O desenrolar das histórias de cavaleiros e donzelas procura responder, sem objetivar necessariamente uma confirmação, àquela que é talvez a máxima da Dona que melhor espelha a condição de ambos à luz de um código cavaleiresco que se traduz no domínio das convenções literárias: «Mais maneira têm os cavaleiros para se mostrarem mais tristes do que são e menos maneira têm as donzelas pera se mostrarem mais tristes do que parecem aos homens». Os homens, não só de acordo com o código de cavalaria a que estão obrigados, mas também de acordo com a tradição cortês, que enaltece o sofrimento masculino por amor, e o do poeta em particular, considerando-o uma forma de gentileza, têm toda a liberdade para manifestar, e mesmo fingir, o que sentem. Disso não se podem vangloriar as mulheres, que, de uma forma que reflete o seu confinamento

doméstico, ocupam nessa tradição, por norma, uma posição passiva, de mero objeto de elogio.

Por conseguinte, no relato das tentativas de aproximação de Aónia ao pastor, o leitor depara com a descrição de um conflito interior que se prende em grande medida com a dissimulação do que a jovem sente. Dissimula para que a Ama não perceba o que lhe vai na alma e dissimula para que Bimarder apenas suspeite do sentimento que lhe devota, por timidez ou por ser instintivamente sabedora de que a certeza do seu amor, por parte dele, pode vir a comprometer o jogo de sedução. O drama do feminino, seja no corpo da ardente Aónia, seja no da mesurada Arima, que o leitor não chega a ter a certeza de retribuir o amor de Avalor, define-se pois em grande parte pelos condicionamentos sociais que restringem a ação da mulher enamorada, dividida entre os gestos de ocultar e revelar. Curiosamente, apesar dos seus atos audazes, e apesar de se enfatizar por diversas vezes na novela a ideia de que, por serem homens, têm a capacidade de suportar a mágoa, os dois cavaleiros, que «não eram como outros homens», defrontam obstáculos semelhantes àqueles que, de uma forma genérica, se diz depararem-se às mulheres.

Em suma, a iminência das restrições que condicionam a mulher surge como pano de fundo da «arte de amar» que se delineia da *História de Menina e Moça*. Com base nessas limitações se desenrolam também os conselhos que a Ama e Inês dão a Aónia e que Lamentor dá a Arima. Relativamente ao ponto de vista dos cavaleiros que protagonizam as histórias narradas, através da alusão à «fé» em que se baseia o seu excecional pranto amoroso, face ao desamor que caracteriza a generalidade dos homens — como afirma a Dona do Tempo Antigo, «Neles só cuido que se encerrou a fé que em todos outros se perdeu» —, elabora-se um elogio que colhe sugestões inequívocas na tradição lírica cortês, adaptada que foi à novelística sentimental. A fé constitui a base da alegoria da *prisão de amor* em destaque no *Cárcel* de San Pedro. Quer

no sentido de fidelidade inquebrantável à amada, quer no de firmeza perante as vicissitudes do amor, ela constitui uma das qualidades do amante perfeito. Só a morte tem o poder de desfazer esta fidelidade. Contudo, paradoxalmente, a morte é um testemunho insuperável dela. A singularidade dos «dous amigos», pela devoção ao amor de que são exemplo, surge assim enaltecida enquanto valor perdido («já a geração deles não havia aí»). A melancolia, ou, se quisermos, a tristeza ou saudade, espelhada na sua conduta, encerra, desta maneira, a expressão máxima do ideal amoroso da *Menina e Moça*.

5. A presente edição

5.1 A escolha do texto-base

Adotámos como texto-base a edição intitulada *Hystoria de Menina e Moça*, dada à estampa em Ferrara, em 1554, na tipografia de Abraão Usque. Nesta escolha tivemos em consideração as palavras de José Vitorino de Pina Martins, que sustenta que o primeiro impresso conhecido do romance de Bernardim, podendo não ser o mais antigo testemunho da obra de que dispomos, é no entanto aquele que apresenta um menor índice de lapsos e «representa a cópia de um testemunho manuscrito desaparecido susceptível de remontar a um estádio primitivo de autenticidade credível» («Bernardim Ribeiro — O Homem e a Obra», Estudo Introdutório a *História de Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro, 2002, p. 216). Foi também seguindo a lição deste autor que recorreremos às variantes apresentadas naquele que é provavelmente o mais antigo exemplar da *Menina e Moça*, o Manuscrito da Biblioteca Nacional de Portugal, para corrigir os lapsos presentes no texto de Ferrara. Com esse mesmo intuito, apenas em uma circunstância nos reportamos ao Manuscrito da Real Academia de la Historia de Madrid. Veja-se qual: «Quereis vós, senhora Ama, saber *do pastor?*»

Quanto à Edição de Évora, pelas significativas diferenças que apresenta em relação aos dois primeiros exemplares, não a inserimos neste cotejo.

5.2 A fixação do texto

O trabalho de estabelecimento do texto desta edição exigiu de nós a capacidade de conciliar o respeito pelo texto-base e a necessidade inalienável de o tornar acessível ao leitor moderno. Procedemos, com efeito, à modernização da sua apresentação gráfica, o que nos levou a uniformizar as ocorrências de algumas formas cuja atualização é compatível com as realizações fónicas características do Português do século XVI (sufrimento>sofrimento, mãi>mãe). Desenvolvemos os ditongos *ea>eia*, *eo>eio*, *oa>ua*, *ue>ui*, presentes maioritariamente em posição de sufixo; aproximámos tanto quanto possível *roissinol* da sua grafia atual, substituindo *ss* por *x* (*roixinol*), e fizemos o mesmo com *page>paje*. Na generalidade, mantivemos as alternâncias gráficas (*pudera/podera*, *direita/dereita*, *suspeita/sospeita*, *determinação/detreminação*, *resposta/reposta*, *impedir/empedir*, *razão/rezão*), uma vez que dão conta da diversidade própria do estádio evolutivo da língua. Apenas quando a sua ocorrência é passível de gerar ambiguidade semântica, e tendo em conta a proximidade fonética existente entre as formas, procedemos à sua atualização e uniformização (*compre>cumpre*, *deferente>diferente*). De resto, dividimos o texto em parágrafos e capítulos e atribuímos a designação de Prólogo à parte inicial da obra; introduzimos sinais gráficos indicativos de discurso direto; regularizámos o uso de letras maiúsculas segundo a ortografia contemporânea, assim como atualizámos a pontuação e a acentuação. Sublinhe-se ainda que inserimos o apóstrofo como elemento de separação em expressões onde preposição ou pronome surgem unidos a verbo ou substantivo (*dentrar>d'entrar*), mantivemos no texto as formas truncadas das preposições «até» (*té*), «ái» (*í*) e do advérbio «ainda» (*inda*) e conservámos as ocorrências de rotacismo em *frauta*, *crara*, *decrarada*.

Atendendo aos objetivos da «Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa», esta edição da *História de Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro não constitui uma edição crítica. Contudo, tornámos visíveis, no próprio corpo do texto, em itálico, as

alterações que introduzimos no testemunho de Ferrara tendo como base os referidos manuscritos. Essas alterações implicaram a supressão da variante do texto-base, quando ela existe. As conjecturas ou propostas de leitura introduzidas no texto, por sua vez, surgem dentro de parênteses retos.

Por fim, colocámos notas explicativas em algumas expressões ou vocábulos cuja interpretação pode não ser imediatamente óbvia para o leitor e remetemos para o glossário os termos arcaicos.

Nota biobibliográfica

Marta Marecos Duarte

Bernardim Ribeiro terá nascido no Torrão, vila alentejana que pertence hoje ao concelho de Alcácer do Sal. Esta hipótese baseia-se numa referência presente na égloga *Jano e Franco* (vv. 10-13)¹. Numa das versões da égloga *Basto*, da autoria de Francisco de Sá de Miranda, amigo do autor da *História de Menina e Moça*, as palavras do pastor Bieito parecem também indiciar essa origem: «Tornaste me ora à lembrança/ Um amigo do Torrão» (vv. 401-402)².

O facto de ter assinado várias composições incluídas no *Cancioneiro Geral*, publicado por Garcia de Resende em 1516, permite situar o seu nascimento entre 1480 e 1490. Desta colaboração se pode depreender que Bernardim foi frequentador da corte de D. Manuel I, onde terá privado com Sá de Miranda. Ao contrário do introdutor do soneto em Portugal, Bernardim Ribeiro não foi um cultor da medida nova. Contudo, considera-se que a sua obra se aproxima do cânone renascentista, quer

1 Cf. «Egloga Segunda», in Bernardim Ribeiro, *História de Menina e Moça*. Reprodução fac-similada da edição de Ferrara, 1554. Estudo introdutório por José Vitorino de Pina Martins. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, fôlio LXXXVIIv.

2 *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*. Edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Reprodução em fac-simile do exemplar com data de 1885 da Biblioteca Nacional. Lisboa: INCM, 1989, p. 553.

por dela fazerem parte diversas élogas e uma sextina, géneros clássicos sujeitos a inovações nos séculos xv e xvi³, quer pelos vários paralelismos que é possível estabelecer entre o seu legado e o de autores como Ovídio, Petrarca e Sanazzaro, que exerceram uma influência modelar sobre os autores quinhentistas.

Além do referido, sobre Bernardim Ribeiro praticamente nada se sabe. Durante muito tempo, a sua obra serviu para ilustrar factos que se acreditou terem feito parte da sua vida. Como afirma J. A. Cardoso Bernardes, «À falta de documentos, o estabelecimento desses dados [condição aristocrática, amores clandestinos, loucura] operou-se através de uma verdadeira saga decifratória visando os anagramas das élogas e de *Menina e Moça*»⁴. Foi sobretudo «o projecto de construção de uma história literária nacional» que obrigou a «que ao autor da *História de Menina e Moça* se tenha feito corresponder, desde cedo, o protótipo do luso genial e sensível»⁵. O protótipo que se esboçara nas cantigas de amigo e que se «projectaria depois no Romantismo e no Saudosismo»⁶ contribuiu para determinar o lugar indiscutível que a novela de Bernardim ocupou, ao longo do século xx, nos manuais escolares. A tematização da saudade que nela é feita foi também um fator determinante dessa presença, porquanto serviu de base a uma mitificação da identidade portuguesa como sendo singularmente marcada por este sentimento.

Exemplo da decifração acima citada foi a interpretação levada a cabo por Teófilo Braga no ensaio *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, publicado em 1872. As perspetivas aí propostas

3 Cf. António José Saraiva, *História da Literatura Portuguesa* (Óscar Lopes, co-autor). 17.ª ed., Lisboa: Porto Editora, 2005, pp. 227 e 244.

4 José Augusto Cardoso Bernardes, «A construção da história da literatura e a dinâmica do cânone escolar: o caso de Bernardim Ribeiro», in *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, n.º 1, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 135.

5 *Idem*, p. 137.

6 *Ibidem*, «A crença do filólogo: Pina Martins e a *História de Menina e Moça*», in *Magnum Miraculum Est Homo*, José Vitorino de Pina Martins e o Humanismo. Maria das Graças Moreira de Sá, Isabel Almeida e Cristina Sobral (coords.), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2008, p. 29.

são reformuladas anos depois num outro estudo, *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo*⁷. Com base num documento falso⁸, Teófilo desvenda a *Menina e Moça*, estabelecendo, entre muitas outras, correspondência entre o par amoroso ficcional Bimarder-Aónia e o poeta Bernardim Ribeiro e a sua prima D. Joana Zagalo. Sob as alegorias pastorais e cavaleirescas, «[t]ratavam-se ahi *amores do paço*»⁹, refere. O aparecimento da intriga de corte a que o poeta surge associado, à qual não é alheio o mistério que reveste o final das histórias da *Menina e Moça*, em particular a de Avalor e Arima, antecede em muito o final do século XIX. No século XVII, Manuel de Faria e Sousa, em *Fuente de Aganipe* (1644)¹⁰, divulgava pela primeira vez a lenda dos trágicos amores de Bernardim Ribeiro com a Infanta Dona Beatriz, segunda filha de D. Manuel I. Uma lenda que foi tida em consideração não só por Teófilo Braga, mas também por Alexandre Herculano e Almeida Garrett¹¹.

Em pleno século XX, desenvolveu-se uma outra corrente biografista, também com repercussões na interpretação da obra. Trata-se daquela que afirma o judaísmo, ou criptojudaísmo, de Bernardim, e que encontra base de sustentação na descoberta

7 *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo, História da Literatura Portuguesa*. Porto: Chardron, 1897.

8 Trata-se de uma tença datada de 6 de maio de 1642, supostamente encontrada pelo visconde de Sanches de Baena, e publicada num opúsculo assinado pelo próprio (*Bernardim Ribeiro*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, 1895). Alega a participação do pai de Bernardim Ribeiro na conspiração contra D. João II, facto que o teria obrigado a exilar-se em Castela, dá conta do relacionamento amoroso do poeta com uma prima e situa a sua morte em 1552, louco, no Hospital Real de Todos os Santos. Em 1940, Álvaro Júlio da Costa Pimpão desfaz o equívoco criado pelo referido documento, no artigo «Bernardim Ribeiro: uma fraude documental», in *Bíblas* (Coimbra), vol. XVI, 1940, pp. 239-254.

9 Cf. Teófilo Braga, *op. cit.*, 1897, p. 269.

10 Cf. J. V. de Pina Martins, «Bernardim Ribeiro, O Homem e a Obra», in *Bernardim Ribeiro, História de Menina e Moça*. Reprodução fac-similada da edição de Ferrara, 1554. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 151.

11 Da autoria de Herculano, o artigo «Os amores de Bernardim Ribeiro e a Infanta D. Beatriz», in *O Panorama, Jornal Litterario e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis*, III. Lisboa: Typographia da Sociedade, 1839, pp. 276-278. De Garrett, a peça *Um Auto de Gil Vicente*, levada à estampa pela primeira vez cerca de 1843 (Porto: Livraria Civilização, 1938).

da edição de Ferrara da *História de Menina e Moça*¹². Foram os Usque, judeus portugueses exilados em Itália, que publicaram a *editio princeps* da novela portuguesa. Com que interesse? Porquê editar uma obra de carácter profano entre uma maioria de publicações de cariz religioso, dirigidas a leitores judeus? Perguntas como estas, acrescidas do facto de a novela figurar no *Índice expurgatório de 1581* e de se revestir de elementos sugestivos de uma certa heterodoxia cultural e religiosa, paralelamente a uma significativa ausência de referentes associados ao universo do cristianismo, levaram José Teixeira Rego (1931) e Helder Macedo (1977) a atribuírem a Bernardim a condição de judeu, ou cristão-novo¹³. O primeiro lança ainda a hipótese de o poeta e Judá Abravanel, mais conhecido pelo nome Leão Hebreu, autor de *Diálogos de Amor*, obra publicada em Itália em 1535, serem a mesma pessoa.

Assim, não dispondo por ora de documentação que nos conduza à elaboração de um retrato fiel do autor, atente-se em algumas pistas que poderão ajudar a esbater parte do mistério em torno da sua biografia.

É provável que Bernardim Ribeiro tenha falecido entre 1530 e 1540. A referência em tempo pretérito a um certo Ribeiro, em várias églogas de Sá de Miranda escritas entre 1532 e 1536, permite conjecturar essa possibilidade. Herculano de Carvalho foi dos primeiros a ter este dado em conta, lançando o debate sobre um verso contido num *Epitalâmio pastoril* de Miranda («De Ribero has sabido bien quién fué?», v. 188)¹⁴. Eugenio

12 Esta edição quinhentista (1554) foi recuperada por Braamcamp Freire no final do século XIX, a partir de exemplar existente no Museu Britânico. É da responsabilidade deste autor a sua primeira publicação em Portugal (Bernardim Ribeiro, Cristóvão Falcão, *Obras*. Nova edição conforme a de Ferrara, preparada e revista por Anselmo Braamcamp Freire e prefaciada por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1923).

13 Trata-se, respetivamente, dos ensaios *Estudos e Controvérsias (Língua e Literatura Portuguesa)*. Compilação, posfácio e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Assírio & Alvim, 1991, e *Do Significado Oculto da Menina e Moça*. Lisboa: Guimarães Editores, 1999.

14 *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, p. 510. O estudo de Herculano de Carvalho intitula-se «Terá Bernardim Ribeiro falecido antes de 1536?», separata de *Biblos*, vol. XXXI, Coimbra, 1956.

Asensio, ao fixar a data de escrita do Manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa da *Menina e Moça* entre 1540 e 1546, sugere também o falecimento do autor em data anterior a 1540¹⁵.

Segundo Pina Martins, um passo da égloga *Alexo* parece sugerir que Bernardim Ribeiro acompanhou Miranda na sua viagem a Itália, entre 1521 e 1526. Repare-se nos versos que pensa aludirem à companhia de Ribero: «Al cantar que aqui cantámos;/ Fue [...] de estraña parte/ Donde un tiempo ambos andamos/ I dir te he como pasó» (vv. 437-440)¹⁶. Tal circunstância inviabilizaria a conexão do poeta com o cargo de escrivão da câmara de D. João III, atribuído a alguém com o mesmo nome, em 1524¹⁷. Terá este sido apenas mais um dos homónimos do autor da *Menina e Moça*?

As alusões a Ribeiro nas églogas de Miranda¹⁸ não ficam por aqui. Ainda em *Alexo*, o pastor Juan, referindo-se ao canto de Ribero, termina a estrofe com uma acusação à «Gente de firmeza poca/ Que le dió tantos loores,/ I aora ge los apoca» (vv. 388-390)¹⁹. O conteúdo destes versos indiciaria, por sua vez, uma situação de mudança relativamente ao apreço granjeado pelo poeta.

Poder-se-á entender estas citações como pistas biográficas com a mesma certeza com que o fazemos em relação, por exemplo, à referência do poeta do Neiva a Garcilaso de la Vega, cuja morte é lamentada pelos pastores da Égloga V (*Nemoroso*), escrita um ano após o falecimento do poeta espanhol? Enquanto os esboços de uma possível biografia não assumem uma maior

15 Eugenio Asensio, «Bernardim Ribeiro a la luz de un manuscrito nuevo – Cultura literaria y problemas textuales», in *Estudios Portugueses*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1974, pp. 189-197, apud Juan M. Carrasco González, «Introdução», in Bernardim Ribeiro, *Menina e Moça ou Saudades*. Coimbra: Angelus Novus, 2008, p. 73.

16 *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, p. 118.

17 O facto está registado num documento pertencente ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo, fólio 164 do livro 37.º de D. João III (Cf. José Vitorino de Pina Martins, *op. cit.*, p. 20, nota 6).

18 Aparentemente, o poeta do Neiva foi também citado por Bernardim: «Franco de Sandouir», anagrama de Francisco de Sá de Miranda, é um dos pastores de *Jano e Franco* (cf. *ibidem*, p. 35).

19 *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, p. 116.

nitidez de contornos, debrucemo-nos sobre as obras atribuídas a Bernardim Ribeiro.

Prosa

A novela *Menina e Moça*, cujo título varia nas edições e manuscritos quinhentistas:

«Obra intitullada saudades de/ Bernaldim Ribeiro q foy autor della» (Manuscrito Bernardiniano da Biblioteca Nacional de Lisboa), 1545-1555.

«Hystoria/ de Menina e Moça, por Ber-/ naldim Ribeyro agora de/ novo estampada e com/ summa deligencia/ emendada», Abraão Usque (editor), Ferrara, 1554. Impressão reproduzida em Colónia, na Alemanha, em 1559, por Arnold Birkmann.

«Primeira/ & segūda parte do/ livro chamado as/ saudades/ de Ber/ nardim Ribeiro,/ com todas suas o/ bras treladado/ de seu proprio original», André de Burgos (editor), Évora, 1557. Considera-se que os capítulos XVIII-LVIII da segunda parte desta edição, que não figuram nos restantes testemunhos quinhentistas, constituem uma continuação da obra que não é da autoria de Bernardim Ribeiro.

«Tratado de Bernaldim Ribeiro» (Manuscrito da Real Academia de la Historia de Madrid), datado de finais do século XVI.

Poesia

Duas trovas, três cantigas, três esparsas e quatro vilancetes, publicados no *Cancioneiro Geral*.

Cinco élogos: *Persio e Fauno, Jano e Franco, Silvestre e Amador, Jano, Agrestes e Ribeiro*.

A *sextina* «Ontem pôs-se o sol, e a noute».

Duas cantigas publicadas na edição de Ferrara da *História de Menina e Moça*.

O romance *Ao longo de hũa ribeira*, pela primeira vez atribuído a Bernardim Ribeiro na edição da *Menina e Moça* de 1645.

Glossário

A

Acaecer — acontecer.

Acatamento — respeito; obediência.

Achaque — mal-estar ou doença sem gravidade; motivo, pretexto.

Acinte — de forma intencional.

Acolhenças — acolhimento, recepção.

Afora — exceto, salvo; além de.

Agastada — aflita, ansiosa, angustiada.

Agastamento — ato ou efeito de agastar-se: sentir dores, aflição, angustiar-se.

Al — outra coisa.

Alongadas — afastadas.

Alongar-se — afastar-se.

Alongar — adiar.

Amoestar — o mesmo que admoestar: incitar, aconselhar, avisar.

Anojado — desgostoso, aborrecido.

Anojar — causar nojo, dano, moléstia.

Anojar-se — desgostar-se, aborrecer-se.

Apostamente — convenientemente, elegantemente.

Aposto — bem feito de corpo, gentil; bem arranjado, vestido ou disposto com apuro; pronto.

Arremedar — assemelhar-se, lembrar, imitar.

Asinha — rapidamente.

Assaz — bastante, suficientemente.

Assomada — lugar alto, cume do monte.

Aventura — circunstância ou lance acidental, inesperado; fortuna, o mesmo que ventura.

Avezar(-se) — acostumar(-se).

Avisada/o — ajuizada/o, discreta/o, prudente.

Avondosa — o mesmo que abundosa: rica.

B

Bragada/o — diz-se do animal cujas pernas são de cor diferente da do resto do corpo, ou do quadrúpede, especialmente o touro, que apresenta pelo escuro, com malhas claras na barriga ou em parte dela.

Burel — tecido grosseiro de lã, geralmente parda, castanha ou preta.

C

Ca — que, porque.

Cabo — extremidade, limite, fim; lado, lugar, recanto.

Calentar — o mesmo que acalentar: fazer calar a criança que chora, aquietar para adormecer.

Calma — o calor do dia; a hora mais quente do dia.

Catar — procurar.

Cobrar (cobramos) — obter como paga, receber o que nos é devido.

Coita (cuita) — dor, aflição, desgraça.

Concerto — ajuste, arranjo, armação, enfeite, alinhamento.

Contra — para, em direção a; em oposição a, em contraposição; de face para, de frente para; junto a, muito próximo a.

Crimemente — severamente.

Cuidado — inquietação, preocupação.

Cuidar — cogitar, pensar, idear, fantasiar.

Cuidoso/a — que anda em cuidados, ansioso, preocupado.

Curar (curo, curasse) — ocupar-se, importar-se com, interessar-se por.

D

Desagastar — aliviar.

Desarrazoadas — não racionais, despropositadas, injustas.

Desarrazoadamente (desarrezoadamente) — injustamente, insensatamente.

Desventura — o mesmo que desventura.

Descontra — para, em direção a.

Detença — ação ou efeito de deter-se; demora.

Dilatar — adiar, retardar.

Divisar (devisar) — avistar, enxergar.

E

Em mentes/mentres — enquanto.

Entrametes — naquele espaço de tempo; entretanto.

Enxalmo — tipo de manta que se coloca por cima da albarda das bestas de carga.

Escontra — o mesmo que *Descontra*.

Escusar — evitar, dispensar; perdoar.

Escusar-se — dispensar-se de fazer algo, por desnecessário.

Esforçado — corajoso, valente.

Esforço — coragem.

Estrado — espécie de palanque baixo armado em sala, onde antigamente se reuniam as mulheres, em casa, para estar a trabalhar.

Estreita — aperto, restrição.

F

Familiares — que são da família, vivem na mesma casa; domésticos; amigos íntimos.

Fato — pequeno rebanho, especialmente de cabras; estábulo.

Feramente — ferozmente, violentamente.

G

Gabão — capote de mangas ou casacão, com capuz e cabeção («espécie de gola»).

Gasalhar — o mesmo que agasalhar: acolher calorosamente, com grande solicitude.

Gasalhosamente — de forma hospitaleira, amavelmente.

J

Jornada — marcha que se faz num dia.

L

Lambareira — mulher cuja tagarelice visa intrigar; mexeriqueira.

Leda/o — alegre, contente, satisfeita/o.

Leixar — o mesmo que deixar.

Ligeiramente — rapidamente, facilmente.

M

Mancebo — rapaz.

Manincório/a (menencório) — *adj.* — aborrecido, triste; irado.

Menencória (manencória) — *subst.* — melancolia, pesar.

Mentar — trazer à mente, recordar, fazer lembrar.

Mercê — galardão, benefício, recompensa; graça, favor.

Mesuradamente — prudentemente, moderadamente.

Mesurado — atencioso, afável; prudente.

Mofina — *subst.* — infelicidade, má-sorte.

Mofino — *adj.* — que tem má sorte.

N

Nojo — pesar, tristeza, grande desgosto.

O

Opinião (openião) — empresa, intento.

P

Paramentos — cobertura, revestimento; ornamentos.

Partidas — paragens longínquas do mundo.

Passozinho — devagar, mansamente.

Peçonha — veneno.

Posto que — ainda que.

Prática — conversação.

Prestesmente — com prontidão, agilmente, rapidamente.

Presunção — suposição, suspeita; ilusão, imaginação.

Q

Quedas — o mesmo que quietas.

R

Razoamento — discurso.

Referta — contenda, conflito.

Retumbada — que retumba, produz som cavo e profundo; ressoante.

Rijo — o mesmo que rijamente: com força ou energia, tenazmente.

Rodilhado — pano que as mulheres atavam à volta da cabeça, para segurarem o cabelo e assim poderem dormir mais confortáveis.

S

Sazão — tempo, ocasião; estação do ano.

Semelhança — aparência exterior, aspeto.

Sobraçada — segura debaixo do braço.

Soer (soem, soía, soíamos) — costumar.

Solaz — distração, prazer.

Soldada — soldo, salário.

Sombra — aparência, imagem, semblante; visão, espectro, fantasma.

T

Tacha — defeito moral.

Tamalavez — um tanto.

Tornada — *subst.* — regresso; *p.p.* — regressada; restituída.

Torrão — pedaço de terra aglutinada, mais ou menos endurecida; aglomerado de barro, de lama.

Torto — ofensa, injúria.

Traçado — espada curta e larga.

Transportado — o mesmo que transportado: arrebatado, extasiado.

Transportar-se — o mesmo que transportar-se: arrebatarse, extasiarse.

**História de
Menina e Moça**

[Prólogo]

Menina e moça me levaram de casa de minha mãe para muito longe. Que causa fosse então daquela minha levada, era ainda piquena, não a soube. Agora não lhe ponho outra senão que parece que já então havia de ser o que depois foi. Vivi ali tanto tempo quanto foi necessário para não poder viver em outra parte. Muito contente fui em aquela terra, mas, cuitada de mim, que em breve espaço se mudou tudo aquilo que em longo tempo se buscou e para longo tempo se buscava. Grande desventura foi a que me fez ser triste ou, per aventura, a que me fez ser leda. Depois que eu vi tantas cousas trocadas por outras, e o prazer feito mágoa maior, a tanta tristeza cheguei que mais me pesava do bem que tive que do mal que tinha.

Escolhi para meu contentamento, se em tristezas e cuidados há í algum, vir-me viver a este monte onde o lugar e a míngua da conversação da gente fosse como já pera meu cuidado cumpria, porque grande erro fora¹, depois de tantos nojos quantos eu com estes meus olhos vi, aventurar-me ainda a esperar do mundo o descanso que ele não deu a ninguém. Estando eu assi só, tão longe de toda a gente e de mim ainda

1 *fora: seria.*

mais longe, donde não vejo senão serras que se não mudam de um cabo nunca e, doutra *parte*, águas do mar que nunca estão quedas, onde cuidava eu já que esquecia a desventura, porque ela, e depois eu, a todo poder que ambas pudemos, não deixámos em mim nada em que pudesse achar lugar nova mágoa, antes tudo havia muito tempo como há que é povoado de tristezas, e com rezão. Mas parece que das desaventuras há mudança para outras desaventuras, que do bem não a havia para outro bem.

E foi assi que, por caso estranho, fui levada em parte onde me foram diante meus olhos apresentadas em cousas alheias todas as minhas angústias, e o meu sentido de ouvir não ficou sem sua parte de dor. Ali vi então na piedade que houve de outrem, *camanha*² a devera de ter de mim, se não fora³ demasiadamente mais amiga de minha dor do que parece que foi de mim quem me é causa dela. Mas tamanha é a razão por que são⁴ triste, que nunca me veio mal nenhum que eu já não andasse em busca dele. Daqui me veio a mim parecer que esta mudança em que me eu agora vejo já a eu então começava a buscar, quando me esta terra, onde me ela aconteceu, aprouve mais que outra nenhuma, para vir nela acabar os poucos dias de vida que eu cuidei me sobejavam. Mas em isto como em as outras cousas também me enganei, que agora já há dous anos que estou aqui e não sei ainda tão-somente determinar pera quando me aguarda a derradeira hora. Não pode já vir longe!

Isto me pôs em dúvida de começar a escrever as cousas que vi e ouvi. Mas depois, cuidando comigo, disse eu que arrecear de não acabar de escrever o que vi não era cousa para o deixar de fazer, pois não havia de escrever pera ninguém senão pera mim só, ante quem cousas não acabadas não havia de ser novo. Que quando vi eu prazer acabado ou mal que tivesse fim?

2 *camanha*: tamanha.

3 *devera*: deveria; *fora*: fosse.

4 *são*: sou.

Antes me pareceu que este tempo que hei de estar assi em este ermo, como ao meu mal aprouve, não o podia empregar em cousa que mais de minha vontade fosse. Pois Deus quis, assi minha vontade seja.

Se em algum tempo se achar este livro de pessoas alegres⁵, não o leiam. Que, por aventura, parecendo-lhe que seus casos serão mudáveis como os aqui contados, o seu prazer lhes será menos prazer. Isto, onde eu estivesse, me doeria, porque assaz abastava nacer eu pera minhas mágoas, senão ainda para as doutrem. Os tristes o poderão ler, mas aí não os houve mais, depois que nas mulheres houve piedade. Nas mulheres, sim, porque sempre nos homens houve desamor. Mas para elas não o faço eu, que, pois que o seu mal é tamanho que se não pode confortar com outro nenhum, é para as mais entristecer, sem-razão seria querer eu que o lessem elas. Mas antes lhes peço muito que fujam dele e de todalas cousas de tristeza, que ainda com isto poucos serão os dias que hão de poder ser ledas, porque assi está ordenado pela desventura com que elas nascem. Para uma só pessoa podia ele ser, mas desta não soube eu mais parte, depois que suas desditas e minhas o levaram para longes terras e estranhas, onde bem sei eu que, vivo ou morto, o possui a terra sem prazer nenhum.

Meu amigo verdadeiro, quem me vos levou tão longe? Que vós comigo e eu convosco, sós soíamos passar nossos nojos grandes, e tão pequenos para os de depois! A vós contava eu tudo. Como vos vós fostes, tudo se tornou tristeza, nem parece ainda senão que estava espreitando já que vos fôsseis. E porque tudo ainda mais me magoasse, tão-somente não me foi deixado em vossa partida o conforto de saber para que parte de terra íeis, que descansaram⁶ meus olhos em levarem para lá a vista. Tudo me foi tirado no meu mal, nem remédio nem conforto houve aí. Para morrer, asinha me pudera isto aproveitar, mas para isto não me aproveitou. Inda convosco usou desventura

5 de pessoas alegres: na posse de pessoas alegres.

6 descansaram: descansariam.

algum modo de piedade em vos alongar desta terra, pois que pera não sentirdes mágoas não havia remédio, para as não ouvirdes vo-lo deu. Coitada de mim, que estou falando e não vejo ora eu que leva o vento as minhas palavras e que me não pode ouvir a quem falo!

Bem sei que não era eu para isto *a que* me quero ora pôr, porque escrever alguma cousa pede alto repouso, e a mim as minhas mágoas oras me levam para um cabo, oras para outro, e trazem-me assi, que me é forçado tomar as palavras que me elas dão, porque não sou tão costringida⁷ servir ao engenho como à minha dor.

Destas culpas me acharão muitas neste livrinho, mas da minha ventura foram elas. Ainda que, quem me manda a mim olhar por culpas nem desculpas, que o livro há de ser do que vai escrito nele! Das tristezas não se pode contar nada ordenadamente, porque desordenadamente acontecem elas. E também, por outra parte, não me dá nada não o leia ninguém, que eu não o faço senão para um só, ou para nenhum, pois dele, como disse, não sei parte tanto há. Mas se ainda está para me ser em algum tempo outorgado que este pequeno penhor de meus longos suspiros vá ante os seus olhos, muitas outras cousas desejo, mas esta me seria assaz.

7 costringida: costringida.

[CAPÍTULO 1]

Neste monte mais alto de todos que eu vim buscar pela soidade⁸ diferente dos outros que nele achei, passava eu minha vida como soía, ora em me ir pelos fundos destes vales que o cingem ao derredor, ora em me pôr do mais alto dele a olhar a terra como ia acabar ao mar, e depois o mar como se estendia logo após ela, para se ir acabar onde o ninguém visse. Mas quando vinha a noute, aceita a meus pensamentos, que via as aves buscar os pousos, umas chamarem as outras, parecendo que queria assossegear a terra mesma, então, eu, triste, com os cuidados dobrados dos com que amanhecera, me recolhia para minha pobre casa, onde só Deus me é boa testemunha de como as noutes dormia.

Assi passava eu o tempo, quando, uma das passadas, pouco haveria, alevantando-me eu, vi a menhã como se erguia fermosa estender-se graciosamente por entre os vales e deixar indo os altos, que já o sol, alevantado até os peitos, vinha tomando

8 *soidade*: solidão. Não estando ainda estabelecida no século XVI a atual forma para *saudade*, nem do ponto de vista gráfico nem do ponto de vista semântico, na *Menina e Moça*, enquanto substantivo, apenas se regista a forma «soidade», que nalguns casos quer dizer solidão, derivando do latim *solitāte*. Noutros assume o significado de melancolia e nostalgia que lhe damos hoje, cuja proveniência é duvidosa. Enquanto adjetivo, a palavra surge de acordo com a grafia atual (cf. «saudoso tom»).

posse nos outeiros, como quem se queria senhorear da terra. As doces aves, batendo as asas, andavam buscando umas as outras. Os pastores, tangendo as suas frautas e rodeados dos seus gados, começavam d'assomar já pelas sementeiras. Para todos parecia que vinha aquele dia assi ledo. Os meus cuidados sós, vendo como vinha o seu contrário, ao parecer, poderoso, recolheram-se a mim, pondo-me ante os olhos pera quanto prazer pudera aquele dia vir, se não fora tudo tão mudado, por onde o que fazia alegre todas as cousas, a mim só teve causa de fazer triste.

E como os meus cuidados, para o que tinha a ventura já ordenado, me começassem d'entrar pola lembrança de algum tempo que foi, e que nunca fora⁹, ensenhorearam-se assi de mim que me não podia já sofrer a par da minha casa e desejava ir-me por lugares sós, onde desabafasse em sospirar. E ainda bem não foi alto dia, quando eu (parece que o senti) determinei ir-me pera o pé deste monte, que de arvoredos grandes e verdes ervas e deleitosas sombras cheio é, por onde *corre* um pequeno ribeiro de água de todo ano, que, nas noutes caladas, o rogado dele faz no mais alto deste monte um saudoso tom que muitas vezes me tolheu o sono a mim; onde eu vou muitas vezes deixar as minhas lágrimas, onde também muitas, infindas, as torno a beber.

Começava então de querer cair a calma, e, no caminho, com a pressa que eu levava por fugir a ela, ou pola desventura que me levava, três ou quatro vezes caí. Mas eu, que depois de triste cuidei que não tinha mais que temer, não olhei nada por aquilo em que parece que Deus me queria avisar da mudança que depois havia de vir. Chegando à borda, olhei pera onde via maiores sombras, e pareceram-me as que estavam além do rio. Disse eu então entre mim que naquilo se enxergava que era mais desejado tudo o que com mais trabalho se podia haver, porque não se podia ir além sem se passar a água que

9 *nunca fora*: teria sido melhor que nunca tivesse existido.

corria ali mais mansa e mais alta que noutra parte. Mas eu, que sempre folguei de buscar meu dano, passei além e fui-me assentar de sob a espessa sombra de um verde freixo que para baixo um pouco estava e algumas das ramas estendia por cima da água que ali fazia tamalavez de corrente e, empedida de um penedo que no meio dela estava, que se partia para um e outro cabo, murmurando.

Eu que os olhos levava ali postos comecei a cuidar como nas cousas que não tinham entendimento havia também fazerem-se umas às outras nojo. E estava ali aprendendo tomar algum conforto no meu mal, que assi aquele penedo estava ali anojando aquela água que queria ir seu caminho como as minhas desaventuras, noutro tempo, soíam fazer a tudo o que mais queria, que agora já não quero nada. E crecia-me daquilo um pesar, porque a cabo do penedo tornava a água a juntar-se e ir seu caminho sem estrondo algum, mas antes parecia que corria ali mais depressa que pela outra parte. E dizia eu que seria aquilo por se apartar mais asinha daquele penedo, imigo¹⁰ de seu curso natural, que como por força ali estava.

Não tardou muito que, estando eu assi cuidando, sobre um verde ramo que por cima da água se estendia se veio apousentar um roixinol. E começou tão docemente cantar que de todo me levou após si o meu sentido de ouvir, e ele cada vez crecia mais em seus queixumes, cada hora parecia que como cansado queria acabar, senão quando tornava como que começava então. A triste da avezinha! Que, estando-se assi queixando, não sei como, caiu morta sobre a água, e caindo por entre as ramas, muitas folhas caíram também com ela. E pareceu aquilo sinal de pesar àquele arvoredado, seu caso tão desestrado. Levava-a após si a água e as folhas após ela. Quisera-a eu tomar, mas por a corrente que ali fazia grande e por o mato que dali para baixo acerca do rio logo estava, prestesmente se me alongou da vista. Mas o coração me doeu tanto então em ver tão asinha

10 *imigo*: inimigo.

morto quem antes, tão pouco havia, que vira estar cantando, que não pude ter as lágrimas.

Certo que por cousa deste mundo, depois que eu perdi outra cousa, não me pareceu a mim que chorasse assi de vontade. Mas em parte este meu cuidado não foi em vão, porque, ainda que por a desventura daquela avezinha fossem causadas minhas lágrimas, lá ao sair delas foram juntas outras minhas lembranças tristes. Grande pedaço de tempo estive assi, embargados meus olhos ante os cuidados que muito tempo havia que me tinham já então, e inda terão, té quando venha o tempo que alguma pessoa estranha, de dó de mim, com as suas mãos cerre estes meus olhos que nunca foram fartos de me mostrarem mágoas.

Estando assi *olhando* para donde corria a água, senti bolir o arvoredo. Cuidando que fosse outra cousa, tomou-me medo, mas olhando para lá, vi que vinha uma molher. E pondo nela bem os olhos, vi que era de corpo alto, desposição boa¹¹, o rosto de senhora, dona do tempo antigo. Vestida toda de preto, no seu manso andar e seguros meneios do corpo e do rosto e olhar, parecia d'acatamento. Vinha só, na semelhança tão cuidosa que não apartava os ramos de si, senão quando lhe empediam o caminho ou lhe feriam o rosto. Os seus pés trazia per entre as frescas ervas, e parte do vestido estendido por elas. E entre uns vagarosos passos que ela dava, de quando em quando colhia um cansado fôlego, como que lhe queria falecer a alma.

Sendo junto de mim, que me viu, ajuntando as mãos à maneira de medo de molher, um pouco ficou como que vira cousa desacostumada. E eu que também assi estava, não de medo, que a sua boa sombra logo mo não consentiu, mas da novidade daquilo que ainda ali não vira, havendo muito que por meu mal tinha continuado¹² aquele lugar e toda aquela ribeira,

11 *desposição boa*: boa compleição.

12 *continuado*: frequentado.

não esteve ela muito que, parece que conhecendo também de mim como estava com uma boa sombra:

— Maravilha é — começou vir dizendo contra mim — ver donzela em ermo, depois que a grande minha desventura levou a todo mundo o meu...

E daí a pedaço, misturado já com lágrimas, disse:

— ... filho.

E depois, tirando da manga um lenço, começou d'alimpar o seu rosto, chegando-se para onde eu estava. E levantei-me então, fazendo-lhe aquela cortesia que me ela com a sua e consigo obrigava. E ela:

— O descostume grande — me disse —, em que há muito tempo que vivo neste ermo, de ver pessoa nenhuma, me faz, senhora, desejar saber quem sois e que fazeis aqui, ou que viestes a fazer, fermosa e só.

Eu, que um pouco tardava em lhe responder, pela dúvida que tinha e em mim estava *do* que lhe diria, parece-me que entendendo-me ela a mim:

— Podeis dizer tudo — me tornou —, que eu sou molher como vós e, segundo sigo vossa presença, vos devo ainda ser muito conforme, porque me pareceis, agora que vos olho de mais perto, que deveis ser triste, que os vossos olhos muito têm a vossa fermosura desfeita. Ao longe não se enxergava.

— Pareceis vós logo, senhora, ao longe — respondi eu —, o que sois ao perto. Não vos saberia negar cousa em que de mim vos servísseis, que os vossos trajos e tudo que em vós olho é cheio de tristeza, cousa a que eu sou há muito tempo conforme. E porque posso mal encobrir o senhorio que eu mesma às minhas longas mágoas tenho dado sobre mim, não me quero rogar, mas antes vos devera ainda de agradecer quererdes saber de mim o que quereis, para ser ao menos escutado meu mal alguma hora.

— Pois dizei-me — me tornou ela —, porque, ficardes-me devendo ouvir-vos eu, nova maneira é também de me obrigar-

des. Mas assi me pareceis vós, que de vos ser obrigada folgo muito eu ainda.

Satisfazendo-lhe então disse:

— Fui uma donzela que neste monte da banda d'além deste ribeiro pouco há que vivo, e não posso viver muito. Noutra terra nasci, noutra também de muita gente me criei, donde vim fugindo para este despovoado de tudo, senão só das mágoas que eu trouxe comigo a este vale, por onde correm estas águas craras que vedes. O alto arvoredo de espessas sombras sobre a verde erva e flores que por aqui parecem¹³ a seu prazer se estendem ribeiras desta água fria¹⁴. Doces moradas e pousos das sós deleitosas aves¹⁵, são tão conformes aos meus cuidados que o mais do tempo que o sol assigna a terra passo aqui, que, em que me vejais só, acompanhada estou. Muito há que tenho usado este caminho, nunca vi senão agora a vós. A grande soidade deste vale e de toda a terra por aqui derredor me fez ousar vir assi. Molher fermosa bem vedes que o não sou já, e pois que não tenho armas para ofender, para me defender já para que me seriam necessárias? A toda parte já agora posso ir segura de tudo, senão só de meu cuidado, que não vou a cabo nenhum que ele não vá após mim. Agora dantes, estava eu aqui só, olhando para aquele penedo — mostrando-lhe então como estava ali enojando aquela água que queria ir seu caminho —, ante os meus olhos, sobre aquele ramo que a cobre, se veio pôr um roixinol docemente cantando. De quando em quando, parecia que lhe respondia outro de lá muito longe. Estando ele assi no maior canto, caiu morto sobre aquela água, que o levou tão asinha que o não pude eu ir tomar. Tamanha mágoa me creceu disto que me acordei de outras minhas de que também grandes desastres causa foram, e levaram-me donde me eu também não podia já tornar.

13 *parecem*: *aparecem*.

14 *ribeiras desta água fria*: pelas margens desta água fria.

15 *Doces moradas e pousos das sós deleitosas aves* refere-se a *arvoredo* e a *espessas sombras*.

A estas palavras se me arrasaram os olhos d'água, e fui com as mãos a eles.

— E isto, senhora, fazia eu quando vós aparecestes, e o faço as mais das vezes, porque sempre eu choro ou estou para chorar.

Eu, que lhe tinha já respondido, detive-me um pouco, cuidando como lhe perguntaria outro tanto dela, maiormente a causa que foi de suas lágrimas, quando não pôde senão mui tarde dizer: «filho». Ela (cuidando¹⁶ que per aventura o não queria dizer):

— Mas bem se vê nisso — me disse —, senhora, que sois doutra parte e não há muito que estais nesta, pois dos desastres que sobre este ribeiro acontecem vos espantais, que é uma história muito falada nesta terra toda e por aqui derrador. Muito há que aconteceu, lembra-me que era eu menina e ouvia-a já contar a meu pai por história. Agora ainda folgo de cuidar nela, pelos grandes acontecimentos de desaventuras que nela houve. E inda que nenhum mal alheio possa confortar o próprio de cada um, parte de ajuda pera o sofrimento me é saber eu que antigo é fazerem-se as cousas sem razão e contra razão. De boa vontade, que parece que ainda a não ouvistes, vo-la contara, que, segundo entendo, devem-vos aprazer as cousas tristes, como me vós a mim dezeis.

— O sol — lhe respondi — vai alto e eu folgaria muito de a ouvir pela ouvir a vós, e depois por saber como não busquei embalde esta terra para minhas tristezas, pois tanto há que se costumam nela. Outra cousa, senhora, vos quisera eu agora dantes perguntar, mas fique para depois, que pera tudo haverá tempo, ainda que pois a história dizeis que é de tristezas, não poderá durar tão pouco como o dia.

— Os dias são agora grandes — me tornou — e não poderão eles nunca ser tão pequenos que vos eu a todo meu poder não

16 O sujeito de cuidando é «eu».

faça a vontade neles. Assi sou eu pagada de vós. Mas olhai o que quereis antes.

— Cousa em que vós folgais inda agora de cuidar — lhe respondi — não pode ser pouco para desejar de ouvir, o que eu antes quisera, ou pera depois ou para sempre, que só de o eu querer lhe deve vir isto. Não tomeis daqui que não folgarei de ouvir a história, porque isso podera ser se não fora de tristeza, para que eu vou já agora achando o tempo curto, tanto folgo com ela. Por isso, contai-a, senhora, contai-a, pois é triste, gastaremos o tempo naquilo pera que no-lo deram, a vós e a mim.

— Coitada de mim — começou ela —, que para me magoar busco ainda desaventuras alheias, como que as minhas não bastassem, que são tantas que muitas vezes nestes despovoados eu mesma me ando espantando de mim como as posso sofrer. Por isso, não vos parecia, sem causa, triste de longe e triste de perto, que assi o sou eu. Se o soubésseis, ainda muito mais vóllo pareceria do que cuido que parecerei na presença, porque a longa dor em que há já muito tempo que eu duro tem o coitado deste meu corpo tão acostumado a sofrê-la, que já agora vive nela. Este é um dos queixumes grandes que eu tenho do corpo: que não há cousa para que ele por longo costume não seja. E assi há já muitos anos que eu não vivo para mim e que vim para estes ermos, fugindo da gente para quem só anouteceu e amanheceu. Muito me aprouve achar-vos também amiga da tristeza, porque nos consolaremos ambas desconsoladas, que isto vai assi como quem é doente de uma peçonha e cura-se com outra. Quando vos eu da primeira vi, o apartamento de toda a gente, que em esta terra há muito, e o muito também que há que eu não vi nele cousa com que falasse, me moveu a alteração. E não pus os olhos em vós tanto como depois que vos falei, agora, que quanto mais vos olho mais acho para vos olhar. As passadas vossas palavras me dizem que deveis ter o coração altamente agravado. Nas mágoas que as lágrimas têm feito no vosso rosto, que para esses *nojós* parece que não

foi dado, entendo eu quão dada deveis de ser aos cuidados, que não soem elas fazerem-se de balde. Vejo-vos moça, ainda éreis para viver no mundo. Mal haja a desventura que tão cedo começou em vós e tão tarde não acaba em mim! Muito folgaria de me contardes vossa tristeza, uma e uma, que assi como vo-la ouvi não me abastou mais que para me magoar. Mas pois vós, senhora, assi fostes servida, eu sou contente, que por outra parte folgo pela vossa, que pois não pudestes escusar desaventuras, menos é virdes ter mal que folgueis em encoberto. Que o pesar, onde há este bem, ainda que não aproveita para dele nos doermos, aproveita logo para se sofrer melhor. Isto é assaz para as tristes das molheres, que não temos remédios para o mal, que os homens têm. Porque o pouco tempo que há que eu vivo, tenho aprendido que não há tristeza nos homens, só as molheres são tristes, que as tristezas, quando viram que os homens andavam de um cabo para outro, e como as mais das cousas com as contínuas mudanças ora se espalham ora se perdem, e as muitas ocupações lhe tolham o mais do tempo, tornaram-se às coitadas das molheres, ou porque aborreceram as mudanças, ou porque elas não tinham para onde lhes fugir. Que certamente, segundo as desaventuras são desarrazoadas e graves, aos homens se haviam de fazer, mas quando com eles não puderam, tornaram-se a nós como a parte mais fraca. Assi que padecemos dous males: um que sofremos e outro que se não fez para nós. Os homens cuidam outra cousa, mas o que das molheres não cuidam eles. Outra cousa longamente acostumaram: ter em pouco suas tristezas. Mas se elas por isso têm razão de serem mais tristes ou não, sabê-lo-á quem souber que mágoa é manter verdade desconhecida.

A isto não pude eu ter um cansado suspiro de dentro da alma. E ela, sentindo-o, conquanto o eu encobri, estendendo a sua direita mão e tomando-me a minha com dissimulação suspeitosa, tornou a falar como para mim, dizendo:

— Quando eu era da vossa idade, estava em casa de meu pai. Nos longos serões das espantosas noites do inverno, entre

outras molheres de casa, delas fiando e delas debando¹⁷, muitas vezes, para enganarmos o trabalho, ordenávamos que alguma de nós contasse histórias, que não deixasse parecer o serão longo. E uma molher de casa já velha, que vira muito e ouvira muitas cousas, por mais anciã, dizia sempre que para ela só pertencia aquele officio. Então contava histórias de cavaleiros andantes. E, verdadeiramente, as afrontas e grandes desaventuras que ela contava a que se eles punham pelas donzelas me fazia haver dó deles. E cuidava eu que um cavaleiro apostamente armado sobre seu fermoso cavalo, pela ribeira de um rio deste gracioso campo passando, não podia ir tão triste como uma delicada donzela em alto aposento acostada ao seu estrado, entre paredes só podia estar, vendo-se d'altos muros cercada e de tantas guardas feitas para cousa de tão pequena força. Mas para lhe tolherem as vontades fizeram grandes defesas e pera lhe entrar o nojo, pequenas. Mais maneira têm os cavaleiros para se mostrarem mais tristes do que são e menos maneira têm as donzelas pera se mostrarem mais tristes do que parecem aos homens. Ao menos se eu, depois que soube muitas cousas, pudera tornar atrás, menos me houveram de magoar algumas do que me magoaram, que também se deve esperar da dor aquilo para que cada um a tem. Doutra maneira não se devia ela de ter, ou ao menos devia-se de mostrar que se não tem. Digo isto, senhora, porque pelo lugar onde sospirou vosso coração, que vós de mim quanto podestes vos quiséreis encobrir, sospeito eu que dalguma grande sem-razão deveis trazer o sentido magoado, que a vossa idade não era para matos. Se os homens nunca acostumaram agravar as donzelas, muito fora de sentir, mas das cousas costumadas, quem se deve agravar muito tempo? Vos posso dizer, ainda que o conhecimento entre nós seja pouco, porque sou mais velha que vós e porque é verdade para que se não deve esperar tempo como para as outras cousas: quantas donzelas comeu já a terra com as soidades que lhe deixaram

17 *debando*: *dobando*.

cavaleiros, que comeu outra terra com outras soidades! Cheios são os livros de histórias de donzelas que ficaram chorando por cavaleiros que se iam e que se lembravam ainda de dar d'esporas a seus cavalos, porque não eram tão desamorosos como eles. Neste conto não entrarão só os dous amigos de que é a história que vos eu dantes prometi. Neles só cuido que se encerrou a fé que em todolos outros se perdeu, e creio que por isso ordenaram outros homens de os matar à treição, porque se não pareciam mamente com eles. Que o mal não tão-somente aborreceu o bem, mas não quisera ainda que houvera aí lembrar-se. Que quando meu pai contava a vileza da maneira que tiveram os falsos cavaleiros para matarem os dous amigos, dizia que muito folgara de nunca a ouvir para a não saber, pois não viera em tempo para deixar d'ir à terra magoado, que já a geração deles não havia aí. Mas se muito para sentir foi a morte dos dous, muito mais pera sentir foi a morte das duas donzelas que a desventura trouxe a tanta estreita, que não tão-somente conveio aos dous amigos tomarem a morte por elas, mas ainda conveio a elas tomarem-na para si mesmas. Os dous amigos, no que fizeram, cumpriram com elas e consigo mesmos, a que eram todos, pela cavalaria que mantinham, obrigados. Elas só cumpriram com eles, o que eu creio que é de maior estima, porque elas por outros não fizeram aquilo, e eles por outras deveram-no¹⁸ de fazer. Assi que, como de pessoas que fizeram mais, se deve também mais a morte de sentir. Ainda que a mim igualmente me doem uns e outros: elas, porque eram molheres, eles, porque não eram como outros homens. Isto digo eu para vós e para mim, porque meu filho também era homem.

Com esta palavra começaram as lágrimas de correr pelas suas faces abaixo, e ela, não soltando a fala, disse:

— Perdoar-me-eis, senhora, que pola minha idade bem vos posso chamar filha, se muitas vezes me virdes fazer isto, ainda

18 *fizeram, deveram: fariam, deveriam.*

que a vós não devem lágrimas ser estranhas, pois tanto folgastes de buscar lugares sós como estes em que estamos, que já noutro tempo dizem que foram de muito nobres cavaleiros e fermosas donzelas, e ainda agora por aqui há lugares onde acham moços que guardam gado pedaços d'armas e joias de grande valia, o que parece que faz este vale de mais triste sombra que outro nenhum. Não sei este desconcerto do mundo donde há d'ir ter! Um tempo foram estes vales muito povoados e agora muito desertos. Soíam gentes d'andar neles, agora andam alimárias feras. Uns leixam o que outros tomam. Pera que era tanta mudança em uma só terra? Mas parece que também a terra se muda com as cousas dela. E esta, porque passou o tempo de quando foi leda, veio este de quando havia de ser triste. De muito povoada e de ricos edefícios nobrecida, tornou-se destes altos arvoredos, como a natureza os produziu, a povoar. Ainda em alguns cabos deste vale estão algumas antigas árvores que, pelo muito descurso de tempo e descostume como foram criadas, parecem já doutra *prumagem* diferente daquela de que deviam ser quando, ajudadas de pomareiras mãos, produziam seus perfeitos frutos. Tudo quanto há neste vale é cheio duma lembrança triste pera quem tiver ouvido o que dizem que aconteceu nele e o que foi já noutro tempo, que parecia então que não era pera vir a este d'agora. Mas tudo enfim é assi. Fazem-se umas cousas pera outras, pera que se não faziam. Mal cuidariam os dous amigos, quando aceitaram a alta empresa de guardar as aventuras deste vale pera só aprazer às fermosas duas donzelas, que era pera tanto seu desprazer delas. E mal também cuidaram elas, quando aquele dia da grande desventura se vestiram e concertaram ricamente pera verem os dous cavaleiros amigos, que era pera os não verem mais. Trazem-nos os nossos fados com não sei que antolhos, que temos as cousas diante e não nas vemos. Tudo anda trocado que não s'entende, e assi nos vêm tomar as mágoas quando estamos mais desseguradas delas, que nos doem a um mesmo tempo o bem que perdemos e o mal que depois cobramos.

Aqui deu ela um grande suspiro, e esteve como que quisera dizer outra cousa. E tornou dizendo:

— Mas tempo é de cumprir o que vos prometi, que bem vejo que me leva, muito há, minha dor após si.

[CAPÍTULO 2]

De reinos estrangeiros dizem que veio no tempo passado ter a estas partes um nobre e famoso cavaleiro. Aportou cerca onde este pequeno rio que por aqui corre entra no mar. E como ele viesse em uma nau grande de muita riqueza sua carregada, e sobretudo de duas fermosas irmãs, e uma a que ele mais que a si queria, e porque¹⁹ ela sentisse menos a soidade de sua natureza, trouxera a outra irmã, donzela mais pequena que aquela por que ele vinha assi buscar terras estranhas. Contam que elas eram filhas dum alto homem, como se depois por tempo soube pelos muitos cavaleiros andantes que pelo mundo foram espalhados naquela sazão. Mas esta é história longa.

Aportado Lamentor (que assi se chamou nestas partes), como digo, havida inteira enformação da terra e da gente dela, como ele viesse da maneira que vinha, não queria fazer seu assento em lugar nenhum muito povoado, e saindo um dia pela manhã da nau com toda sua riqueza, começou caminhar por este vale arriba, que para tudo tinham já aí seus criados o concerto necessário.

19 *porque*: para que.

Em umas ricas andas que Lamentor na nau trouxera iam as duas irmãs, porque a maior vinha prenhe de dias²⁰. E a manhã era graciosa, assi parecia que s'acertou pera lhe a terra mais contentar. Era o ano no mês de abril, quando enflorescem as árvores, e as aves, que até então estiveram caladas, começam d'andar fazendo suas querelas doutro ano. Por entre o arvoredito deste vale, que bem podeis ver quejando seria então, pois agora o é tanto, iam eles tomando solaz, ora em uma cousa, ora noutra, que tudo buscava Lamentor mui inteiramente pera que sua senhora e a donzela sua irmã em alguma maneira perdessem a soidade de sua terra e o nojo do mar.

E sendo eles junto de uma ponte que aqui logo ainda está, e querendo-a passar, lhe disse um escudeiro que no começo dela estava:

— Senhor cavaleiro, se quereis passar, convém que façais de duas, uma: ou que confesseis que o cavaleiro que mantém este passo²¹ quer bem com mais razão que ninguém, ou o determinará a justa.

— Muitas cousas havia mister saber — lhe respondeu Lamentor — quem houvesse de responder a essa pergunta. E como se pode saber se quer ele bem com muita razão, sem ouvir primeiro onde e como o quer? Mas, por agora, disse eu não me curo, que a mim basta-me que por mais razão com que ele queira bem, eu o quero com mais que ele e que todolos do mundo. Isto que sei certo de mim, me escusa saber mais dele que a condição com que guarda esta ponte. E a razão que ele tem pera isso, guarde-a pera si, que pera ele poderá ser que parecera a maior do mundo. Deveis, bom escudeiro, de lhe dizer que faria bem deixar-me passar antes que o julgue a justa.

O escudeiro, que já olhara pera as andas e nunca cousa tão bem lhe parecera, lhe tornou:

— É escusado pera ele essa embaixada, porque está tão ufano que não pode ninguém agora com ele. E na verdade tem causa,

20 *vinha prenhe de dias*: estava no fim da gravidez.

21 *passo*: passagem.

porque fará daqui a oito dias três anos que ele mantém este passo sem achar nunca cavaleiro que o vencesse, sendo o mais continuado deles que por toda esta terra há. E então s'acaba o prazo que lhe foi dado por uma donzela mais fermosa que nestas partes agora se sabe, filha do senhor daquele castelo que naquele alto parece, em que lhe ela prometeu o seu amor, sendo esta ponte por ele guardada com a condição que ouvistes. Mas porém, senhor cavaleiro, se ele fosse sabedor da companhia que trazeis convosco, com razão devia temer agora mais que nunca. Mas eu, contudo, não lho posso ir dizer, que já outras vezes lhe levei assi embaixadas, cuidando que acertava, e ele tornou-me má resposta. E socedendo depois as cousas como ambos desejávamos, mo tornava deitar em rosto, como que a minha boa tenção ficasse polo acontecimento culpada.

— Ora pois determine-o a justa! — disse Lamentor, olhando já pera as andas.

E tirando então de um tiracolo, o escudeiro tocou uma corneta e daí a pouco deixou-se sair dum espesso arvoredor, que além da ponte estava, um cavaleiro bem armado a cavalo. Vindo-se direito para a ponte, ali houveram ambos a justa, em que meu pai contava muitas cousas de grande esforço e valentia que vos eu não contarei, porque ainda que as molheres folguem muito d'ouvir cavalarias, não lhes está bem contarem-nas, nem elas parecem na sua boca como na dos homens que as fazem. Mas contudo dissera-vo-las, se me lembraram inteiramente. Porém, não me lembram, senão que contava meu pai que romperam três lanças e à quarta caiu o cavaleiro da ponte, e com a queda grande do encontro, que também foi grande, ficara sem se poder alevantar um pouco. Apeou-se Lamentor rijo e, quando chegou, achou-o sem fala, e descobrindo-o, lhe pareceu como mortal. Mas daí um pedaço acordou todo mudado na cor, e levantando os olhos para Lamentor, que sobre ele estava, com um suspiro:

— Ai, cavaleiro, prouvera a Deus — lhe disse — que vos não vira nunca ou que, ao menos, vos não tornara mais a ver!

Lamentor houve dele dó, maiormente de umas lágrimas que lhe viu, e tomando-o por o braço, o ajudou a erguer, dizendo-lhe:

— Do amor, senhor cavaleiro, vos podeis queixar com razão, que assi como vos ele a vós fez guardar este passo, me fez a mim fazer-vos este nojo. De vo-lo ter feito me pesa, como homem que, a fazer-vo-lo, foi como namorado. Noutra alguma cousa de vosso contentamento vo-lo emendarei quando mandardes.

O Cavaleiro da Ponte, que o viu assi mesurado, bem lhe pareceu razão de lh'agradecer aquela vontade, mas tamanha era a dor que tinha no coração que não pôde acabar de forçar a sua. Contudo, porque era d'alta criação:

— O amor demasiado — lhe disse como desculpando-se — não vive em terra de razão, mas eu irei tomar vingança dele noutras, alongadas desta, onde não veja cousa com que os meus olhos descansem. Ainda que esta vingança bem me pesa, porque há de ser toda de mim só e de meu cuidado.

E assi se virou logo para outro cabo e deu a andar pelo vale.

E como ele com a queda grande que dera ficasse mal tratado, segundo depois pareceu se lhe quebrasse alguma cousa de dentro, não foi pelo vale abaixo muito que, acabando um seu escudeiro de tomar o cavallo, começando a ir após ele o alcançou perto dali, achando-o já lançado no chão, de bruços. Foi para o erguer, viu que ele era em estado de morte, começou de chorar feramente. Lamentor, que o ouviu, deu a correr para lá, e vendo como estava o escudeiro com seu senhor como mortal nos braços, deceu-se prestesmente e foi-se para ele. E vendo-o no derradeiro termo de sua vida e como esmaiava:

— Que é isso, senhor cavaleiro? — lhe disse Lamentor — Esforçai, que este é o passo verdadeiro para que vós tomastes a ordem de cavalaria.

E ele, acordando às palavras, pôs os olhos em Lamentor, estendendo-lhe vagarosamente a mão direita, como em sinal, parece, de paz, com uma voz cansada:

— Ao esforço, se me podera valer — disse —, perdoara eu tudo, pois me falece agora que me a mim cumpre tanto viver.

E com a força que fez para dizer isto, como homem que tinha alguma dor grande de dentro, foi-se-lhe o fôlego. Cerrando os seus olhos, ficou como passado deste mundo. Mas daí a um pouco tornou-os abrir, e fazendo menção com o rosto pera aquela banda onde estava o castelo da donzela por quem guardava o passo, que todo aquele vale descobria, e levando para lá os olhos, parece lembrando-lhe que não tinha já mais de oito dias por acabar do prazo que lhe fora assinado, como cousa que o mais magoava, ainda disse estas derradeiras palavras:

— Ó castelo, quão perto agora dantes estava de vós!

E com isto deixaram-se os seus olhos cansadamente cerrar para sempre.

Chegadas eram já ali as andas com as duas irmãs e toda a outra gente, e vendo como o Cavaleiro da Ponte, que desarmado já o rosto tinha, era de fermosa presença e ainda mancebo, todos ficaram muito tristes de tamanho desastre. Lamentor, que via como o escudeiro estava lançado aos pés de seu senhor tristemente chorando, havendo dele compaixão, que assi na prática que com ele tivera dantes na ponte como naquilo lhe parecia de boa maneira e de criação, foi-se para o consolar. E tirando-o para fora dali donde estava chorando, lhe disse:

— Té nas cousas proveitosas, temperança é muito louvada. Os choros não aproveitam para nada, por isso é muito mais necessário neles a temperança, nem se deve ter senão como cousa que se não pode escusar. Vosso senhor faleceu como cavaleiro, e ainda vos digo que todas as pessoas que lhe bem querem não devem ser tristes, antes se devem d'alegrar, que foi de tão alto coração que não pôde suportar ser vencido, que sê-lo ou não está na ventura.

— Desta desventura minha só — disse o escudeiro chorando —, pois fico, não me pesa tanto como por ser tomada por quem é.

— Os cavaleiros, por amores — tornou Lamentor, desejando saber o que isto era —, tudo lhe está bem fazerem.

— Em lugar — respondeu o escudeiro —, que lhe seja agradecido. Mas meu senhor, sobre todas as cousas do mundo, queria bem a uma donzela que não tinha para ele mais armas que a fermosura, porque a vontade, segundo ela mostrou, nunca foi dele, mas antes disseram alguns de sua casa que o dia que ela concedeu o prazo chorou muitas lágrimas e que nunca o concedera se não fora por seu pai, que era tão afeiçoado a meu senhor, e com razão, que a cabo de longo tempo alcançou isto de sua filha, e ainda à hora de sua morte.

Todos se espantaram d'ouvir isto, porque o Cavaleiro da Ponte era fermoso e o fizera na justa grandemente. Lamentor, a quem disto pesou muito, pelo grande esforço que lhe na justa conhecera, com manencória, disse:

— Consolai-vos, que o amor nunca perdoará desamor. Tarde ou cedo vereis vingança.

O escudeiro, chorando e tornando-se a lançar aos pés de seu senhor:

— Senhor cavaleiro — disse —, para a morte não há aí vingança!

Lamentor o tornou a erguer, dizendo que para o chorar haveria tempo, que por então curasse d'entender no que havia de fazer. O escudeiro disse que iria dali a uma jornada onde estava uma fortaleza de seu senhor, em que estava uma sua irmã viúva, a quem a ele dera para lhe comer as rendas²², em mentes ele seguia as aventuras. E daí viria o concerto para o levarem ao jazigo de seus antepassados, que ela muito lhe queria, e que por então deixasse aí Lamentor um seu escudeiro que o guardasse.

O sol ia já empinado e era tempo de repousar e comer, maiormente quem do mar saíra. E porque não muito longe de aquele lugar e da ponte estava um assento gracioso d'arvoredo e corria por entre ele a água, ordenou Lamentor ir ali jantar. E assi o fez depois, dizendo ao escudeiro que ele queria ir

22 *comer as rendas*: usufruir dos rendimentos da propriedade.

repousar naquele lugar e que lhe daria as andas em que o²³ levasse, e, se lhe mais cumprisse, de boamente o faria. O escudeiro, tendo-lho em mercê, disse que assi fosse.

E começando-se de ordenar tudo, foi assi acaso que a irmã do Cavaleiro da Ponte, porque sabia que não havia mais de oito dias pera acabar o prazo em que seu irmão, a quem ela muito queria, tinha todo seu contentamento posto, determinou de vir ali com grandes concertos o dia dantes, como aquela que o devia por amor e por obrigação, e acompanhá-lo até o fim, que havia ela por certo que acabaria sua aventura com grande honra, pois tanto tempo a mantivera que não havia já cavaleiro por toda esta parte que por ali não tevesse passado. E acertou então de vir, e vendo aquele ajuntamento e as andas, não soube que dizer, mas logo lhe deu o coração uma volta e, chegando-se rijo, viu o escudeiro que ela bem conhecia andar chorando. Perguntando-lhe que cousa era aquela, olhou, viu o irmão jazer sobre uns panos ricos que Lamentor lhe mandara pôr e, apeando-se apressadamente, foi correndo para ele. Lançando seus toucados em terra, começou a ir carpindo crimemente os seus cabelos, que eram longos, pera onde o corpo de seu irmão morto jazia, dizendo:

— Pera a dor grande não se fizeram leis!

Isto dizia ela, porque era costume mui guardado naquela terra, e ficara doutro tempo sob grandes penas proibido, não se pôr molher nenhuma em cabelo senão por seu marido. E chegando a ele, o abraçou muitas vezes e beijou, dizendo:

— Irmão meu, que morte foi esta que assi vos levou tão asinha que vos não pude falar, que a mim enganada me trouxe do vosso castelo a desventura? Que desconcertos da fortuna: para verdes outrem tomáveis vós esta empresa, eu, pera ver a vós, parti de casa, e tudo era para ambos nós não vermos o que desejávamos! Triste de mim, que quando me vós com

23 o refere-se ao corpo do cavaleiro morto.

outro rosto fostes correndo abraçar, dizendo «Daqui a três anos, senhora irmã, verei a cousa do mundo mais desejada e, de vossa licença, que mais quero», logo me deu n'alma e disse-vos: «Que largo prazo é este pera quem o recebe, que quem o põe parece que o não põe para al!». Mas vós, que para isso quisestes este bem, como que não folgáveis de m'ouvir aquilo, «O amor grande», me tornastes, «segurança demanda». Ainda mal muitas vezes porque foi tão grande! Mas não me comerá a mim a terra com esta dor, sem fazer a todo meu poder que custe o largo prazo alguma cousa àquela que tanto custou a vós e a mim.

As duas irmãs, que já dantes eram decidias pera darem as andas, se foram pera ela e, tomando-a antre si, começaram-na agasalhar à maneira de a quererem consolar, que a linguagem da terra não na sabiam. E ela, com alta voz chorando, disse:

— Leixai-me, senhoras, chorar, que meu irmão não tem outrem que o chore.

Chegou-se Lamentor, que andara totalas partidas e sabia a fala, e disse:

— Os cavaleiros, senhora, que em feitos d'armas acabam como vosso irmão, não devem ser chorados como os outros homens, que eles acham o que buscavam. Vós, senhora, que muitas causas tendes para ser triste pela perda que perdestes nele, que era o melhor cavaleiro desta terra toda, também tendes muita razão de louvar a Deus por ele ser tal. Leixai o pranto, vede o que mandais que se faça, que pareceria, senhora, escândalo curardes mais de vossa dor que de vosso irmão enquanto o tendes diante.

E nisto chamou o escudeiro, que lhe dissesse como estava dantes já ordenado. E ela houve-o por bem e fez-se assi. Poseram o Cavaleiro da Ponte sobre as andas envolto em uns ricos panos, e a irmã, chorando, pediu que a metessem com ele. Lamentor a tomou pelo braço e a donzela pelo outro, que a irmã não podia, e poseram-na dentro. Mas querendo Lamentor soltar

os paramentos das andas como cousa de tanto dó, se chegou mais para ela e disse-lhe estas palavras:

— Ainda que o tempo, senhora, seja pera outra cousa, porque não sei quando vos tornarei a ver, de mim sabei certo que podeis fazer a vosso serviço. O mais, sabereis do escudeiro.

E ela não tornou reposta, que ia coberta toda, lançada já sobre o rosto de seu irmão. E ele soltou os paramentos e assi foram-se.

Tristes ficaram todos por aquela desventura, mas Lamentor, a que não esquecia quem o trazia consigo, alimpando os olhos das lágrimas que lhe aquela partida assi fizera, se veio para onde sua senhora com a irmã estava com estas palavras:

— Ora nos podemos, senhora, ir, que na mortalha alheia não temos mais que fazer.

E tomando-a pola mão, mandou aos seus para o lugar que dantes lhe parecia bem, dizendo-lhe o que haviam de fazer eles. Entramentes se foram todos três por sobre o ribeiro deste rio. Olhando para ele e falando outras cousas, estiveram assi um pouco, porque o mais asinha que ser podera foi armada uma rica tenda e começaram de comer, que de tudo vinha em grande abastança. Repousaram té bem tarde que as andas tornaram, e por não serem horas para já caminhar, se leixaram estar assi aquela noite, que a fortuna tinha já ordenado que fosse pera sempre.

Belisa, que assi se chamava aquela senhora que vinha prenhe, em mentes ali estiveram, antes que as andas viessem, adormeceu-se. E acordando um pouco agastada, que viu a Lamentor, lançando-lhe amorosamente os braços pelo pescoço:

— Assi antes! — lhe disse.

Ele viu que sonhara, pelo desacordo com que acordara; lhe perguntou que cousa fora esta.

— Sonhava, senhor — respondeu ela —, que estávamos, vós e eu, presos por um fio e eu cortava-o, e que vos não via mais.

Lamentor não lhe pareceu senão que lhe atravessaram aquelas palavras o coração, como na verdade enfim foi, e assi

elas, como isto que em si sentiu, o entristeceram grandemente. Adivinhava-lhe, parece, a alma o seu mal, e não pôde tanto dissimular que o não conhecesse ela²⁴, e disse-lhe:

— Que é isso, senhor, que assi vos mudastes com o que vos disse?

Mudando ele o prepósito em cousa que também o mudasse a ela, por lhe escusar alguma imaginação, pelo perigo em que vinha da empenhidão, respondeu-lhe dizendo:

— Hei-vo-lo, senhora, de confessar, ainda que nisso force minha condição, que nem dizer-vo-lo nem cuidá-lo quisera. Houve²⁵ menencória, e perdoai-me, que de vós não se pode ela haver. Mas como os sonhos não venham senão do que homem traz na fantasia, pareceu-me, porque me dissestes que sonháveis, que me não víeis mais, que era desconfiades do que vos quero e de mim, sendo vós tão segura por ambas elas ou por cada uma.

E ela, com a boca cheia de riso que abastava para o desgastar, se ele aquilo cuidara, se chegou pera ele dizendo-lhe:

— Bem longe viera eu buscar essa desconfiança! Perdoovos, que parece que este dia é assi aziago que tantos desastres acontecem nele.

Nisto e noutras cousas passaram aquele dia enquanto houve sol, o qual com mais nojo se havia de pôr aquele dia do que amanheceu, pelo que ouvireis.

24 *que o não conhecesse ela: que o não percebesse ela.*

25 *houve: tive.*

[CAPÍTULO 3]

Vindo a noute, repousando já todos, Belisa se começou d'agastar levemente, mas crescendo-lhe a dor cada vez mais, houve de chamar por sua irmã. Acordando ela, que perto em uma camilha dormia, lhe contou Belisa de como a dor ia em crescimento. A senhora Aónia, que assi se chamava a irmã, acordou as molheres de casa e uma dona honrada, que de parteira sabia muito e pera isso a trouxera Lamentor, porque quando já partira, Belisa era prenhe e se não fora porque se não podia já encobrir, não na trouxera ele assi a terras estranhas. Mas na mocidade o amor não achou outro melhor remédio que o desterro. Belisa, que a Lamentor queria sobre todas as cousas do mundo, disse contra as outras que a ajudassem a tirar do leito em que jazia para a camilha de sua irmã, pelo não acordarem, que estava cansado do caminho e bem lhe seria mister repousar. Assi foi feito o mais mansamente que pôde.

Grande parte da noute passaram em fazer remédios pera a dor de Belisa. Mas a senhora Aónia, que via sua irmã cada vez com mais agastamentos:

— Quereis, senhora irmã — lhe disse —, que chame ao senhor meu irmão?

— Pera tomar paixão — disse ela —, não no chameis vós. Prazerá a Deus que se irá esta dor, e isto ao menos ganharemos dela.

— Assi prazerá a Deus — falou a dona honrada dacolá donde estava —, porque me não parece sinal nenhum de parirdes, senhora, tão cedo. Deve ser isto do caminho ou mudança da terra.

Porém, era já encontra a menhã e a dor não amansava nada, antes se lhe fazia maior. Começavam-lhe de vir uns agastamentos como desmaios ao coração, mas a primeira vez que lhe isto veio se suportou ela, e também a outra, mas quando veio a terceira, em tamanho crescimento lhe veio que se lhe tolheu a fala um pouco. Tornando ela em si, olhou pera sua irmã, dizendo-lhe:

— Já agora me não pesara de o chamarem.

E porque nisto começou-se a sentir melhor, tornou asinha dizendo contra sua irmã, que já ia pera o chamar:

— Mas não no chameis, que parece que me acho melhor.

Um pedaço grande esteve, então, Belisa desgastada. E porque uma rica camisa que tinha vestida estava mal tratada dos remédios que sobre o coração lhe punham, encontra as molheres disse:

— Vistam-me a mim outra camisa, que se morrer não vá sequer assi.

A senhora Aónia se pôs a chorar com estas palavras, e, olhando pera ela Belisa, vieram-lhe também as lágrimas aos olhos. E querendo-lhe dizer alguma cousa, a dor não a deixou, porque entonces começou mais apressadamente que dantes.

Aquela dona honrada, que a via mais agastada que nunca, disse que seria bom erguerem-na de todo, e querendo-a sua irmã tomar por um cabo, se virou a ela Belisa dizendo:

— Não sei que há de ser isto.

Mas tamanhos foram os agastamentos então, e tão apressados, que não houve aí acordo para a erguerem de todo e

ficou como assentada. E enfim foi assim a desventura que em breve espaço a pôs em extremo de morte, que já lhe ia falecendo a fala. Levantando os olhos pera sua irmã, lhe disse como forçadamente:

— Chamem-no! Chamem-no!

Foi a senhora Aónia chamar rijo, chorando, Lamentor, que no mais alto sono dormia, dizendo-lhe:

— Acordai, senhor, acordai, que vos levam Belisa!

Ergueu-se apressadamente Lamentor, levando a mão a um traçado que a par da cabeceira tinha. Mas vendo chorar todas derredor da cama de Aónia, e Belisa, que a tinham erguida até os peitos, meia como passada deste mundo, abraçando-a se chegou pera ela, dizendo:

— Que cousa foi esta, senhora?

E as lágrimas lhe encheram com estas palavras o rosto seu e dela, e levantou então Belisa cansadamente uma mão, e a manga da camisa²⁶ tomava pera lhe alimpar os olhos. Mas não seguindo ela já sua vontade, se lhe tornou a deixar cair pera baixo. E ela pondo²⁷ então os olhos fitos nele pera sentir nô mais²⁸, e daí os foi cerrando vagarosamente, como que lhe pesava muito de o deixar assi pera sempre.

Lamentor, que isto não pôde ver, caiu doutro cabo como morto, e assi esteve um grande pedaço. Neste mesmo tempo, ouviu a dona honrada chorar uma criança na cama. Cuidando o que era, atentou e achou uma menina nada, e chorava muito. E tomando-a então nos braços, com os olhos não enxutos disse assi:

— Cuitadinha de vós, menina, que chorando vossa mãe nacestes! Como vos criarei vós, filha, estrangeira em terra estranha? Mal vá ao dia que assi saímos do mar pera passarmos toda a tormenta na terra!

26 *manga da camisa*: manga solta, separada do corpo da camisa, que a ele se liga, ajustando-se ao braço.

27 *Sintaxe irregular, a forma adequada seria «pôs».*

28 *nô mais*: não mais.

Mas como sábia que era, ordenou de a curar²⁹, tomando o negócio todo sobre si, que Lamentor e a irmã bem via que outra mor carga tinham. E assi mandou o que se havia de fazer e proveu sobre tudo.

A senhora Aónia, lembrando-lhe o que vira fazer a dona viúva sobre o corpo do morto irmão, que honesto e devido costume ao tempo de luto lhe parecia então, posto que em sua terra se não usasse, pondo-se sobre o de sua irmã, rasgando os toucados dos seus fermosos cabelos, que longos eram à maravilha, a cobriu toda e a Lamentor, que bem cuidou que era também morto, que, pelo grande bem que queria a sua irmã, leve lhe foi isto de crer, vendo-o da maneira que via. Depois de muito cansada, em alta voz começou estas palavras:

— Triste de mim, donzela de pequeno tempo, desemparada em terra alheia, sem parente, sem ninguém e sem prazer! Como vós, senhora irmã, assi me podestes deixar só, tão longe e em tal lugar? Pera vos tirar a soidade me dizíeis vós que vinha eu cá, e vós pera ma dar a mim vínheis. Mal-aventurada de mim! Pera outras fadas cuidava que me criava a mim minha mãe. Ela foi enganada, e eu, a que hei de pagar o engano. Que sem-razão tamanha, senhor cavaleiro, me é feita perante vós! De quantas donzelas de vós foram já emparadas, eu só estava pera o não ser! Coitada de mim, que farei? Onde me irei?

E assi se lançava sobre o corpo de sua irmã. Mas ao mentar do cavaleiro que ela fez, ele como por sonhos tornando em si, que viu diante tantas lágrimas e mágoas, ficou sem fala um pouco, e vendo logo como se matava toda a senhora Aónia, esforçou-se e moveu-se pera ir arredar, que tão cruelmente se não matasse, dizendo:

— Esforçai, senhora, pois fortuna quis que um tão desconsolado vos consolasse.

Dali foi-a erguer. Querendo-lhe falar, faleceu-lhe a fala. Ali houveram ambos triste pranto e antre si se diziam um ao outro palavras de muita mágoa, começadas pela dor, rotas pelo pranto.

29 ordenou de a curar: decidiu cuidar dela.

[CAPÍTULO 4]

Era já menhã crara e acertou-se assi que àquela hora chegava um cavaleiro à ponte. Vinha de longes terras buscar aquela aventura por mandado de uma senhora que lhe queria bem a ele, mas ele devia-lhe mais do que lhe queria. Não achando ninguém na ponte e ouvindo perto dali tamanho pranto, pareceu-lhe algum mistério e cousa alguma de grande dor, e deu a andar para escontra onde era. Vendo uma rica tenda e ouvindo muita gente dentro e fora chorando, perguntou a um servidor que topou que cousa era aquela. Ele lha contou. Apeando-se então, ele mandou primeiro diante um escudeiro de Lamentor, e mesuradamente entrou após ele.

E entrando, viu a senhora Aónia, que em grande extremo era fermosa, soltos os seus louros cabelos que toda a cobriam, e parte deles molhados em lágrimas que o seu rosto por algumas partes descobriam. Foi logo traspassado do amor dela, sem haver quem por parte doutrem fizesse defesa alguma. E como o amor viesse justamente com a piadade, parecia que vinha ela só. Mas entrando, que se descobriu, eram já conhecidas tantas razões por parte da senhora Aónia que não tão-somente lhe esqueceu a outra, mas não lhe lembrou mais senão pera lhe pesar do tempo que gastara em seu serviço.

Desta maneira foi ele preso do amor da senhora Aónia e depois se viu morrer por ela, que este foi um dos dous amigos de quem é a nossa história. E por isso soía meu pai dizer que tornara o amor deste cavaleiro a morrer na paixão onde se alevantara. Mas pera isto seu tempo virá.

Dito era já a Lamentor de como o cavaleiro entrara, mas ele não no viu senão quando já o achou a par de si, dizendo-lhe palavras de consolação. Lamentor as recebeu dele o melhor que pôde, mais por lhe não dar causa de se deter muito que por estar pera isso. Mas depois d'estarem um pouco, vendo Lamentor de como ele não fazia menção de se ir, forçadamente lhe disse:

— Senhor cavaleiro, a vossa visitação vos tenho em mercê. Praza a Deus que noutra mais alegre vo-la pague! Nós vimos de caminho e, como sabeis, as pousadas não são mores do que vedes, não há í outra casa pera a tristeza e pera nós, senão esta. Deveis vós, senhor, ir pera onde is³⁰, e não tomareis ao menos parte de tanto nojo, porque as mágoas alheias também doem a quem as vê. Perdoai-me, que não tenho agora outra cousa em que vos sirva a vossa boa vontade.

O cavaleiro, passando os olhos pela senhora Aónia:

— Eu não tenho pera onde ir daqui — lhe disse, e, parece que lembrando-lhe que havia de deixar o coração, caíram-lhe umas raras lágrimas por os peitos.

Mas como ele visse que ali não tinha mais que aquela tenda e outra pequena, bem lhe pareceu que não podia caber ali naquele tempo gente estrangeira, ainda que ele no seu coração já o não era. E erguendo-se então, seguiu sua fala, dizendo:

— Deste vosso nojo, senhor, não me pode a mim caber pequena parte, por onde quer que vá. De boamente vo-lo ajudaria a passar. Mas enfim, vós, senhor, cavaleiro sois, e mais, pois vindes de longas³¹ terras, como soube de um vosso criado, não deve ser este o primeiro que hajais visto, porque, nas suas

30 is: ides.

31 longas: longínquas.

mesmas terras, os que nunca se mudaram delas não se podem escusar de ver nojos cada dia e cada hora do dia.

E dizendo-lhe mais que visse o que lhe mandava, se despediu dele com os olhos postos na senhora Aónia, e assi foi um pouco, que a tenda não lhe deu mais lugar. Mas quando se houve de virar de todo, com muita dor sua os arrancou dali. Assi se saiu da tenda e assi o deixaremos pera seu tempo.

Lamentor se tornou a seu pranto, que muita causa tinha pera ele. Mas estando ele e a irmã assi por grande espaço de tempo, que ia já o sol encontra o meio-dia, a dona honrada (que Ama se chamou depois, pela criação da menina), como era já de dias³², era de muito saber, e chegando-se pera onde ambos estavam no seu pranto:

— Senhores — começou dizer —, muito tempo vos ficará, que a desventura me parece que é nesta terra como na nossa. Leixai as lágrimas, que não é agora tempo, senhor, para vós não parecerdes cavaleiro, nem vós, senhora, pera parecerdes tanto molher. Lembre-vos que a tristeza é de todos, que tamanho mal foi o nosso que não tão-somente o havemos de ter, mas ainda nos havemos de consolar uns com os outros. E pois temos a dor pera sempre, doamo-nos sequer de nós, que ficamos vivos. A sepultura é devida aos mortos, hão se de fazer as cousas necessárias. Olhai que este é o derradeiro dom da vida. Termos o corpo da senhora Belisa mais sobre a terra parecera fazemos-lhe força no mais pouco de sua partida. E pola ventura se deve ela d'anojar negarmos-lhe o seu, quando nos não há de pedir nunca mais outra cousa.

Acabadas estas palavras, que não foram ditas sem lágrimas e muita dor de todos, tomou ela a senhora Aónia como sobraçada e levou-a pera a tenda pequena que pegada naquela estava. E depois tornou por Lamentor e também o ajudou ir pera lá. Depois entendeu em concertar o necessário, mas Lamentor não quis que levassem o corpo de Belisa pera outra parte, antes

32 *era já de dias*: tinha uma idade avançada.

mandou que ali onde falecera fosse sua sepultura, porque logo assentara em sua vontade de nunca mais, enquanto vivesse, se mudar daquele lugar. E assim foi.

Porque nos reinos donde eles vinham se costumava, antes que mandassem os corpos mortos à terra, virem todos os parentes mais chegados beijá-los nas faces, os familiares³³, nos pés, e o parente mais chegado por derradeiro de todos (parece que faziam aquilo como saudação pera que aquela trasmudação fosse como em boa hora), como tudo foi acabado, a Ama veio chamar Lamentor e a senhora Aónia. Foram eles. Mas a senhora Aónia foi rijo lançar-se sobre as faces de sua irmã e, beijando-a, alevantou a voz, dizendo:

— Noutra terra, muitas tevéreis vós que fizeram³⁴ isto mais que nesta!

Aqui começou rasgar o seu fermoso rosto e todos alevantaram um triste pranto à maravilha. Cada um lembrava sua dor, e assi a iam beijar nos pés. Lamentor, a quem mais doía aonde inda nunca outra cousa lhe doera, depois de muitos sospiros arrancados d'alma, olhando para o que havia de fazer pelo costume, desta maneira disse:

— Ai, senhora Belisa, como vos hei de saudar eu? Por mim deixastes vossa terra, por mim, vossa mãe! Quem vos pôde apartar de mim em terras estranhas, pera me fazerdes tão triste? Não me queríeis vós a mim tamanho bem? Mas alguma grande desventura me houve enveja, ca o que me vós fazíeis pera eu ser o mais ledo cavaleiro do mundo, pera eu ser o mais anojado o fazia ela. Mal-aventurado cavaleiro, que pera vós, senhora, estava ordenado uma sepultura em terra alheia e pera minha vida, duas. Mas a vossa terá o corpo, e as minhas, o corpo e alma. Não fora mais rijo, senhora, o fio que nos a nós tinha a ambos? Como o cortastes vós sem mim? Não vos alembrou que era eu o que sem vós não havia de ser mais? Pedistes, me disseram, que vos levassem d'a par de mim, por

33 Ver «Glossário».

34 fizeram: fariam.

me não tirardes do repouso, e outro estava-mo tirando a furto de vós. Não abastou à minha desventura haver de ser o mais triste do mundo, mas ainda a maneira de como me veio a havia de ser também! Não me chamaram senão pera vos não ver, e ainda então vos doestes de mim. Quiséreis-me alimpar as lágrimas, e a minha desventura *não* queria, faleceu-vos a mão, como que vos leixava, sendo já senhora da vontade *a morte*, e com os olhos derradeiros postos em mim me fostes mostrando que com a alma se ia derradeiramente também a vontade. Mais devidos eram os meus anos a esse vosso caminho, mas mais o era eu às tristezas. E pois fico pera elas, melhor é ficar sem vós.

E com isto cumpriu o costume. Mas a Ama, que via não haver í outrem sobre quem cargasse o cuidado das honras derradeiras senão a ela, arredando a Lamentor e à senhora Aónia, tomou uma rica toalha nas mãos e, lançando-a sobre o rosto de Belisa:

— Agora já mais — disse — vos cumpre olhar pera o Céu, onde ela bem-aventuradamente está, que isto é terra. Quem a amar, pois já ela a leixou, parece que errará ao bem que lhe quiser.

Palavras eram estas de muita consolação, se soubera a dor presente consolar-se. Mas assi a enterraram.

Deixemos aqui as cousas de Lamentor, que foram muitas e estremadas, que ele fez pelo muito que a Belisa queria, porque, como este conto seja dos dous amigos, agravo se lhe fará grande, ao muito que deles há pera dizer, gastar-se em outrem parte alguma do tempo.

[CAPÍTULO 5]

E torno-vos ao cavaleiro, que saiu da tenda tão triste que não pôde alongar-se muito dali, e apeando-se, assentou-se ao pé dum freixo que acerca daquele ribeiro e da ponte estava. E por cuidar mais à sua vontade, mandou ao seu escudeiro, arredado dali, que desse de comer ao seu cavalo ribeira daqueste rio, que logo se temeu de o ele ver assi e cair em alguma sospeita que fosse contar a Aquelísia (que era aquela por quem viera ali, como ouvistes), porque muito lhe eram todos os seus afeiçoados. Que, como ela quisesse a ele grande bem, a eles não se podia ter que lho não mostrasse todo nas obras, donde nascia irem-lhe a ela com tudo o que ele passava. E assi o que ela fazia por bem lhe saía às vezes por mal que, pera camanho bem lhe ela queria, não podia deixar d'ouvir pelo tempo cousas que a magoassem, nem também ele não nas podia deixar de fazer, pelo pouco que lhe queria, como de feito assi por deradeiro lhe foi causa a ela de triste fim.

Mas assentado o cavaleiro ao pé do freixo, esteve por longo espaço revolvendo muitas cousas na fantasia, que, quando se alembrava do que Aquelísia lhe queria, parecia-lhe sem-razão deixá-la. Por outra parte, depois lembrando-lhe de quão bem lhe parecera Aónia, parecia desamor não lhe querer bem. Tinham-no

assi antr'ambas fermosura e obrigação, a ver quem o levaria. Mas, por derradeiro, pôde mais a de mais perto. Soía a dizer meu pai que fora vencida a obrigação como cousa que lhe não vinha de direito o pago no amor, e vencera a fermosura, como quem de só a ver se pagava.

Era Aquelísia uma de duas filhas, a que sua mãe só mais que a si queria, de boa fermosura, mas obrigou tanto a este cavaleiro com cousas que fez por ele, que o endevidou todo nas obras, não lhe deixou nada tão-sóis pera que lhe devesse a fermosura. Parece que lhe queria tamanho bem que não sofreu a tardança de o ir obrigando pouco a pouco, deu-se-lhe logo toda. Obrigou-o a si, mas não no namorou³⁵.

Coitadas das donzelas que, porque veem que as namoram os homens com obras, cuidam que assi também se devem eles namorar! E é muito pelo contrario, que aos homens namoram-nos, após uma brandura d'olhos, aspereza muita d'obras. Isto de seu natural lhe deve vir, serem tão rijos que parece não terem em muito senão no que trabalham muito. Nós outras, brandas de nosso nascimento, fazemos outra cousa. Porém, se eles connosco entrassem a juízo, que razão mostrariam por si? Ca o amor que é, senão vontade? Ela não se dá nem toma por força. Mas, como seja ou pola desventura das molheres ou ventura dos homens, sentença é dada em contra, que a eles prendem-nos esquivanças, e boas obras a elas. E esta só maneira poderão ter pera os namorarem: se não forem namoradas deles. Mas ao amor, quem lhe porá lei? Porém, este desagradecimento, que é o seu nome verdadeiro, trouxe muitos a desaventurados fins, como vereis neste cavaleiro em que falamos. E não foram vãos os rogos que Aquelísia fez, com as mãos erguidas aos céus pedindo dele vingança.

Contudo, assentou ele por derradeiro de a deixar, porque além de lhe parecer a senhora Aónia a mais fermosa cousa que vira, pareceu-lhe também que por vir de longes terras e ser

35 *namorou: enamorou.*

naquela estrangeira que mais asinha haveria o seu amor. Esta esperança, ainda que bem visse ele que era de longe, contudo, grande ajuda foi então pera acabar de confirmar ou de fazer muito grande o bem que lhe queria, porque isto vai como quando algum emparo³⁶ tolhe o sol: se o toma em cheio, é muito maior a sombra que o amparo que a faz. Assi, os que bem querem, porquanto as esperanças, por pequenas que elas sejam, se tomam sempre em cheio, ou parece que tomam, os estorvos que tolhem a cousa benquista fazem o amor muito maior do que elas são, donde vêm depois nacer os cuidados que com a morte ou longa tristeza se possuem; como foi neste cavaleiro, que já não cuidava senão como se apartaria de seu escudeiro, de maneira que depois d'apartado lhe não causasse suspeita alguma daquele lugar, pera ele mais à sua vontade gozar dele. E desejava tanto este apartamento porque sabia ele que havia de sofrer mal ver-lhe deixar Aquelísia, que era da criação dela e lho dera pera o acompanhar, e nunca lhe al ele dizia senão que a devia tomar em matrimónio, porque era d'alto sangue e herdava terras onde ele podia repousar os derradeiros dias de sua vida, que não deixam tomar armas com honra.

Mas enfim cuidando o que determinou, chamou-o e, fazendo-lhe um razoamento largo, antre outras cousas lhe disse que lhe não parecia bem ser ele mesmo o que levasse à senhora Aquelísia a nova d'aventura que não achara, vindo por amor dela, mas que seria bem levar-lha ele. E disse-lhe que de sua mofina quisera ele mesmo que outrem fosse o portador, que pera ela não podia ele ir em companhia de novas tristes; e que o esperaria no castelo que perto dali estava té tornar-lhe a trazer recado se queria ela pô-lo noutra aventura, pois aquela assi se não podera acabar.

Partindo-se o escudeiro com o recado, enganado ele e pera quem o levava, ficou o cavaleiro só e começou a entrar em pensamentos de como mudaria o nome pera que não fosse

36 *emparo/amparo*: toldo ou outro objeto que sirva de resguardo.

sabido onde estava nem se podesse saber pera onde ia, que tanto se enshoreou naquele pouco tempo o amor dele que a si mesmo queria já em parte deixar. Mas lembrando-lhe nisto que noutro tempo lhe dissera um adivinhador que, quando ele mudasse a vida e o nome, seria pera sempre triste, ficou um pouco mais cuidadoso. Mas tornando logo fazer menos conta daquelas cousas como incertas e, contudo, não querendo ir de todo contra elas, per outras muitas que tinha ouvidas, cuidou de trocar as letras do seu nome, de maneira que assi não no mudaria nem atentaria os fados. Mas ele não viu que isto era engano também dos fados.

Ele estando assi neste pensamento, acertou-se acaso que um mateiro vinha do mato pelo caminho que ia ter à ponte, e vinha em cima duma besta como deitado, mal coberto com um enxalmo. Parece que andando ele despido cortando a lenha, ateara-se-lhe algum fogo por todo o seu vestido e queimara-lho. Então ele, por lhe querer acudir, descuidara de si, e o fogo fizera-lhe algum nojo por partes de seu corpo. E direito do cavaleiro topou com outro mateiro que pera o mato ia, que lhe perguntou, vendo-o vir assi sem lenha, que pera que fora ao mato. Respondendo-lhe o mateiro queimado, falando-lhe galego estas sós palavras: «Bimarder»³⁷.

Olhou o cavaleiro pelo barbarismo das letras mudadas na pronunção do b por v, e pareceu-lhe mistério, porque ele *era* também *aquela que* se fora arder, e quis-se chamar assi daí avante.

Não passou muito tempo que por aquele lugar não veio um dos servidores de Lamentor, que atravessava pera o castelo. Quando Bimarder soube dele³⁸ como Lamentor tinha ordenado fazer ali uns paços grandes e morar neles toda sua vida, algum repouso deu mais este a Bimarder, que dantes a pouca certeza que tinha da estada de Aónia naquela terra lhe dava grande fadiga ao pensamento. Mas afroxando da parte deste cuidado,

37 *vim-m'tarder*: vim a queimar-me.

38 *soube dele*: soube por ele.

entrou noutro, do que faria de si e pera donde se iria, no que esteve até bem noite sem poder assentar nada consigo; que ir-se dali pera outra parte lhe era já grave, ficar parecia-lhe impossível cousa pera se poder esconder do seu escudeiro.

Combatido assi de uma e outra cousa, ainda porém sem detreminação de nenhuma, ergueu-se como forçado da noite mais que da vontade. Buscando seu cavalo onde o leixara o seu escudeiro, não no achou. Tornando-se então pera o freixo onde dantes estivera, pera dali olhar se fora beber ao rio, mas não o vendo nem sentindo em nenhum cabo, encostou-se assi então ao freixo, cuidando à primeira no cavalo. Mas não tardou muito que logo não tornasse a seu verdadeiro cuidar, imaginando, parece, a senhora Aónia na fantasia, afigurando-a nela da maneira que a vira. E de piedade amorosa lhe estavam caindo as lágrimas polos olhos.

Estando ele assi todo ocupado daquela doce tristeza, sentiu como alguém a par de si. E olhando, com o luar que então fazia viu uma sombra de homem desproporcionado do nosso costume estar perto dele. A súpita novidade o comoveu a alteração, mas, como esforçado que era, lançando mão a sua espada, cobrou ousadia de lhe perguntar quem era. E vendo que contudo se calava, pôs-se em jeito pera ela com a espada já arrancada, dizendo:

— Ou me dirás quem és, ou o saberei eu!

— Está quedo, Bimarder — chamando assi por seu nome, lhe disse a sombra —, que ainda agora foste vencido de uma donzela chorando.

Deteve Bimarder o passo, espantado daquilo, que ainda até então cuidava ele que o não sabia ninguém. Mas tornando logo a querer-lhe perguntar donde o sabia, olhou e viu que aquela sombra, virando-se para umas moutas grandes que í cerca estavam, se metia indo por antre elas, e assi desapareceu.

Ficando Bimarder com o pensamento cheio do que aquilo seria, começou d'ouvir um estrondo grande que vinha pelo mato descontra onde ele estava. E ainda bem o não ouvia quando,

correndo perante si, viu passar o seu cavalo e uns lobos após ele, e após os lobos, de longe, vinham correndo uns cães com grande matinada. E ao saltar deste ribeiro, caiu nele o cavalo, chegando os lobos, que começavam a feri-lo por todas partes, de maneira que, com quão prestesmente Bimarder acodiu, já ele era meio-morto.

Não tardou nada que uns pastores que perto dali tinham a malhada do seu gado, ao filhar dos cães vieram ali ter, afegurando-se-lhe³⁹ ser morta alguma rês. E achando Bimarder assi agastado, começaram-no a querer consolar com palavras e modos rústicos, oferecendo-lhe pousada. Por aquela noite, aceitou-a ele, ainda que não desejava então companhia, mas polas horas o fez e também porque logo cuidou que, como⁴⁰ os pastores fossem no seu fato, não lhe haviam mais de tolher o tempo ao cuidado, que para eles não se fizera a noite senão para dormir.

Foram assi a um fato de uma grande manada de vacas, que todas estavam alevantadas com o alvoroço dos cães e medo dos lobos, metendo-se os pastores, e Bimarder trás eles, por antre elas, que lhe iam fazendo lugar escornando umas às outras. E assi saindo, estava uma fogueira grande a par de uma choupana de sebes cortiçada por cima. E junto doutra choupana, ao fogo, jazia deitado sobre rama verde espalhada um pastor já todo branco que maioral era do fato, e tinha a sua cabeça sobre um tronco de madeira encostada, e uns rafeiros, cachorros piquenos, lançados parte por cima do velho pastor, outros com umas cabeças grandes estendidas sobre ele.

E em os pastores chegando, ergueu ele a cabeça um pouco, e como homem que era avisado em semelhantes casos, descansadamente começou a perguntar polo que passaram. Contando-lhe eles que não era nenhuma rês morta, lhe contaram também do cavaleiro que traziam. Ergueu-se ele então assentado e, fazendo-lhe lugar na sua rama, lhe rogou que se

39 *afegurando-se-lhe*: *afigurando-se-lhe*.

40 *como*: *quando*.

fosse assentar. E assentado Bimarder e assentados todos derredor daquela fogueira, pediu o velho maioral a Bimarder que lhe contasse como aquele desastre lhe acontecera. Contou-lhe ele brevemente, pelo satisfazer, como, andando o seu cavalo pascendo, vieram aqueles lobos e mataram-no primeiro que lhe ele pudesse valer. Ao que começou com uma fala retumbada a falar o velho pastor, como que o queria consolar naquela mofina, dizendo:

— Os desastres que acontecem com as alimárias feras neste vale é cousa espantosa e, para quem as souber, mais leves de sofrer, se a companhia nisto é consolação. Que a meia noite⁴¹ do inverno escura, sendo eu mais mancebo que agora, diante os meus olhos me tomaram a vaca bragada, mãe destoutras bragadas que tenho eu ainda agora, e ma mataram. Pois tinha então a par de mim o rafeiro malhado e a rafeira branca sua mãe, armados os pescoços ambos, que nunca me achei com eles em lugar tão ermo nem noite tão escura que não estivesse seguro como na metade do dia. Mas então pouco aproveitaram eles a mim, que bradava, e à coitada da vaca, que bramia tão doridamente, que em breve espaço *ajuntou* quanto gado em aquela sazão tinha, que estava, a la fé⁴², bom pedaço dali. Já aqui onde agora estou me vieram matar, no craro dia, quantos bezerros tinha, que ainda não eram para andar com as mães.

— Pois porque estás logo aqui, pastor honrado? — lhe disse Bimarder.

— Nunca vistes al! — lhe respondeu o pastor — Não há o haver senão donde há o perder. A terra é abastada de pastos, assi como cria o bom cria o mau. Eu já ouvi dizer a um grande homem, que era dado às cousas do outro mundo, falando na povoação desta terra (que, ainda que a vedes assi por partes metida a mato, é de pastores em muita maneira povoada), que esta era uma das maravilhas da natureza: de uma terra mesma nascerem duas tão contrairas uma da outra. E que isto não era

41 a meia noite: a meio da noite.

42 a la fé: verdadeiramente.

só nas alimárias, mas nos homens, ca não há os maus senão onde há os bons e não há ladrões senão onde há que furtar. Mas quant'eu, não sei qual é pior para nós outros pastores: na terra que é de pouca ervagem, perece-nos o gado à fome, e cá nestoutra, matam-no-lo. Assi que em toda parte nos vai mal. Mas nós outros somos, enfim, como dizem que são todos os outros homens, lá vós, senhor cavaleiro, o sabereis: podemos melhor sofrer o mal que nos faz outrem que o que nós outros fazemos a nós outros mesmos. Os danos da terra fraca, porque é em nosso poder sairmo-nos dela, não nos podemos sofrer, os da dura, porque não é em nós outros vedarmo-los, sofremo-los como podemos. Assi também digo eu, senhor cavaleiro, no vosso caso, não esteis agastado. Descansai e tornai toda a culpa à terra.

Estas palavras a Bimarder pareceram bem e, se não fora porque era contar o pastor a verdade de sua vida, cuidara ele que não eram estas palavras de pastor. Mas o que cada um passa, ligeiramente o sabe bem contar. E por isso lhe não tornou resposta mais que umas palavras em sinal d'agradecimento daquele bom conforto, fazendo menção de querer repousar, o que vendo, o velho pastor mandou a todos que se lançassem e dormissem. Foi feito assi e começaram em breve espaço os pastores a roncar, estirando os seus rústicos membros, uns pera cá e outros pera acolá, como ao sono aprazia.

Só Bimarder não pôde repousar, tendo no seu coração a quem ele não doía. E quando a todos a escura craridade das estrelas amoestava sono, dele o tinham desterrado os seus cuidados. Antes, com os olhos postos pera aquela parte donde viera, segundo parecia, com o corpo só, a senhora Aónia ausente ele via chorar. E em a longa noute esteve assi, até que o cansaço do corpo adormeceu aquela parte dos sentidos sobre que tinha poder; sonhos e fantasias acuparam⁴³ a outra. Mas depois de um pouco sono, acordou ele todo banhado em

43 acuparam: ocuparam.

lágrimas que chorara, sonhando que o levava dali por força a sombra que vira dantes. E correndo-lhe por isto muitas cousas pelo pensamento, assentou consigo de se não ir daquela terra té ver o que podia ser dele naquele cuidado que o assi tomara e assi o seguia. Desta maneira cuidava ele que iria contra aquilo que per ventura lhe adivinhava o sonho, se o fizesse. Tamanho desejo tinha de se não ir nunca dali, que tudo lhe parecia que lho amoestava.

E de muitas maneiras que cuidou, nesta assentou per *deradeiro*: despedir-se cedo daquele velho maioral e ir-se a algum lugar perto dali onde mudasse os trajos, e tornar-se acertar vivenda com ele, que grande fato lhe parecia que trazia, que, ainda que muitos mancebos lhe viessem, a pouquidade da soldada faria que lhe não fosse sobejo qualquer pastor. E assi o fez.

[CAPÍTULO 6]

Eis Bimarder pastor de vacas, que nada houve aí impossível ao amor grande. Muito tempo passou ele naquela vida, com maus dias e piores noites, porque Lamentor, no começo logo de seu assentamento, mandou fazer primeiro umas casas pera recolhimento, nô mais, e a muita gente que era vinda pera as obras, pela negociação⁴⁴ grande que tinha a casa e grande pressa que Lamentor dava a eles, tolhia a saída às molheres, por onde Aónia não pareceu um grande tempo pera Bimarder aldemenos levar aquele contentamento que a vista dos olhos dá àqueles que do mais carecem.

Conheciam-no, porém, já todos os de casa. Chamavam-lhe o pastor da fruta, porque ele acostumava trazê-la sempre, que pera remédio de sua dor a escolhera, depois de se desconhecer. Também assi muitas vezes, horas polas ribeiras deste rio, outras horas por aquelas altas assomadas que fazem, como vedes, mais gracioso este vale, andava tangendo em palavras pastoris, que este só contentamento lhe era algum conforto no seu mal pera desabafar o coração, que tão ocupado de profundos pensamentos trazia.

44 negociação: atividade.

Muitas cousas sabia meu pai suas que arremedavam a pastor e tinham cousas d'alto ingenho, ou mais verdadeiramente d'alta dor, postas e semeadas tão docemente por outras palavras rústicas, que a quem o bem olhasse ligeiramente entenderia como foram feitas. E tinha mais outra cousa, a meu fraco juízo e parecer: que o bom, posto naquela baixeza d'estilo, pela impressão da presunção que punha, comoveu mais asinha à compaixão, tanto pode a imaginação em todas as cousas! Mas, de todas, uma só me lembra que dizia meu pai que ele cantara, e ouvira-lha a Ama da menina. Por certo que parece que assi o ordenou a ventura pera que Aónia fosse sabedora de seu cuidado, já quando de todo ele andava desesperado e, não se podendo dali apartar, ordenava andando desvariadas cousas de si, que desvariadamente o atormentavam também.

Por que em tudo fosse como cumpria à desventura que estava ordenada, aconteceu que a velha Ama era natural desta terra e, noutro tempo, quando moça, parece, um mercador muito rico e gentil-homem, que viera daquelas partes donde Lamentor vinha, por azos da vizinhança houvera o seu amor. E com dádivas grandes e promessas maiores a levaram de sua terra, de casa de seu pai, que a tinha muito estimada e guardada, mais ainda do que a seu estado convinha. Mas tudo pela fermosura dela era bem empregado. Era ensinada a livros de histórias, pelo que era entoncos já sabedora, e depois, quando velha, foi muito mais. E dizem que, chegados ambos à terra do mercador, por grandes desaventuras o veio ela a perder, ainda quando moça e fermosa. Mas ficando assi em terras estranhas, e movida de compaixão, a mãe de Belisa a recolheu pera sua casa, donde ainda lhe estava guardado estoutro desterro pera sua terra. E de como a levou ele, e como o ela perdeu, se conta um grande conto. Leixá-lo-ei agora, porque tenho outro caminho tomado, ainda que já antre os homens todos os caminhos vão ter a contos de molheres. Mas, pois morais nesta terra, outra hora nos veremos e contar-vo-lo-ei então, se pola ventura vos fica desejo de ouvi-lo.

— Ainda, senhora — me não pude eu ter que lhe não dissesse —, que eu tinha já posto em minha vontade de nunca ter desejo nenhum, este quero eu ter, que tanto podem as cousas vossas comigo. E mais, pois é conto de molheres, não pode deixar de ser triste, e desta maneira também em parte não irei contra meu prepósito, porque, desejando d'ouvir tristezas, não se pode verdadeiramente chamar desejo, que só desejo deve ser aquilo com que se haja de folgar, e se também acontecer o contrario, será porque também o desejo se poderá enganar muitas vezes, como todos os outros sentidos.

— Nós outras, as tristes — me tornou então ela —, chamaremos logo a este desejo nojo, porque não se deve espantar ninguém ver mudadas as palavras, ou o entendimento delas, nas pessoas em que se mudaram também muitas outras cousas que não dissera ninguém que se podiam mudar. E também, filha senhora, ainda que me vejais assi, já em idade que as tristezas passadas não deviam ser-me causa de mais que d'haver tudo por nada, julgar o presente pelo passado, e enfim, estimá-lo assi, contudo, tamanhas foram as cousas que me fizeram triste, que o sofrimento delas, em longo tempo, não me fez senti-las menos. Cuidando nisto, muitas vezes digo eu que não pode ser senão que, quando a fortuna determinou anojá-me, foi pera que a vida não sobejasse à dor. Compassou-as, parece, ambas, assi que não fosse uma mor que outra, e vou entender nisto que não se acrecenta mais minha dor que o tempo com a vida. E perdoai-me ir-vos assim saltar e falar em mim, tendo ainda por cumprir o que vos prometi, que a sua dor traz cada uma⁴⁵. Assi são também nos meus feitos: indo pera fazer uma cousa, faço outra, e a mim muitas vezes me sou eu mesma vergonha.

— Não podeis vós, senhora — lhe respondi —, fazer cousa ante mim que haja mister perdão de mim. Antes, quanto mais vossas cousas olho, me vai parecendo que não viestes

45 cada uma poderá remeter para tristezas passadas ou cousas que me fizeram triste.

aqui senão pera vos eu ouvir, que até agora soía-me eu andar espantando de mim comigo como podia durar tanto uma dor depois d'acabada a causa dela e como a não gastava o tempo, como as outras cousas todas que nela há. E porque eu não via isto na minha mágoa, tornava dando a culpa disto a outrem, e porque pela ventura me era forçado tornar a dar a mim maior pena ... ou, que digo eu, pola ventura?

E aqui, indo eu pera dizer outra cousa mais, se me pôs diante o pouco conhecimento d'antre nós ambas, e calei-me, assi como me não quisera calar. E ela, docemente, e dissimulando pela ventura, segundo no fim de sua fala pareceu, se ergueu dizendo:

— Das culpas que alguém dá a quem bem quer, sempre lhe ficam as penas delas, e traz rezão, que não vos quereria eu a vós bem se vos eu o pior desse. Mas antes me espanto ainda de, quem quer bem, como pode culpar a quem o quer, senão que torno a dizer eu que podem fazer isto pela pena que lhes fica, que a ela tomam eles por vingança da força que se fazem nisto a si mesmos. Também, senhora, fui moça como vós, culpei já alguém contra minha vontade. Causa de grandes nojos me fui muitas vezes. Não me poder eu escusar a mim mesma só de culpar outrem, foram desvairios d'amor. Há isto nele como há outras sem-razões infindas, sofridas como ele quis, que este nosso sofrimento das cousas pôs também cousas que não se sofrem senão pola ventura.

E nesta palavra tirou os olhos de mim, como que queria dizer que não no entendera, pois lho eu queria encobrir. E a mim me pareceu mau ensino a uma senhora, dona e triste, que me tanto dava de si, negar-lhe parte de minhas tristezas, pois já dantes lhas quisera senificar⁴⁶. Disse entonces:

— Cuidai de mim, senhora, o que quiserdes, que assi me parece que sois anojada, que esta maneira é melhor que todas

46 *senificar*: significar, com o sentido de contar.

pera saberdes toda a verdade de minha vida, ainda que toda é longa querela.

— Fazeis bem — me tornou ela —, que essa maneira é também melhor pera vo-la eu ousar de perguntar, que tão afeiçoada vos sou já, que pois há de ser tão triste, não na quero antes ouvir. Por isso, tornemos ao conto. Ele acabado, farão de nós nossas tristezas sua vontade, que também se desejam contadas como os prazeres. mentar

— Mas o conto foi assi. Disse-vos, se vos lembra, que uma só cantiga m'acordava que dizia meu pai que ouvira a Ama. Por certo, ouviu-lha desta maneira.

Começava a cair a calma e havia pedaço que estava o pastor da fruta assentado à beira deste ribeiro sobre um torrão. Olhando pera a outra parte contrária donde a Ama acertou também acaso de vir, estava tangendo mansozinho a fruta, como antre si. E estando ele nisto, eis se deixa vir um rebanho de vacas correndo apressadas da mosca, e, passando por ele, se foram meter n'água até os peitos. Leixando ele então de tanger, ficou como cuidadoso um pouco e, porém sem tirar a fruta donde a dantes tinha, como trasportado. Olhou pera isto a Ama e quisera-lhe dizer que tangesse, que bem lhe parecera dantes, mas estando pera o dizer, começou de tocar a fruta docemente e de maneira que fez detença a Ama. E parecendo-lhe cousa triste e mais que de pastor, deu-se toda a ouvi-lo, senão quando ele, depois de um pedaço grande, soltando a fruta, começou assi:

Para tudo houve remédio,
para mim só o não houve aí,
inda mal que o soube assi.

Fogem as vacas para a água
porque a mosca as vai seguir,
eu só, triste em minha mágoa,
não tenho onde fugir.

Daqui me não posso eu ir,
estar não me cumpre aqui,
e o que eu quero não no há í.

Em mentes a calma dura,
tem esta fadiga o gado:
a menhá apasce em verdura,
a tarde em seco prado.
Dorme a noute sem cuidado,
que tudo achou para si,
descanso eu só o perdi.

A mim, nem quando o sol sai
nem depois que se vai pôr
nem quando a calma mor cai,
não me leixa minha dor.
Dor e outra cousa mor,
convosco hoje amanheci,
convosco ontem anouteci.

Crendo que assi acabaria,
dei-me todo ao que padeço,
um dia leva outro dia,
por um mal outro conheço.
Se o fim responde ao começo,
ai, quão mal que me provi,
que no começo o fim vi!

Se nasci por meu mal ver,
e não por vê-lo acabado,
milhor fora não nascer
que ver-me desesperado.
E pois que este meu cuidado
me traz tão cego após si,
inda mal que o soube assi.

Antre lágrimas e pranto
nasceu o meu pensamento,
creceu em tão pouco tanto
que é mais alto que o tormento.
Pois não é cousa de vento,
mal faz quem me esquece assi,
que após mi não há outro mi.

Vai-se tanto porlongando
o fim do *por* que espero
que a vida me vai gastando,
pois já dela desespero.
Fortuna me vai guiando,
contraíra sempre de si,
não sei para que nasci.

E em dizendo este derradeiro verso, parece que não pôde ele ter as lágrimas, e em o mal acabando, calou-se como estorvado delas, e entendeu-o a Ama pelo soltar da fruta e o tomar d'aba pera alimpar-se. A tamanha compaixão a comoveu que não pôde também ter as suas, lá onde estava, e sempre lhe falara, se não fora que vinham chamá-la já de casa. Foi forçado levantar-se. Alevantou-se ela e foi-se, acupada toda a fantasia daquele pastor, que algum mistério grande lhe pareceu.

E como o que está ordenado de ser logo traz os azos consigo, entrando a Ama em casa, topando Aónia só, à boa fé, sem mau engano, se pôs a contar-lhe tudo e jurar-lhe e tresjurar-lhe que não podia ser pastor. E porque já Aónia entendia a linguagem desta terra mui bem, lhe disse a Ama a cantiga quando lhe veio a contar de como o pastor com aquelas derradeiras palavras deixara cair a fruta no chão e com a aba do gabão, que de burel era, se alimpara das lágrimas que com elas lhe vieram e, acabando d'alimpar-se, olhara pera a aba que com ambas as mãos tinha, e como, parece, lembrando-se de quem ele era, ou não sabia porquê, encostara o rosto nela assi antre as mãos

como estava; e após um grande suspiro se leixara estar assi e assi ficara quando se ela viera, que, pola chamarem neste meio *tempo*, se tornara tão triste como havia muito que por cousa alheia o não fora. E encheram-se à velha Ama os olhos d'água em dizendo «cousa alheia», e assi se virou pera outro cabo e foi-se fazer cousas de casa.

A senhora Aónia, ainda então donzela d'até treze ou catorze anos, sem saber que cousa era bem-querer, de umas lágrimas piadasas regou as suas fermosas faces, e com ele⁴⁷ os sentidos primeiro lhe encrinou⁴⁸, tanto podem algumas horas as cousas ouvidas! E se não fora que era ela moça, ligeiramente o entendera logo, mas não no entendeu. Mil vezes naquele dia lhe tornou a pedir que lhe dissesse ora a cantiga e ora como estava. E por acerto preguntando-lhe uma vez de que feições era, lhe disse a Ama:

— Eu já outras vezes o vi, de bom corpo e de boa disposição, o rosto de igual composição⁴⁹. A barba, um pouco espessa e um pouco crecida que a ele traz, parece que é aquela ainda a primeira, os olhos, brancos, dum branco tamalavez nublado. Na presença logo se enxerga que alguma alta tristeza lhe sogiga⁵⁰ o coração.

Lembrou Aónia só tornar-lhe a preguntar quando foram as outras vezes que o vira. Disse-lhe ela então de como aquele pastor se vinha por derrador daquelas casas sempre e às vezes se punha a falar com os oficiais, outras andava defronte a ribeira daquele rio, pastorando seu gado. E este era o pastor a que todos chamavam o pastor da fruta, que conhecido era de todos. Não no conhecia Aónia, porque nunca saía fora, mas então logo pôs sua vontade d'olhar por ele e catar maneira pera isso, tamanho dó lhe fez ouvir dele o seu canto. E enganada assi daquela falsa sombra de piadade, dormir toda a noute

47 ele refere-se provavelmente a bem-querer.

48 encrinou: inclinou.

49 de igual composição: bem proporcionado.

50 sogiga: subjuga.

seguinte não pôde, mas não que ainda fosse declarada consigo, nem baixo daquele desejo detreminasse nada. Porém, ardia em fogos de dentro.

E porque de todo acabasse isto de confirmar, ainda bem não era menhã, saindo a Ama da menina a uma varanda à maneira d'eirado, que sobre uma parte das casas estava e fora logo feito no começo pera despejos, viu o pastor estar só sobre a borda deste rio, não mui longe do lugar donde o ela vira o dia dantes, que ali estava o freixo onde se ele pôs a primeira vez que saíra da tenda e onde também viu a sombra, como vos disse. E ali foi também onde depois veio morrer, e parece já então os seus fados o incrinavam pera ali e pera aquilo, que a ventura de cada um não se pode mudar. E como assi o viu, foi-o logo dizer a Aónia correndo, tamanha pressa dava já a fortuna ao desastre, ou era vinda a hora que se não podia alongar. E como lho teve dito, acupou-se em negócios de casa.

Levantou-se Aónia e, deitando só uma roupa grande sobre si, que em camisa estava ainda na cama, se foi ao eirado e viu-o estar virado pera aquela mesma parte. Mas vendo-se Aónia só no eirado, lembrou-se logo que ia toucada dum rodilhado só, como se erguera, e, ou por não parecer que se erguera então, ou já por não parecer mal, lançou ela uma manga da camisa sobre a cabeça, e leixou-se estar assi.

Nisto começaram as vacas pascendo rodeá-lo naquele lugar onde estava, que era uma maneira d'outeiro pequeno. E andando pascendo elas, umas pera cá e outras pera lá, deixou-se doutra manada vir um touro grande e medonho urrando e lançando de quando em quando terra sobre as ancas e, doutras vezes, que a queria comer, meneando sua cabeça pera uma e outra parte. E chegando às suas vacas, começou tão feramente a pelejar com outro seu, que espanto fazia a ela, lá onde segura estava deles nô mais. E andando assi, começaram-se de ir chegando com grande peleja pera o lugar onde ele estava. Mas vendo ela que não se mudava ele, nem tirava os olhos daquela parte onde ela olhava, antes parecia, segundo estava seguro, que os não via,

senão que isto não era pera crer. Mas quando ela de todo em todo viu que os touros se iam chegando já a ele, ficou esmorecida. E tornando em si, olhou e, com o espaço que se metia em meio, tolhendo-lhe os touros a vista dele, parecendo-lhe a ela que o tomavam debaixo, caiu doutro cabo como morta.

Vendo Bimarder aquilo, que pera outro não olhava, deu-lhe logo no coração o que era. E ainda que ele tevesse muitas razões pera o duvidar ou não o haver por certo, pois da sua vontade Aónia não era sabedora, que ele soubesse, contudo, creu, que assi o quis o bem-querer grande que todalas cousas duvidosas fossem mais certas ou por mais certas se cressem. E cobrando força da manencória que houvera, pelo que sospeitou, com um cajado grande que tinha na mão tirou ao touro alheio, que já o melhor do seu levava, e quis sua dita que lhe quebrou uma perna e, lançando-se rijo acordadamente a ele, levou-o per um dos cornos. E como Bimarder fosse de grande força, e com ajuda do seu touro, que por *instinto* natural conheceu o socorro, que o também por sua maneira começou d'ajudar, prestesmente deu com o touro alheio em terra. E virando-lhe a cabeça pera o ar, o leixou que se não podia bolir.

Viram isto todos os de casa, que ao estrondo grande e urros dos touros acodiram, e foram todos espantados do esforço grande do pastor e não falavam em al. A Ama, que também o via, foi-se em busca de Aónia pera lho contar, mas não a achando na câmara, lembrou-lhe que seria no eirado, e indo lá, achou-a deitada. E chegando-se a ela, viu-a como passada deste mundo, e, dando um «ai» grande, lançou mão ao seu rosto. Mas ao brado acordou Aónia como cansada e, parece, porque trazia o pensamento ocupado no pastor, foi-se-lhe afigurar o que arreceava, e cuidou que o que fazia Aónia seria com dó do pastor, que assi também chorara ela quando lhe contara o que fizera⁵¹ o dia dantes. E a primeira palavra que lhe disse foi:

— E o pastor?

51 O sujeito de *cuidou* é a Ama e o sujeito de *fizera* é o pastor.

Descansou a Ama com isto que lhe ouviu, parecendo-lhe que esmoreceria ela de ver a afronta tamanha em que se pusera o pastor, como é costume das molheres. Mas era outra cousa maior, que estava, muito pouco havia dantes, tão longe *de* poder ser como ela de o poder então cuidar. Mas tudo já pode ser, ao longo tempo não é nova nenhuma cousa.

Contou-lhe então a Ama velha tudo o que passara o pastor, e, tornada em suas forças, se ergueu Aónia e puseram-se ambas um pouco a olhar pera o touro que no chão jazia. E estava aí muita gente dos oficiais das obras e da casa e, se não fora por a vergonha que havia Aónia de a verem, que era em extremo bem acostumada, não se fora ela dali. Mas, contudo, foi-se já um pouco tão decraradamente contra sua vontade que o entendeu ela, porém, como era aquele o primeiro cuidado, não lhe pareceu de todo o que foi, senão que já consentia ela a si mesma cuidar que, se ele não fosse pastor, logo lhe queria bem.

Recolheu-se Aónia logo à câmara pera vistir-se, e em se recolhendo, acertou de vir de fora uma molher de serviço de casa que também, parece, saíra a ver a peleja dos touros. E entrando na casa donde ficara já a Ama, começou um pouco alto falar-lhe, dizendo:

— Quereis vós, senhora Ama, saber *do pastor*?

Aqui calou-se como muito maravilhada. A esta palavra que Aónia ouviu, pôs-se a escutar de trás a guarda-porta da câmara.

— Que há o pastor? — lhe tornou a Ama.

— É uma maravilha grande — lhe respondeu a mulher —, deveis de saber. Não sei se vos lembrará que este pastor é um cavaleiro que aquela antemenhã que a Deus aprouve levar a Belisa pera si chegou aqui e falou a Lamentor. E eu m'acertei então í e vi-o sair da tenda com os olhos cheios da senhora Aónia e d'água, e que todo o tempo que í estivera dantes sempre a olhou de uma maneira como que não podia al fazer e que não desejava fazer al. Que vos hei de dizer? Verdadeiramente me pareceu então que se ia ele como que lhe ficava í o coração.

E por isto que entendi, saí logo após ele por ver onde ia, e ele foi-se assentar a par dum freixo grande que ali está onde foi a peleja dos touros. Não olhei mais o que fizera, nem o tempo era pera isso, senão agora que fui ver aquilo que ele fez, e em lhe pondo os olhos deu-me logo o ar dele, e tomei eu isto por mistério, porque quant'a então estava eu bem fora de cuidar nele. Por esta imaginação súpita que me veio, tornei atentar mais nele e vi que não podia tirar os olhos de cá, e quando vos vós fostes do eirado, ficou mais triste que dantes. Quanto pera mim, abastou aquilo pera confirmar minha presunção, porque ele é aquele como Deus é Deus.

Era esta molher um poucochinho lambareira e, porém, era avisada, se o alguém era. Mas pola outra tacha que tinha, quis-se a Ama encobrir dela. E posto que aquilo logo se lhe assentasse n'alma, por lho desfazer disse-lhe que se fosse daí, que ela conhecia aquele pastor por lhe ver tanger um dia uma fruta bem, e perguntara por ele e disseram-lhe que era filho de um maioral de uma grande manada de vacas e gado que neste vale andava, e assi se despediu dela. Porém, a velha Ama ficou crendo, que bem sabia ela que os acertos em todalas cousas podiam muito, e no querer bem mais que em todas elas.

Aónia, que estava escuitando, ouviu toda esta prática e, conquanto a Ama contradissera o da outra, ela o creu. E não fora isto nada senão que, após a crença, foram todalas outras cousas que as crenças nestes casos soem trazer após si, que logo teve desejos, cuidando o bem-querer, e já não *via o* dia nem hora que ele fosse certo de sua vontade, pera que se não apartasse dali por algum desastre, que ela logo começou ar-recear, porque o verdadeiro bem-querer não pode estar muito sem receios.

Vedes aqui como se enamorou esta donzela de Bimarder, que pareceu cousa feita acinte, porque ambos se começaram a querer bem sobre uma sombra de piedade. E haviam de acabar ambos de uma maneira, começaram assi também ambos de dous de uma.

[CAPÍTULO 7]

Aónia, que se detreminou consigo, não pôde mais descansar. E como ele tevesse em costume vir sempre por derredor daqueles paços, que suntuosos se faziam à maravilha, por uma fresta alta, que na câmara onde ela dormia fora só feita pera lume⁵², se sobiu Aónia, sabendo como ele andava ali. E como o viu, com os desejos que tinha de o ver e com o que consigo tinha assentado, pareceu-lhe não tão-sóis assi como ele era, mas como ela queria que fosse, depois de o ela estar olhando um pouco, bem à sua vontade. Porque ele, ainda que contra a fresta com o rosto acertasse então d'estar, acertou-se também d'estar olhando pera o chão, cuidadoso como soía, teve ela tempo pera o ver bem. Mas depois de um pedaço bom, não soportando não ser vista dele, fez que falava com alguém de casa, e a isto olhou Bimarder e, conhecendo-a, trasportou-se, parece, e caiu-lhe o cajado no chão.

Levou Aónia contentamento daquele desacordo que bem viu, e esteve assi mais um pouco. Mas não pôde tanto forçar-se que a vergonha natural de donzela, ainda tão moça e tão guardada como ela o era, não podesse mais que o seu desejo,

52 *feita pera lume*: feita para deixar entrar a luz.

e tirou-se então assi da fresta. Porém, não sendo ainda bem abaixo, tornou a espreitar se se fora ele e tornou-se logo a tirar. Também quisera ela tornar outra vez e outras, mas não pôde tantas vezes acabar consigo de fazer o que não devia.

Veio-se a noute aquele dia mais cedo pera Aónia do que ainda outra nunca viera. Deus sabe como ela aquela tarde passou! Mas não quero contar aqui muitas cousas que por querer bem se fazem de maneira que se não podem dizer.

A velha honrada da Ama, que com o que sospeitou entendeu o desassossego de Aónia, que diferente foi logo pera quem atentasse nisso, andava triste e anojada em parte de si pelo que lhe contara dele, e por isto o sentia muito mais e aquela ceia não pôde comer. Mas, recolhidas que elas foram àquela câmara da fresta onde dormiam, pondo-se a Ama a pensar a menina sua criada⁵³ como soía, como pessoa agastada dalguma nova dor, quis-se tornar às cantigas. Começou ela então contra a menina que estava pensando cantar-lhe um cantar à maneira de solau⁵⁴, que era o que naquele tempo e partes nas cousas tristes se costumava, e dizia:

Pensando-vos estou, filha,
vossa mãe me está lembrando,
enchem-se-me os olhos d'água,
nela vos estou lavando.
Nacestes, filha, antre mágoa,
para bem, filha, vos seja,
que no vosso nascimento
vos houve a fortuna enveja.

53 *pensar a menina sua criada*: embalar a menina que criava, ou seja, a filha de Belisa.

54 *cantar à maneira de solau*: canção popular do género do lamento (do castelhano *solaz*, consolação, alívio).

Morto era o contentamento,
nenhuma alegria ouvistes,
vossa mãe era finada,
nós outras éramos tristes.
Nada em dor, em dor *criada*,
não sei onde isto há d'ir ter,
vejo-vos, filha, fermosa,
c'os olhos verdes crescer.

Não era esta graça vossa
para nacer em desterro,
mal-haja a desventura
que pôs mais nisto que o erro!
Tinha aqui sua sepultura
vossa mãe, e a mágoa nós.
Não éreis vós, filha, não,
para morrerem por vós!

Não houve em fados razão,
nem se consente rogar,
de vosso pai hei mor dó,
que de si s'há de queixar.
Eu vos ouvi a vós só
primeiro que outrem ninguém,
não fôreis vós se eu não fora,
não sei se fiz mal se bem.

Mas não pode ser, senhora,
para mal nenhum nacerdes,
com este riso gracioso
que tendes sobr'olhos verdes.
Conforto mais dovidoso
me é este que tomo assi,
Deus vos dê melhor ventura
da que tevestes té qui!

Que a dita e a fermosura,
dizem patranhas antigas
que pelejaram um dia,
sendo dantes muito amigas.
Muitos hão que é fantasia,
eu, que vi tempos e anos,
nenhuma cousa dovido,
como ela é *azo* de danos.

Mas nenhum mal nom é crido,
o bem só é esperado,
e na crença e na esperança,
em ambas há í mudança,
em ambas há í cuidado.

O pastor da fruta, que não era pastor, teve aquela noite maneira como, com um pau que colheu, arribou à fresta, e já estava nela quando a Ama começara a cantar. Bem conheceu na limpeza das palavras e em a pronunção delas que era natural desta terra e avisada, por onde logo arreceu que, se não tivesse nela ajuda, que seria grande estorvo, e encomendou-se à sorte.

Acabou a Ama de pensar a criada, que não foi pensada sem muitas lágrimas d'ambas de duas, dela e de Aónia, que penteando-se esteve em mentes, segundo sentiu Bimarder, que ele nada de dentro podia bem devisar, pelo impedimento dum pano que diante da fresta estava pera amparo dela, e acabada a menina de pensar, apagando o lume se deitaram ambas. E porque a Ama tinha sua suspeita, fez que dormia pera espreitar Aónia, e Aónia, porque tinha seu cuidado, não podia dormir, e ora se revolvía pera uma parte ora pera outra. Outras vezes, após um assossego dum pouco, colhendo fôlego, dava um baixo suspiro longo, à maneira de cansada daquilo que acabara de cuidar.

Esteve a Ama tudo notando por um grande espaço, e já Bimarder estava pera se descer, cuidando que era outrem que

fazia aquilo, senão quando a Ama começou assi a falar escontra Aónia, dizendo:

— Não dormis, senhora Aónia? E que será, se não podeis dormir? Parecendo-me vai que esta nossa vinda aqui pera desastres foi e nô mais. Mas assi de longe os ordena eles a ventura, que logo ao começo se não poderam conhecer. Mal cuidava eu o que havia d'acontecer à senhora Belisa quando aquela noite, depois de dormirem todas, nos alevantámos nós sós caladamente e pelo laranjal do jardim, que com a espessura do arvoredado fazia então maior escuro, passámos cheias de medo, e vós pegada em mim toda tremendo, fomos sair pela portinha falsa que no mais escuro lugar dele estava, aonde achámos a Lamentor aguardando-nos já havia pedaço, todo cheio d'esperanças tão longas que, enfim, haviam de vir ser assi esperanças e nô mais. Por isso, cumpre a todas as pessoas, e às donas senhoras muito mais cumpre, pois são as que aventuram mais, que ao princípio das cousas olhem onde elas podem ir parar, que não há nenhuma tamanha que no começo dela se não possa resistir ou deixar sem trabalho. Que muitos rios grandes há í que, onde nascem, se podiam empedir com um pé ou levar pera outro cabo, e no meio deles, ou depois que colhem forças, todo o mundo junto não os poderá tolher ou mudar: chama uma água outras águas, um ribeiro outros, em pequeno espaço crecem de maneira que se não podem depois deixar. Grandemente devia cada um cuidar se o que faz, ou detremina fazer, é cousa honesta e que convenha; que, se *lhe sai bem*, todos lho têm a bem, e se não, ainda que o mundo lho tenha a mal, o que muitas vezes acontece, porque, mal pecado, já os conselhos não são julgados senão polas saídas deles, não tem ao menos de que se queixar consigo. E grande bem é, a meu ver, escusar a pessoa imizades dentre si, pois não há lugar cá neste mundo que defenda a ninguém de si mesmo. Podem-se tolher imigo e imiga, frio e chuiva; cuidado pode-se não tomar, mas tolher, não. Já a quem faz o que deve, saindo-lhe como não deve,

não quero afirmar que lhe não dará paixão, que a perda de qualquer prepósito, ainda que seja desarrezoado, a dá, mas assi digo que, se lhe der paixão, dar-lhe-á o sofrimento pera ela, que bem-aventurado se pode chamar nesta vida quem tem dor que se soporta, pois, segundo parece, não se pode viver sem ela, assi ou assi. Nos amores, cuidará alguém que não é isto necessário e que não é acostumado. Cuido eu que poderá ser mais necessário. Que, se em todas as cousas se deve haver respeito ao como e ao quando e ao porque ou para que se fazem, por se não errarem, maiormente se deve este respeito nos amores de ter, pois são tão sujeitos aos erros, que mais mal contado será ao caminhante rico se fosse despercebido pelo lugar que de ladrões é seguido que por outro que o não fosse; que naqueste, se lhe acontece algum desastre, culparia a ventura, mas naqueloutro culparia a si mesmo, que são culpas mais graves de perdoar. Por isto, senhora Aónia, vos peço aprendais de mim, que vi culpas e os danos delas: que assi como toda pessoa no bem é mais amiga de si que dou-trem, assi também no mal, quando acontece que haja algum desvario consigo, é mais imiga de si que de ninguém. E isto não é pera espantar, que é imigo de casa, como dizem. Ainda mal muitas vezes, porque foi necessário que vo-lo dissesse e porque o soube pera vo-lo dizer! Querei antes, senhora, não ser contente que arrependida.

Aqui, fazendo a Ama uma pouca de pausa, não pera acabar senão por descansar, que em vontade tinha já de lhe dizer tudo, sentiu dormir Aónia. E cuidando à primeira que fosse fingido, esteve um pedaço espreitando-a, e por derradeiro pondo-lhe a mão, bolindo-a, se certeficou que dormia. Parece que de cansada do cuidado não acostumado adormeceu ela. Era moça e nunca se ainda vira noutra tal. A Ama, ainda que lhe isto fizesse dúvida do passado, com tudo pelo que passara por ela já, pareceu-lhe o que era, que não há cousa que traga mais certo sono às moças que a dor grande, e às velhas, tira-lho. E com esta fantasia em que se a Ama afirmou, adormeceu também.

Bimarder, que todo aquele tempo passou como Deus sabe, vendo que assi se calaram, não soube que se detreminar, que tão cortado ficou das palavras da Ama, pelo dano que temeu de lhe fazerem, que se lhe torvou o juízo e não soube dar saída⁵⁵ nenhuma àquele calar. Enleado assi consigo acerca do que seria, esteve até que a menhã crara o levou dali bem contra sua vontade. E porém, não se pôde ir longe dali.

Da mágoa dele não vos quero contar, era homem, poderia com ela, mas da cuitada de Aónia, a que as boas palavras da Ama não aproveitaram mais que pera se guardar dela, vos contarei.

55 *dar saída*: dar explicação.

[CAPÍTULO 8]

Ergueram-se pola menhã e posto que a Ama atentasse Aónia, dizendo-lhe se ouvira ela o que a noite dantes contara, dissimulou altamente. E pola sua idade e polo amor da criação que lhe a Ama tinha, creu logo de todo, e pelo assossego de Aónia, feito acinte, o acabou de confirmar, e houve o passado por nada e pareceu-lhe que seria desassossego de moças, que às vezes por mocidade fazem cousas que não fariam em outra idade, ainda que nisso lhe fosse todo seu desejo.

Assentando a Ama nisto, meteu-se n'ocupação de casa, que era grande, porque sobre ela carregava tudo, pelo qual a Aónia ficou lugar e tempo em abastança pera cuidar mais à sua vontade e pera fazer como Bimarder fosse certo dela. E pondo cofres sobre cofres, fechada a porta da câmara, primeiro dissimulando fazer alguma cousa, se sobiu à fresta, e ainda bem não era nela, viu a Bimarder, que não estava longe dali nem tão perto que a conhecesse logo, pelo que se leixou ele estar um pouco pera se afirmar melhor. E ela, que não suportou já aquela tardança, lançando uma manga da camisa fora da fresta, fez que o chamava. Chegou ele asinha e, vendo-a, ficou assi sem lhe poder dizer nada. Mas Aónia, que estava já determinada consigo, ousou a falar-lhe primeiro, mas não o que ela quisera,

que não pôde acabar consigo tanto. E mudando o propósito naquilo em que se acertou, lhe disse:

— E aqui andas, pastor, todo o dia sempre?

— E essa fresta — respondeu ele — não está í, senhora, de noite também?

Aónia, que o entendeu, muito manso lhe tornou:

— Está — ajudando a palavra com um abaixar dos olhos, que de todo então ao dizer daquilo pôs nele.

E não na entendera Bimarder senão fora por isso. Mas não lhe tornou ele a reposta, ca ela nisto deceu-se, porque se lhe afegurou que boliam à porta da câmara, e tornando os cofres a seu lugar se foi abri-la. E não achando ninguém, quisera tornar, senão quando nisto eis vem a Ama e outras molheres de casa, de maneira que todo aquele dia passou como Deus sabe. Mas logo cuidou que aquelas palavras que lhe dissera o pastor que eram para que também olhasse de noite por ele. E com esta esperança que se deu a si mesma, passou aquele dia. E também Bimarder passou com a sua, que tomou daquela palavra derradeira que lhe ela falou, mais com os olhos que com outra cousa. Mas não cuidaria ele, me parece a mim (dizia meu pai), que havia de ser para tanto como lhe saiu, pelo pouco que entre ambos era passado. E porém, por isso estava mais certo, me torna a mim a parecer (dizia meu pai), porque como a ventura venha mais em totalas cousas que tudo, quem só a tiver não há mister mais.

Como aconteceu a Bimarder que, vinda a noite, pondo-se ele à fresta, como a passada fizera, sentiu-as deitar. E daí a um grande pedaço já, que estava desesperado, ouviu pola casa andar mansozinho, porém como alguma cousa encontra a fresta. Estando com o sentido pronto nisto, sentiu que sobia alguém e, não crendo que fosse tanto, como acontece na vista das cousas muito desejadas e esperadas muito, mas antes arreando algum desastre, abaixou-se prestesmente e leixou-se estar ao pé da fresta. Aónia alevantou o pano e com o escuro que fazia não viu ninguém. Contudo, leixou-se assi estar um

pouco, e, não sentindo nada, dovidou de todo. E indo pera se decer, disse:

— Parece que foram palavras.

Conheceu-a na fala Bimarder, e dizendo «Não foram nem serão», sobiu asinha à fresta, e ela também conheceu-o em sobindo. E chegando ele, querendo falar-lhe, disse ela:

— Muito passozinho, que me perdereis!

Nisto começou chorar a menina e, acordando, a Ama se pôs a embalá-la cantando-lhe. Mas não se querendo ela calentar, se ergueu a Ama, dizendo:

— Não sei se acharei lume, que esta criança sente alguma cousa.

E depois abriu a porta da câmara e foi à outra casa das mulheres catar lume. Aónia, que viu não haver remédio, querendo-se asinha descer, chegou o rosto muito à fresta, dizendo:

— I-vos⁵⁶ embora, que não pode ser mais.

— De vós — lhe respondeu ele — me não posso eu ir assi! — e isto tremendo-lhe a fala.

E ela, que houve dó dele naquilo, querendo soltar o pano, amparo da fresta, não se pôde ter que não lhe dissesse:

— Pelo que fiz por vós, julgareis o que tinha para vos dizer, e perdoai-me que não vos posso pagar em mais que o soltar deste pano.

E assi o soltou descendo-se, muito asinha concertando tudo. E quando já tornou a Ama, achou-a deitada.

Bimarder deixou-se ficar à fresta e esteve até pela manhã, que tão acupado lhe ficou o pensamento daquelas palavras que lhe Aónia dissera em se indo, e como lhas dissera, que uma cousa e outra não lhe deram mais vagar nem tão-sóis pera lhe acordar o fugir do tempo. Mas como ele não tivesse a noite dantes dormido nem o dia que se seguiu, entonces, como descansando alguma parte de seus cuidados, não já para os ter menos, mas

56 *I-vos: ide-vos.*

como se acontece que quem traz alguma cousa que muito deseja, em mentres aquele desejo o traz, não pode repousar, e depois que alguma segurança lhe vem, repousa e dorme como se o alcançara (e não podemos dizer que seja então menos o desejo, que antes por razão deve ser mor), assi foi Bimarder que, parte descansado, parte descontente, trasportou-se, parece, tanto em seu cuidado que se *lhe* foram por sonhos os pés e as mãos e caiu no chão com o pau após si. E ao cair lavou-se todo em sangue, aquela parte do seu rosto que daquela banda da parede levou, de que muitos dias esteve mal depois. Mas nenhuma cousa grandes se acabaram senão por meio de grandes desastres, como aqui vereis, porque aquesta queda foi a Bimarder causa de ver o que por ventura nunca vira.

Mas diz a história que a menina não deixara mais dormir a Ama, e sentiu⁵⁷ todo aquele estrondo, e Aónia, que não dormia, também o ouviu e cuidou logo o que temeu, porém dissimulou grandemente, porque já se guardava da Ama. Mas ela, que já também estava descuidada de Aónia, foi suspeitar outra cousa: que seria alguém daquelas obras, porque muita gente andava aí e pola ventura viria espreitar por aquele lugar o que elas de noite faziam, que bem sabia ela que os homens tudo ousavam fazer de noite. E ainda bem não era menhã, foi derrador das casas e achou sinais por onde confirmou sua suspeita. E logo a⁵⁸ mandou tapar de pedra e cal, contando tudo da maneira que o ela cuidou primeiro a Aónia, que lho ouviu com tamanha mágoa que mor trabalho cuidou eu que levaria em lha encobrir que em a sofrer consigo, porque o sofrer faz-se por vontade, e a outra, contra ela.

Mas este remédio tolhido a Aónia lhe deu causa pera ela buscar outro maior. E chamando uma molher de casa, que Inês se chamava, avisada e de quem se podia bem fiar grandes cousas, e segurando-a no segredo pelas melhores maneiras que pôde, contando-lhe seu coração, lhe disse que mandasse

57 O sujeito de sentiu é a Ama.

58 a refere-se a fresta.

ver se andava pela ribeira daquele rio o pastor da fruta, e, se o não visse, perguntasse a algum pastor por ele. Fê-lo ela assi e soube que jazia doente em um monte perto dali, onde moravam a molher e filhos do maioral do fato em que ele andava. E tomando ela em sua companhia um homem de casa, detreminou ir lá, porque tamanha vontade conhecia em a Aónia que não pôde fazer menos.

Chegou asinha ao monte e, perguntando polo pastor da fruta, lho foram mostrar em uma casa palhiça, detrás das outras, onde ele estava. E ficando eles ambos sós, que assi buscou maneira Inês, ela lhe descobriu inteiramente ao que ia. Bimarder, que logo o creu, porque era molher, sobre a pobre cabeceira donde estava encostado se lhe deixaram cair umas raras lágrimas causadas d'antre muito contentamento e muita dor, que d'ambas de duas soem elas às vezes de vir, as quais fizeram certa a Inês do grande bem que ele a Aónia queria. Não lhe esqueceu a ela contar-lho despois. Ali estiveram ambos um grande pedaço de tempo, que Bimarder contou-lhe todo o começo, e deteveram-se tanto que foram⁵⁹ sospeitados mal da tardança, se fora em outro lugar, mas a vida do monte não cria sospeita como não cria de quem se sospeite mal. Mas, contudo, deteveram-se ainda menos do que ambos quiseram, pelo homem que Inês trouxera. Tornada ela aonde Aónia estava, lhe contou tudo, cousa e cousa, que não ficou nada.

Veio assi o acerto que perto dali havia uma casa de uma santa de virtudes de grande romagem, e era então ao outro dia béspera do seu dia, e a Ama e molheres de casa ordenaram de ir lá. E havida licença de Lamentor pera Aónia, e posta no caminho que a pé podiam bem andar, ao passar pelo monte se chegou Inês a Aónia e disse-lhe que ali era, porque assi iam já concertadas. E nisto fez Aónia que cansava. A Ama disse logo que repousasse um pouco, mas desta vez não teve ela maneira pera ir onde Bimarder estava. Foi lá Inês.

59 foram: teriam sido.

E da tornada fizeram ali grande detença. E buscando achaque de querer lá ir pera detrás das casas, levando a Inês consigo, houve tempo pera Aónia entrar onde ele estava então deitado escontra a outra parte da parede, chorando porque não vira Aónia ao passar, que bem se podera ele erguer. E como isto perdera, cuidava também que havia de perder a tornada, porque um mal nunca lhe viera sem outro, pelo qual estava no maior pranto do mundo antre si.

Entrada Aónia, deteve-se um pouco e sentiu que chorava e sospirava baixo, de maneira como que naquilo forçava a si mesmo. Ela, por ver se poderia saber o porque o fazia, que já desejava saber dele tudo, deteve-se ainda mais, mas ele, com pensamentos que sobrevinham ao choro, mais o acrescentava do que o diminuía. E assentando-se então Aónia na borda daquela sua pobre cama, lhe pôs a mão, e quisera-lhe dizer alguma cousa, mas não pôde que lhe faleceu o espirito⁶⁰. Virando-se Bimarder e vendo-a, também lhe faleceu o seu.

Estiveram assi ambos um grande pedaço sem se dizerem nada um ao outro, ele com os olhos postos em Aónia e Aónia postos os seus no chão, que, em se virando Bimarder, lhe tomou vergonha. Levando-os assi à terra, cobriu-se-lhe o seu fermoso rosto de uma tamalavez de cor além da natural. E soía dizer meu pai (que parte desta história em seu tempo se soubera) que não parecia senão que viera aquela cor como pera ajudar ainda a Aónia contra Bimarder, tão fermosa a ela, fermosa, fizera.

Mas estando assi nisto eles ambos, e não estando eles ambos ali, chegou Inês muito rijo à porta, dizendo que se queriam já ir e que a mandavam chamar. E assi foi forçado levantar-se Aónia e ir-se, e Bimarder ver tudo e ficar. Mas Aónia, que bem via os olhos de Bimarder como ficavam, tomou uma manga da sua camisa e, rompendo-a, como pera remédio de suas lágrimas lha deu, senificando na maneira só de como lha

60 espirito: espírito.

deu o pera que lha dava, ca parece que a dor grande não lho deixou dizer por palavras. Mas em lha dando, pôs seus olhos nos seus, dizendo só assi:

— Pesa-me, pois minha ventura não quis que vos deixasse de magoar com o que eu não quisera.

Estas palavras lhe disse ela já fora da porta, e com elas e com o que sentiu ao dizer delas, duas e duas lhe começaram as lágrimas de correr dos seus fermosos olhos, polas suas faces fermosas abaixo lhe iam fazendo carreiras por onde se iam, que a Bimarder a tanto pranto comoveu quanta era a razão dele, pois, perdida a vista, foi tanto o choro que não lhe abastaram os seus olhos às suas lágrimas, polo que não pôde então dizer nada. Mas Inês, apressando a Aónia com a fala e com as mãos quasi empuxando-a e levando-a já, virou-se pera ele Aónia dizendo:

— Levam-me!

E deixando-se ficar toda com os olhos, se foi assi levada té que com as paredes das outras casas trespôs a porta daquela de Bimarder. Ele não se pôde ter que pela outra banda da sua casa se não saísse escontra aquela parte donde se podia ver o caminho que elas levavam. E ali esteve olhando em mentes a terra lhe deu lugar, e depois um grande pedaço, enquanto poderiam bem chegar a casa, ca parece folgavam também os olhos com a presunção e descansam d'olhar pera aquela parte donde está ou vai aquilo que poderam⁶¹ ver, se não foram a fraqueza deles ou o impedimento dalguma cousa. Mas como lhe pareceu que seria em casa, lembrou-se logo do lugar onde estivera ela na sua assentada, e a grande pressa se tornou pera lá. E entrando, foi-se ali pera onde estivera dantes e consigo estava fantasiando Aónia, ora lembrando-lhe como aquilo fizera, ora como aqueloutro. Depois, tomando aquela parte da manga que lhe deixara, se punha a chorar com ela a voltas de palavras tristes, como que houvesse ela d'entender.

61 poderam: poderiam.

Nisto assi passou naquela doença em que grandemente foi visitado de Inês, e sarou asinha. E daqui té que lhe aconteceu a desventura que vos contarei se passaram tempos e outras infindas cousas, porque os paços de Lamentor acabaram-se e, polo apartamento do lugar em que estavam, Aónia e a Ama com outras molheres de casa iam a passar tempo ribeira daqueste rio donde Bimarder sempre andava. Mas nenhuma cousa há neste mundo em que se deva ninguém muito de fiar, que aquela grande segurança em que Bimarder estava, em lugar também tão ermo, ainda lhe não pôde durar, como o vereis.

[CAPÍTULO 9]

Foi assi que a donzela por quem morrera o Cavaleiro da Ponte, como vos hei contado, veio tristemente acabar por azo da viúva irmã que o levou nas andas. E socedeu no castelo um filho dum cavaleiro muito valido e rico nesta terra, que por meio de vizinhos desejou a Aónia por molher, o que foi asinha acabado pola igualeza d'ambos naquilo em que a quiseram aqueles em que estava o praz-me do casamento⁶².

Mas, polo nojo de Lamentor e polo apartamento de *sua* vida, não no soube Aónia senão o dia dantes que a haviam de levar pera o castelo, que em sua casa não queria Lamentor ver prazer e bem lhe pareceu a ele que não se descontentaria Aónia do esposo, porque era bem aposto cavaleiro e dos bens do mundo abastado. E por isso também escusara dizer-lho então. Mas não foi assi, que Aónia toda aquela noite passou num grito, e se não fora por Inês, que de todo seu segredo era sabedora, morrera ou se fora por este monte. Mas ela consolava-a, e com outras esperanças que lhe deu, não somentes a sosteve que não fizesse de si nada, mas ainda lhe fez ser contente daquela vida e desejá-la, porque lhe dizia que, segundo os casamentos

62 o praz-me do casamento: o agrado, interesse do casamento.

ocupavam aos homens, podia ela ter a liberdade que quisesse, a que na casa onde estava não podia ter.

Este conselho foi tomado sem Bimarder, porque a brevidade do tempo não deu lugar para isso, mas concertaram-se ambas que ficasse Inês para lho dizer. Ao outro dia, ou depois, mandaria por ela, porque logo determinou pedi-la a Lamentor.

E veio aqueloutro dia, e como Bimarder não guardasse outro gado, ainda bem não era menhã já ele andava ribeira deste rio e viu vir gente de cavalo, muita, e passar a ponte escontra os paços de Lamentor. Mas não teve então a quem perguntar que seria aquilo. Contudo, não se tirou dali, porque logo se lhe revolveu o pensamento e encrinou a vontade a querê-lo saber, que, pela maior parte, o que há de ser dá primeiro sempre n'alma, e se andássemos sobreaviso, ligeiramente entenderíamos tudo ou parte do que há de ser.

Decidos os de cavalo, estiveram per grande espaço com Lamentor. Depois começaram a sair uns trás os outros, fazendo maneiras de prazer. E nisto viu Bimarder donas a cavalo e viu o fio da gente escontra a ponte, por onde teve sação de perguntar a um paje que cousa era aquela. Disse-lho ele, passando seu caminho, mas Bimarder não o acabou de crer, tamanho abalo fez no seu coração. Mas olhando, viu Aónia, e com ela, da banda esquerda, o seu esposo, que conhecido ia nos trajos, e pela comunicação da prática que antre si ambos levavam, como derradeira cousa l[e]vou-a toda. E olhando-a, Bimarder mui bem a viu. E Aónia nunca se virou para aquela banda sua, sabendo quão continuada dele sempre era, mas antes, porque ia incrinada para aquela banda donde o esposo ia, pareceu-lhe a ele que o fazia acinte, que mais ainda devia a ele do que ele a ela, ca isto é natural: quando vos uma pessoa cai num erro, todas as cousas que depois faz as tomais à pior parte, como aqui acaeceu. Ficou Bimarder tão cortado que dali a mais de uma hora não cuidou nada, e acabando ela de ir virando-se para outra parte, se foi e não no viram mais.

Aquele dia à tarde veio Inês a buscá-lo, e, não o achando, perguntou por ele. E disse-lhe outro pastor, que acaso acertara então d'estar perto dele olhando também a gente, que, depois d'ela ida, estivera ele um pedaço sem se mudar de um lugar e sem tirar os olhos do chão, como homem cuidadoso em sua maneira, e tanto que ele mesmo olhara pera isso e quisera-lhe falar, senão quando ele nisto se virara pera outro cabo, pela ribeira dando a andar rijo, desaparecera, e que nunca o mais vira; e que já ele fora ao monte de seu amo perguntar por ele pera que viesse pastorear seu gado, que andava desmandado, e que do monte também o vieram buscar por todo este mato, e pareceu a todos que seria ido, porque ele nunca tal acostumou e já outrem andava com seu gado.

E ficou Inês toda fora de si e logo cuidou que lhe não cumpria ir viver com Aónia nem vê-la, pois saíra tão mal seu conselho. E tornada pera casa, ordenou dilatar sua ida por alguns dias, pera ver se saberia algumas novas de Bimarder. Antre tanto, não sabendo nenhuma e apressando-a Aónia que lhas levasse, detreminou contudo de ir, porque por outra via cuidou antre si que com pouco trabalho se lhe tiraria Aónia por então a Bimarder do pensamento, que os casamentos à primeira parecem outra cousa, e as senhoras que dantes foram presas d'amor, logo aos primeiros dias esqueciam tudo o passado, mas depois, por nojos e desgostos que nadem da culpa do longo tempo, ou conversação que traz menosprezo, tornam depois muitas vezes à lembrança do passado. Por isto que consigo cuidou, quis obedecer a Lamentor, que já ao pedido de Aónia mandava que a levassem.

Que vos hei de dizer? Ainda bem não chegavam, apartou-se Aónia com ela, mas sabido o que passava, chorou muitas lágrimas e maldisse o dia em que nacera. Inês, que era avisada e havia que, *pois* o mal não se podia curar, que se devia dilatar, lhe fez uma fala desta maneira:

— Leixai-vos, senhora, do pranto, que dele não se vos podem seguir senão dous males muito grandes. Um é que matais a

vós com choro, e quando pela ventura vier Bimarder, não vos quereria achar assi, e será esta então maior ofensa pera ele, porque estoutra tem desculpa e esta não na terá, senão que se lhe quisedes dizer que desconfiáveis dele, que monta tanto como cuidardes dele mal. Ora vos havede lá convosco, senhora, se podereis dar culpa a quem quereis tamanho bem. Pois afora isto, tendes ainda outro mal: que correis risco de se saberem vossos prantos, e como eles sejam tomados em tempos de vodas, não se poderá deixar de suspeitar deles mal. E por aqui tolher-se-vos-á pola ventura o que pode ser ainda nalgum tempo, o que eu espero, porque as lágrimas de Bimarder não podiam ser sem vos ele querer muito grande bem e não vos podia ele querer muito grande bem que lhe não doesse muito o que fizestes, e não lhe pode doer muito o que fizestes que nalgum tempo não queira saber o como ou porque lho fizestes. Porque o bem-querer grande faz sentir muito os escândalos recebidos e crê-los por aqueles quanto abaste pera o sentimento ser maior do que pode ser. Mas, porém, sempre deixa uma dúvida lá na crença, pera exprimentar nalgum tempo, tarde ou cedo, segundo a dor grande ou pequena lhe dá lugar. Não pode ser que aquilo que vós, senhora, sabeis, não faça duvidar Bimarder destoutro que fizestes, de se ele desenganar pera si mesmo, ou, se isto não é assi, não há verdade no mundo nem nos homens.

Estas palavras desagastaram muito a senhora Aónia, mas não de todo, que, na verdade, se a ela deixaram⁶³ estar só e ter tempo pera perseverar neste cuidado, não creio eu que ela podera durar muito. Mas era esposada d'então, e umas cousas e outras não a leixavam nunca só, espalhavam-lhe os seus cuidados. Assi, ela pouco a pouco se foi avezando a viver doutra maneira, que as ocupações de casa e a desconfiança, ou desesperança, que foi tendo de Bimarder lhe fizeram inda nas cousas passadas uma sombra de esquecimento em que

63 deixaram: tivessem deixado.

ela podera viver todos os dias de sua vida descansada, se em alguma cousa deste mundo houvera segurança. Mas não na há, que mudança possui tudo.

Leixemo-la agora, porém, ficar assi.

[CAPÍTULO 10]

Arima, que assi se chamava a menina senhora criada da Ama⁶⁴, neste meio tempo fez-se a mais fermosa cousa do mundo. Sobre tudo o que ela tinha estremadamente sobre todas, era-lhe natural uma honestidade que, em muitas feita ainda à mão, parece muito bem. A sua mansidão nos seus ditos e nos seus feitos não eram de cousa mortal. A sua fala, e o tom dela, soava doutra maneira que voz humana. Que vos hei de dizer? Não parece senão que se ajuntavam ali todas as perfeições, como que se não haviam d'ajuntar mais nunca. E era ela um só amor a seu pai, que grandes haveres tinha pera ela guardados, se a ventura a não tivera guardada pera outros.

Dentro neste nosso mar Oceano, em que aqui perto entra este rio, contam que havia naquele tempo uma ilha tão avon-dosa, tamanha de terras ricas e cavaleiros, que dali casi⁶⁵ todo mundo senhoreavam. Falavam dela maravilhas grandes, mas o nosso conto não é agora este. Nela dizem que havia um rei naquela sação que sustinha a corte no mais alto estado que podia ser. Mantinha-se ali usança que totalas donzelas filhas d'algo, como eram em idade pera isso, se levavam à corte da

64 criada da Ama: criada pela Ama.

65 casi: quase.

rainha e dali saíam honradamente casadas. Tinha-se ali em preço grande, naquela terra e em todalas que derredor sogigavam, Lamentor, que por fama já era del-rei conhecido e aceito a ele pela sua maneira diferente de todas as outras e pela sua nobreza de sangue e feito d'armas, de que era sabedor por muitos cavaleiros andantes de sua corte que o bem conheciam, pelo que lhe foi pedido de parte del-rei que quisesse honrar sua corte com a Arima, sua filha, porque tendo lá a ela lhe pareceria que tinha a ele e por ventura se ordenariam cousas por onde nalgum tempo o visse, cousa que ele tanto desejava. Cuidava el-rei que o casamento de sua filha lhe poderia mudar o prepósito.

Lamentor, que bem sabia que os pedidos dos reis mandado eram, não lha pôde negar. Concertado tudo o que era necessário pera aquela ida, vindo muitos parentes seus já por parte do casamento de Aónia, vestida Arima à maneira porém inda de dó, porque dado que muito houvesse que era falecida sua mãe, na casa de seu pai não no parecia, e também porque já por costume naquela casa nenhum outro vestido parecia melhor, e Arima já que se queria partir, apartando-se da outra gente, foi-se só àquela câmara onde seu pai soía sempre d'estar depois da morte de Belisa, porque ali também pera sempre estava ela, a qual era feita também em maneira pera uma contemplação triste. E entrando ela, indo-se pera pôr em joelhos e beijar-lhe a mão, a tomou ele amorosamente, e abraçando-a e assentando-a a par de si, tomando-lhe as suas fermosas mãos antre as suas dele, assi lhe começou com os olhos cheios d'água a falar desta maneira:

— Pera algum conforto das mágoas que me ficaram me parecia a mim, filha senhora, que me vos leixara a vós vossa mãe. Agora sou costringido de nova dor, quando não há novo lugar onde a receba.

E porque a estas palavras lhe corriam já as lágrimas polas suas honradas barbas, a Arima foram também causa doutras. Mas tornou ele, esforçando-se como cavaleiro que era, alimpando

asinha os seus olhos, dizendo-lhe como pola desagastar, vendo também lhe corriam as suas:

— Não choreis vós, filha, que fazeis nojo dessa maneira a vosso coração. Não convém lágrimas tantas a vossa fermosura, que, ainda assi sem elas, não podereis deter tanto que não vão primeiro que vós muito queirais, ca o tempo bom não aguarda por ninguém. Is⁶⁶ pera a corte, onde se não costumam senão prazeres, verdadeiros ou fingidos. Leixai a vosso pai os nojos, pois que pera eles nasceu, que vós pera outra cousa devíeis nascer, se vos não foi dada a fermosura de balde. E se al está ordenado no Céu, primeiro que o eu veja me possua a mim esta terra que tanto tempo há que sem mim a melhor parte de mim tem lá, e assi o rogo eu a Deus! Muitas cousas me lembravam a mim pera vos dizer nesta partida, mas quero agora, quanto em mim for, escusar-vos mágoas, que, pois as não vistes, não foram feitas, parece, pera vós. Esta só vos lembrarei: sois estrangeira nesta terra, tudo se há de olhar em vós e há se de esperar tudo de vós. Nem tão-somente sois obrigada à vossa boa tenção, mas ainda à presunção que outrem há de ter dela. Culpas dadas mal *se tiram* em as donzelas. O acerto de tudo está em muito pouco, porque as pequenas são *as* em que se põem os olhos, que as grandes, quando já se fazem, esperadas vêm, e mais não se fazem senão uma vez na vida. Guardai-vos, filha, de cousas pequenas, que daqui se fazem as grandes, afora que das pequenas nascem as presunções e as sospeitas, que são piores no dar das culpas que as crenças⁶⁷ mesmas. A boa fama é a melhor herança que há neste mundo. Riquezas e estados, de vosso rei cumpre que os hajais, ela só, de vós mesma só. Menos trabalho parece que haveis mister, mas o fruto é certamente maior. Em totalas cousas, não vos fieis de vós, nem dos homens, nem doutrem. E isto só que vos agora direi vos lembre, filha, que vo-lo disse eu: tudo é sospeitoso e pouco seguro pera as molheres, até o serem santas e virtuosas, porque isto às vezes

66 Is: ides.

67 crenças: certezas.

é causa d'òs cavaleiros serem mais perdidos por elas e fazerem cousas tamanhas que lhe fazem a elas crer o que não é, senão só no desejo. E este é um engano grande pera vós outras, senhoras, porque, de quem deseja com má tenção ou de quem deseja com boa, d'ambos são as obras iguais, ca este desejo é o que obriga a cada um a fazer extremos, à boa tenção ou má. Mas o feito⁶⁸ desta culpa não se vê senão per derradeiro, quando alguém queria não no ver, mas é forçado que seja e é lei que se não pode revogar, pois Deus só o conhecimento das tenções dos homens guardou pera si, pera conhecerem a quem os fez de tão desvairadas tenções. Encomendo-vos, filha, meu amor, a Deus, e olhai por vós.

Após estas palavras lhe deu um abraço grande. Tomando-lhe ela a sua direita mão e beijando-lha, deitou-lhe sua bênção alevantando-a. E tudo já era concertado e estavam cavaleiros esperando por ela, e, como forçado virando os olhos pera outro cabo, também como que não podia ver aquilo, a levou até à porta daquela câmara onde se espediram ambos, ficando ele, e ela indo-se. Mas já que eram apartados, tornou Lamentor a chamá-la amorosamente, a voltas de uma tristeza cheia de soidade.

— Que me esquecia... — lhe disse — Mandai-me, filha senhora, sempre muitas novas de vós, que não tenho outrem de quem já neste mundo as espere!

Aqui tornaram outra vez renovar o choro, mas os cavaleiros que eram já ali foram causa de s'espedirem mais asinha do que o pranto que derradeiro começaram demandava.

Ficou Lamentor com suas tristezas e Arima partiu com as suas, à qual ligeiramente o caminho e novidades dele poderam fazer esquecer, senão que ela era naturalmente triste, de uma tristeza já em si branda, que escassamente se podia desenxergar de honestidade, que ambas elas tinha, e antr'ambas a sua fermosura, que parecia melhor. Soube-o quem o viu e só o sentiu, e quem o ouviu o creu.

68 o feito: o efeito, a consequência.

[CAPÍTULO 11]

Era ele conhecido do pai de Arima, de quando andavam pelo mundo seguindo aventuras, e ainda amigos grandes, pera que assi aquilo que havia de vir acontecer sem se cuidar tivesse nascimento de longe não cuidado e parecesse o feito com a causa dele, e sobretudo pera que Avalor fosse singular em ambos. Em chegando ele, foi-se pera ela o marido de Aónia, e pelo dar a conhecer pelo seu, que muito o estimava:

— Este é, senhora — lhe disse —, Avalor, em quem já ouviríeis falar ao senhor vosso pai, que muito se prezam um do outro. O mais dele quero vo-lo eu deixar de dizer, porque é em tudo tão acabado que cumpriria saber dele de quem não tevesse tanta razão com ele como eu, pera o crerdes. Por me fazer mercê, que seja sempre honrado de vós.

Arima, que ia então tão fermosa como o ela era e pera o que ela não cuidava, dizendo-lhe escassamente um «sim», alevantou como de boamente a estas palavras a vista escontra Avalor, à maneira d'acrecentando desejo ao pedido, que muitas vezes ouvira já falar bem dele. E depois daí um pouco abaixou-os com aquele modo de mansidão que a ela só por dom especial foi dado, que conta-se que até no estar, andar,

enfim, em todos os outros autos a tinha tão suavemente posta que bem parecia que naquele lugar estava só, por onde aquilo e a maneira daquilo tudo assi como passara ficou logo escrito na metade d'alma a Avalor. Parece havia de ser, e foi.

Posto que toda aquela parte que ficou do serão Avalor se andasse pondo em lugar que a podesse ver, contudo, nunca a pôde tornar a ver, e assi se foi pera a pousada, onde, depois de deitado, a noite que se seguiu, com aquele cuidado não podia dormir. E porque ainda ele não tinha determinado consigo querer Arima bem d'amor, querendo-lho já sem o ter determinado, como anojado de si consigo, muitas vezes fazia por dormir, e não cria ele que uma vez só que vira a Arima lhe podia acupar tanto o tempo e tanto o cuidado que lhe tolhesse o sono. Mas não era assi como ele cria, tamanho poder sobre ele só foi dado a um só pôr d'olhos e abaixar! Porém, descontra a menha adormeceu e por sonho parecia-lhe que estava falando consigo, dizendo que⁶⁹ como o não deixava dormir aquele pensamento, se ele não podia querer bem a Arima, pois era tão preso d'amor noutra lugar.

E era assi que na corte andava naquele tempo uma senhora a que por morte de seu pai tomaram terras que ela devia herdar, e viera ali pedir ajuda a cavaleiros para escontra quem tamanho torto lhe tinha feito. E Avalor servia-a encobertamente, que pela muita honra que lhe el-rei fazia, parecia caso de menos acatamento querê-la servir de amor cavaleiro que fosse vassalo seu. Era esta senhora mais fermosa pera antre homens que pera antre molheres, de umas feições grandes naquela grandeza bem postas. Porém, sobejava na graça do seu ar, que derramava por tudo o que ela fazia ou dizia, de maneira que quem a visse, mal que lhe pesasse, a havia d'aprazer.

Mas estando assi Avalor no seu sonho, representou-se-lhe ver uma donzela vir, tão delicada que parecia não poder viver

69 dizendo que: perguntando-se.

muito. Ela, chegando-se pera ele a passos vagarosos e tomando-o pela mão, lhe dizia, apertando-lha:

— Cavaleiro, saberás que há í vontade por força d'amor, e outra por amor forçado dada. Podia ser isto assi: se um castelo cercado se desse ao conquistador por mais não poder fazer, outro se desse só por se querer dar, não diríamos que não tinham ambos vontade de se dar, mas porém diríamos que, ao primeiro, foi o querer forçado que deu a vontade, ao outro, o querer forçou a vontade que deu. Esta é a diferença que estás cuidando sem se declarar, apondo grandes cousas por pequenas. A outra tomou-te, a Arima tu te lhe deste. Tinha-te uma preso o corpo, e a outra, quer queiras quer não queiras, te há de ter preso o corpo e alma para sempre. Por só te dizer isto parti donde parti, mas *porque* estás guardado da Arima.

Por sonhos parecia-lhe Avalor ir-lhe perguntar de que estava assi tão magra, de dó dela não se podera lembrar doutra cousa. E respondeu ela:

— Não deveras querer saber a causa, porque nunca hás de ser mais ledo quando a souberes. Nós espiritos somos criados como a vontade de cujos havemos de ser, e, porque me perguntas, sabe-te que a Arima alta detreminação possui sua vontade. Isto te não quisera dizer nem por sonhos, que em toda hora sei que te foi dado este cuidado, que o que te parece fazer dor em sonhos, verdade te parecerá.

E assi lhe desapareceu com um «ai» grande.

Aqui acordou Avalor. E vendo a menha crara, achou a cama cheia de lágrimas que chorara de dó que houvera daquela donzela do sonho, que, assi delicada como vinha, tinha lá naquele desfalecimento de carnes posta uma sombra de fermosura que não parecia senão que ficara ali doutras muitas infindas cousas que se lhe foram. E ainda assi acordado, cuidando nela se lhe estavam enchendo os olhos d'água. Mas depois d'infundo tempo o magoou isto verdadeiramente, ca então ocupou-lhe só o cuidado, maravilhando-se muito daquilo que lhe dissera

acerca do amor, porque quanto mais cuidava nisso, mais lhe parecia ser assi.

Estando muito metido por este pensamento, em nenhuma cousa acabou de confirmar de todo, que aquella senhora deserdada, que assi se chamava então, nunca lhe lembrava senão porque desejava de a ver e nunca cuidava nela senão de como a vira. Porém, contudo, porque lhe tinha altamente embaraçada a fantasia a senhora deserdada, não podia cuidar consigo de todo ainda então que poderia leixá-la por outra, mas ela, na verdade, só era a que o não leixava poder, e por isso durou tão pouco como durou. Quem quer bem a alguma pessoa, que lho ela quer ou porque ela faz por onde lho queiram, logo leixa de lho querer, como⁷⁰ falecem os meios por onde. Mas quem o quer só por o querer ou por quem o quer, a este não pode nunca de todo falecer o querer, e ainda que o contrario pareça, alonga-se, mas nunca se tira nenhum amor.

Porém, contudo, como comecei a dizer, abastou o que Avalor queria à senhora deserdada pera então não cuidar que poderia leixá-la. E por isto, vendo-se da outra parte perseguido da lembrança da Arima, como manincório de si detreminou não ir ao paço tão asinha, ca cuidava ele que assi poderia esta referta partir.

Passou nesta detreminação aquele dia e mais o outro. Mas quando veio o outro, estando na cama, cuidando também no que não podia deixar de cuidar nunca, entrou pola porta da câmara um cavaleiro seu amigo, dizendo-lhe que se levantasse asinha. Iriam ao paço, que partia el-rei e a rainha pera uma cidade do sertão com toda sua corte, e já era casi concertado tudo pera a partida. Então se ergueu Avalor, e, querendo-se aperceber pera o caminho, vieram a grande pressa chamá-los, que partiam já.

Foi forçado a Avalor ir assi por entoncos só pera sair té fora da cidade, e tornar-se aviar de caminho e acabar algumas

70 como: quando.

cousas que tinha ainda por fazer. Mas esta sua detreminação saiu-lhe doutra maneira, como tudo, *que em ele* chegando, a senhora Arima estava já de mula, e ainda ele bem não parecia acolá, o via ela dali com a vista e com as maneiras dela o começava gasalhar. Chegou-se Avalor pera ela com grande acatamento e ela o recebeu gasalhosamente, começando-lhe a dizer que sabia já novas cousas dele. Respondeu-lhe Avalor que dele não podiam já elas ser, pois não eram muitas. Abalou a rainha nisto e começaram a caminhar.

E aqui passaram muitas cousas que me a mim não lembram, senão que enfim lhe viera Arima descobrir que eram cousas da senhora deserdada, e Avalor não lho negou, que até aquilo não lhe podia já negar, fazendo-se ela muito da sua banda, ca havendo dó dele lhe prometeu que o que nela fosse faria de boamente, que polo ver contente tudo lhe seria leve de fazer. Estes ofrecimentos lhe fazia ela e dizia com aquela graça e com aquele ar que só no seu tempo se viu nela. Mas pera uma cousa os fazia ela e pera outras cousas se faziam eles, que Avalor *tudo* via e olhava com os olhos que lhe punham tudo n'alma e no coração. E acabando ela de dizer uma cousa, ficava-se ele logo lembrando-lhe de como lha dissera, tornava *ela* dizer-lhe outra, e ele lembrava-se daqueloutra.

Assi fez todo aquele caminho e assi foram eles ambos, namorando-se ele só dela. E donde ia pera nô mais que até sair da cidade, foi até sair de si, e não se percatou⁷¹ senão quando se achou já com a jornada acabada, vendo que se queria já Arima despedir dele, que noutra cousa o não conheceu⁷². Mas ela, que também conheceu que não vinha nos trajos pera tão longe caminho:

— Parece, Avalor — lhe disse —, que não vínheis pera tão longe.

— Senhora, não cuidei que vinha — lhe respondeu ele —, não vinha com tenção de ir mais que até fora da cidade um

71 não se percatou: não se apercebeu.

72 conheceu: percebeu.

pouco, ainda que também assi não saí de minha tenção, porque té qui bem pouco me pareceu.

— Pouco — lhe tornou ela, indo já para se descer — também me parecera a mim, se não viera convosco.

E assi se acabou de descer. Avalor, por isso, não teve tempo de lhe responder, nem ficou pera responder, ainda que o tivera. Tão embaraçado o leixou aquela resposta que escassamente lhe lembrara despedir-se dela, se se ela não despedira dele, ca por ser já de noite foi vedado aos cavaleiros aparem-se.

Tornou-se Avalor, mas não por onde fora, que perdeu o caminho ao tornar com a noite escura que fazia. Cuido eu verdadeiramente que lhe foi aquilo remédio pera cuidar menos, com aquela ocupação, e chegar com o sentido pera onde tornava, ca se viera pelo caminho direito, ou chegara ou não. Mas a ele a perda do caminho não lhe lembrava senão a dos lugares que houvera de ir vendo pelo caminho, e ia-os fegurando⁷³ consigo por aquele por onde ia. Muitas vezes, assi enganado ou trasportado, se detinha neles, polo qual não chegou donde partira senão ao outro dia alto, conquanto andou toda a noite, que mais levava perdido que o caminho.

Quando ele já tornou, estava a corte aposentada naqueloutra cidade. Mas chegou a um dia e a outro foi ao paço. E porque o não levavam lá outros desejos, ainda bem não foi tempo da entrada, no aposentamento, da princesa, já ele lá era.

Querendo-se pôr a princesa à mesa, vieram todas aquelas senhoras donzelas suas que d'alto sangue e estado eram, que filha muito prezada era del-rei. E depois d'elas todas vindas, cada uma como mais asinha pôde, viu Avalor daí a um bom pedaço só, muito derradeiro de todas, vir Arima tão devagar que parecia que ainda então vinha muito cedo, senão que isto não podia parecer a ele só. E como ela o abrangeu bem dos olhos, veio a pôr-se acerca dele, recebendo-o com umas acolhenças

73 *fegurando*: figurando.

como que o não vira dias havia. E depois d'estar assi acerca dele, lhe esteve a meia vista perguntando manso:

— Donde tardastes tanto, Avalor, que todo este caminho vim a olhos longos por vós?

— Quando vos deixei, senhora — lhe respondeu ele —, perdi o caminho ao tornar.

— Folgo muito — lhe respondeu aqui ela —, que cuidei que eu só era a que perdera em me leixardes.

Estas palavras, que ela a boa parte dizia, ensoberbeceram e enlevaram tanto a Avalor que o poseram em condição de lhe descobrir logo sua vontade, e se não fora polo lugar, pareceu-lhe a ele que lha descobrira. Mas, pelo que depois pelo tempo neste mesmo propósito aconteceu, mostrou ser isto, como dizem, coração de pousada⁷⁴.

Alevantou-se a mesa e veio-se para eles uma outra senhora, amiga grande de Avalor. E aquele meio tempo té se recolherem, que não foi muito pouco, passaram todos três noutras cousas, pola qual parte casi foi ele dali tão carregado como nunca ainda se achara. Porque despois de lhe aqueloutras palavras ter dito Arima, viu que falou em tudo o que falava tão posta naquilo, que parecia que estava toda ali, ou que ao menos não estava em outra parte com o pensamento, o que lhe fez suspeitar a ele que o que lhe ela dissera não seria senão de sua grande perfeição, tão acabada e tão gentil dama era em tudo o que ela queria ser, como não era nunca dantes. Porque se o dissera na tenção que ele o queria tomar, cuidava Avalor, estando consigo, que trabalhara ela polo descobrir em algumas meias cousas, despois daqueloutra senhora *vir*, ca bem sabia ele já que os desejos começados a decrarar muito mal sofriam dissimulação despois. E porém, contudo, não querendo nem podendo deixar já d'enganar a si mesmo com aquela ocasião e aquelas palavras que por si tinha, ou por si entendia, detreminou dizer-lho como a visse.

74 coração de pousada: ânimo passageiro.

E com esta detreminação tornou aquela noite ao paço e não na viu. Mas ao outro dia tornou lá e viu-a vir daquela mesma maneira que da outra vez. E parecendo-lhe então tão nova cousa aquela mansidão haver, após tanta pressa das outras, como se nunca a vira vir, se pôs a olhá-la. Assi que isto tinha ela que ainda nunca ouvi dizer que o tevesse outra: uma cousa, posto que muitas vezes a fizesse, cada vez que lha viam fazer, parecia a quem lha via que era a primeira. E com aquelas suas acolhenças que nunca mais saíram da memória a Avalor, se veio também pera junto dele. Mas daquilo tudo que ele detreminara, tão-pouco lhe disse nada, posto que espaço de tempo grande com ela estivesse então, senão que a ele pareceu tão pequeno que foi dali cuidando consigo que pola mímica do tempo lho não dissera. Mas não era por isso, que outras vezes tornava muitas a falar com ela e também nunca lho disse, ora lhe parecia que se aquilo não fora que lho dissera, ora se não fora aqueloutro, e quando não achava a quem se tornar, nunca lhe deixava de parecer senão que lhe falecera tempo.

E a verdade era o que lhe ia parecendo, mas não da maneira que ele cuidava, que depois socederam cousas que té tempo pera perder não teve. Então conheceu minguas, quando conhecê-las lhe não podiam prestar pera mais que pera o magoar. Mas assi parece que havia de ser, porque, por derradeiro, com achaque disto e daquilo, andou todo um ano de dia a dia que lhe não falou em nada de quanto detreminara e sempre lhe pareceu que não ficava por ele, mas que não podia mais ser. E já quando veio lá ao cabo do ano, mais diligência punha em buscar desculpas pera consigo só, por onde cuidasse que não podera ser, do que punha em buscar outras cousas, antre tanta dúvida o traziam amor e temor.

Mas uma cousa contam dele maravilhosa, que lhe queria tamanho bem que nunca entendeu que lho deixava de dizer com receios que teve de dizer-lho. Que no querer bem, antigo e velho é o receio em todas as cousas, mormente nesta, em que se *teme* anojár a pessoa bem querida, que, como seja nojo

daquela a quem desejais em cabo dar prazer, receai-lo mais, pois é o primeiro passo entre dous que se bem querem, em que se mostra o temor, e por isso parece maior ou é, como em cousa primeira. Mas ele isto não no entendeu, ou queria, parece, tanto a Arima que, de quanto havia no seu bem-querer, não parecia senão a ele só. O receio obrava o que havia de obrar e o querer grande tornava aquilo a outros achaques. E sabeis quanto lhe podia ir de o não entender a entendê-lo, que, se o entendera, pudera buscar maneira pera saber se perderia o temor de anojá-la se lho dissesse, ca ela tinha amigas grandes que o eram também de Avalor e, mal pecado, já então seria descoberto aos homens o que as molheres lá entre si faziam.

Tudo isto ouvi eu falar muitas vezes a meu pai, que em tamanho grau alçava o amor deste cavaleiro, que jurava em sua fé nunca ouvir nem ver outro tão estremado em bem-querer, ca morreu pola Arima e por lho não dizer, mas suspeitou que o soubera ela, polo que fez depois de o saber. E pôde e não pôde ser, como podereis depois cuidar.

[CAPÍTULO 12]

Agora torna a Avalor, que em tanta fadiga andava consigo posto naquele extremo do ano. Donde dantes sempre achava cousas em que falar com Arima, já então havia grande tempo que, como se via com ela, tudo lhe falecia e, como a via, trasportava-se.

Foi acerto que, estando uma vez a princesa na sala com todas suas donzelas e muitos cavaleiros em cousa de prazer, ele se acertou então d'estar a um cabo da sala, só, com os olhos postos naquela parte por onde havia de vir Arima, se viesse, que ele não perdia a esperança nunca por tarde. Quando ela se costumava perder, antes então a tinha mor. Era diferente do bem dos outros cavaleiros, o que lhe ele queria, e assi, parece, lhe eram dadas as esperanças diferentes das que se costumavam ter. Mas estando ele assi todo encostado a um canto, viu vir Arima e, desacordando-se da força ou não podendo soportar a carga de seus olhos, grande, como dizem que ele disse depois, caiu. E como ele fosse mais alto de corpo do que havia então cavaleiro seu igual, deu tamanha queda que toda a sala abalou. Algumas pessoas houve aí que sospeitaram a verdade, mas estavam também ocupadas em seus pensamentos. O que se sospeitou não se ateou, porém, não tardou muito que dali não nasceu todo pesar e todo o dano de Avalor.

E porque não há mal que não ache caminho por onde venha a quem ele está pera vir, aconteceu por acerto estar então com uma senhora amiga de Avalor um cavaleiro d'alto sangue mas de baixos pensamentos, de que teve nascimento todo o dano depois. Que aquela senhora, como fosse amiga grande de Avalor e acostumasse sempre a festejá-lo com recados, lhe mandou então por um paje a perguntar que lhe mandasse dizer de que tão alto caíra, que tamanho estrondo fizera. Respondeu-lhe Avalor que do seu cuidado. E afirmou então o cavaleiro antre si a sua sospeita e daí a um tempo disse que Avalor servia secretamente a Arima e que a amizade d'ambos era dissimulada.

Isto foi dito em parte que o veio saber Arima, mas como ela da sua tenção estivesse segura e da outra de Avalor não soubesse inda nada, não pôs mentes naquilo⁷⁵ de todo, antes o teve por mexerico. Mas, contudo, como a sospeita que entra uma vez em alguém nunca de todo se perde, ainda que se não creia, ficou a Arima só uma lembrança d'olhar mais polos feitos e polos ditos de Avalor, que estavam bem craros pera quem olhasse pera eles. Como de feito, olhando ela, viu folgar d'estar com ela Avalor, calando-se ao perder das cousas em que falavam, noutras, o perder dele, e nunca saber-se espedir, ou tirar os olhos dela e pô-los a furto, e aqueixar-se d'ela nunca parecer; e de fora aparte⁷⁶ o seu andar só, o seu cuidar sempre, o seu falar espedaçado, falando antre muitos, e logo o seu trasportado silêncio. Viu também que assi tinha Avalor notadas todas suas cousas, que a nenhuma parte havia de ir a princesa que ele já não estivesse naquele lugar pera onde a condição sua dela mesma havia d'enclinar e que sempre se punha de maneira, assi no estar como nas idas dos caminhos, que se fizesse acertado com ela, fazendo isto de feição tão segura que, muitas vezes, a ela mesma, que olhava por isso, metia em dúvida de cuidar se

75 não pôs mentes naquilo: não se preocupou com aquilo.

76 de fora aparte: além disso.

seria aquilo d'acerto, se a sabendas ordenado⁷⁷. Mas ele fazia-o sempre e por isso não podia parecer d'acerto. Sobretudo atentou no afroixar da fama que dos amores da senhora deserdada tão acesa soía d'andar que não murmuravam as gentes d'al, e que às vezes Avalor, de tarde em tarde, se punha em lugares descobertos naquela opinião, como que queria sustentar presunções falsas que se perdiam, pera com isto cobrir outras verdadeiras. E pareceu também a Arima que seria ele sabedor do que lhe a ela disseram acerca de servi-la encobertamente, e que por isso o fazia assi. Mas ele não no sabia na verdade.

Todas estas cousas e outras que não são escritas neste livro trouxeram Arima grande tempo em muitas e diversas dúvidas, ca também a ela lhe era caro o partir daquela amizade, tanto pode o amor consigo! E por derradeiro, estando ela uma vez de dentro de uma janela, acaso acertou Avalor passar por uma varanda sobre que ela caía. E vendo-a só estar virada para aquela banda dele, deteve o passo e sem fazer outra cousa se pôs todo a olhá-la. E cuidava ele que pelo ela não ver que furtava assi aquele tempo pera vê-la melhor, porque doutras vezes que a sabendas a via não podia faltar os olhos dela como desejava, sempre se espedia com tantas cousas por lhe olhar, que lhe parecia, indo, que a não vira. E isto, além de ser assi porque é assi, era também porque com o desejo as cousas muito desejadas, ainda que se alcancem, assi os⁷⁸ satisfazem que os acrescentam. Não é como vontade, que satisfazendo se tira. Mas Arima, que muito bem o sabia e o viu vir, dissimulando fez que o não vira, pera ver em que parava aquilo, e detreminou parar-se assi sem falar, que as cousas de Avalor juntas a seu alto segredo a traziam tão desejosa de o saber como isto. E depois de se deixar estar assi um grande pedaço, que o sentiu tão pronto em a olhar, calando-se confirmou o que era, porque bem sabia ela que não podia aí haver amizade tão dissimulada. E virando

77 *se seria aquilo d'acerto, se a sabendas ordenado: se aquilo acontecia por acaso ou era planeado.*

78 *os refere-se a o[s] desejo[s].*

pera ele o seu rosto à maneira d'encendido com uma delicada flama, afora de manincória, esteve um pouco toda posta e os olhos postos nele. E casi virando-se com a vista e com seu bem aposto corpo, indo-se, lhe disse:

— Ou me vós tendes errado, Avalor, ou me andais pera errar.

E carregando estas palavras com uma graveza de presença agravada, se tirou de todo, e indo-se seu passo quedo, verdadeira no andar pareceu ela a Avalor, que ficou como podereis cuidar, que dizer-vo-lo não poderia eu. E pera o magoar ainda mais, fartou os olhos daquele ir-se assi. Mas tão cortado ficou daquelas palavras que o tomou ali a noite, e mais acontecera se não fora por um seu amigo que, passando, o saudou e acordou do cuidado em que estava.

E vendo-se ele em lugar que poderia nascer alguma suspeita que trouxesse dano a Arima, que de si lhe não dava nada, se foi pera sua pousada, onde esteve muitos dias sem tornar ao paço. Depois, mandando-o chamar afincadamente uma senhora grande sua amiga, foi ele lá. E ela, tomando-o de parte, lhe disse:

— Prometei-me segredo e dir-vos-ei cousas em que vos vai muito a vós e a outrem que vós amais e prezais ver.

— O segredo — lhe respondeu ele — é devido a totalas cousas vossas e por isso sobejo seria prometer-vo-lo eu. Em al me podeis mandar de novo.

— Sempre, Avalor — tornou ela —, eu fui em tudo segura. De vosso segredo não desconfiei agora, mas quis vo-lo lembrar. Não me negueis que quereis bem à senhora Arima, que nem eu quero que mo confesseis, pois detreminastes encobri-lo, mas fique antre vós isto assentado, e não quero sabê-lo de vós por não ofender vossa detreminação. A vós não vos pese de vo-lo eu ter sabido, por não ofenderdes a confiança que em vós tenho posta, nem cureis, negando-me agora, fazer-me as vossas obras duvidosas, porque eu o tenho há muito crido. Que querer bem e não verdadeiro pode-se dissimular e fingir,

mas dissimular ou encobrir o bem que quer alguém, nunca ninguém o soube fazer que o quisesse verdadeiramente. Passo por aqui, que não quis dizer isto pera mais. Eu desejo tanto vosso contentamento como vós mesmo e não me pesa de quererdes seguir prepósito desta feição senão porque não posso tomar campo por vós, ainda que assi encobertamente também vos sirvo alguma hora, como em algum tempo sabereis. Que ainda d'ambas estas duas⁷⁹, pouca esperança devemos ambos também ter, segundo a áspera empresa que tomastes, em que receio muito de não aproveitar em nada, e vós, de acabardes primeiro a vida que a ela cobreis, ca polo que tenho sabido da longa e muito estreita conversação da senhora Arima (em que vós sois ou não sois culpado, não digo nada), vim eu a saber que não a senhoreia vontade nenhuma. Nunca tão livre cousa vi! Muito há que vos eu tinha pera tamanha openião, porque vós e vossas cousas infindo tempo há que a grandes desastres vos obrigam. Sempre nos vossos feitos vos prezastes de *não* ir por onde os outros, e assi enfim vos namorastes. Verdade é que ela é muito fermosa e acabada em tudo, mas é tanto do outro mundo que não é pera ninguém se namorar dela, que o querer bem ou nasce das esperanças ou sem elas. A vós só vos aprouve entrar em guerra desesperada. E não o negueis, que bem parece que sem esperança lhe quisestes bem, pois todo vosso trabalho não foi senão encobri-lo ao mundo e a ela mesma, o que eu nunca crera se o não vira com os meus olhos. Não vos espanteis disto que digo, porque dos homens foram todos os pensamentos descobertos só às molheres por segredo especial.

Aqui não se pôde Avalor ter que lhe não falasse, dizendo:

— Perdoai-me, senhora, que não é em mim deixar-vos acabar isso que não sei que is pera dizer-me. Não quero nem tão-sóis ofender meu cuidado com a presunção que de só

79 estas duas refere-se a empresa e vida, mencionadas em seguida.

calar-me pode ficar-vos. Não falemos mais nisso, se me alguma coisa estimais.

Tomando-lhe ela então as mãos com as suas amigavelmente:

— O que vos a vós cumpre — lhe tornou ela — , não posso eu deixar de dizer, ainda que vos disso pese, porque esta só diferença tem a nossa amizade das outras: olhar eu mais o que vos cumpre que o que vos apraz. Isto que me vós agora que-reis negar, sabem-no já cá todas estas senhoras, e por isso vos perdoo eu só o encobrires vós de mim, pois assi o quisestes ou não quisestes ter em segredo. Mas isto é inda nada pera o que eu vos quero dizer.

Contam que então se chegou ela à orelha de Avalor, e o que lhe disse ou não disse, não se soube então. Mas daí a poucos dias, o que ele por isso fez, ouvi eu dizer que não deve ser contado antre donzelas, por se não arrependem dos seus contentamentos ou ao menos não haverem enveja destoutro. Abasta que a senhora Arima foi só a quem as fadas com os olhos cheios olharam, porque não tão-somente foi acabada em si, mas em quem a desejou. E se a ventura quisesse fazer alguma obra ou leixara fazer alguma cousa perfeita, em a qual a desigualança, ou das vontades ou dos tempos, nunca podera ter lugar, fora *consentir* à senhora Arima que se servira sequer dos pensamentos de Avalor.

Soou-se, e foi certo depois daqueles que razão tinham de o saber, que posto que assi fosse aquele grande feito de Avalor, que tudo se tornasse em louvor da senhora Arima. Contudo, porque só deu causa a que se falasse nela, o sentiu tanto que muitos dias enfindos chorou muitas lágrimas, e se não fora por não abrir caminho a más presunções, ela caíra em cama. Mas assi penadamente se sosteve o melhor que pôde e pior que podia ser. E afirma-se que de umas cousas em outras nasceu um aborrecimento à senhora Arima de uns modos que aí há no paço, a desejar outra vida muito desviada à qual se foi encrinando muito. E de sua longa detreminação se falou e se

deixou depois de falar, porque o bom velho de seu pai, depois de a ter em casa consigo, fazendo-lhe em tudo a vontade, assim a foi fazendo ao que quis.

Mas da sua ida, e de como Avalor também após ela se foi, não se soube então inteiramente mais que por um cantar que daquele tempo ficou, que diz:

Pola ribeira dum rio
que leva as águas ao mar
vai o triste de Avalor,
não sabe se há de tornar,
as águas levam seu bem,
ele leva o seu pesar.
Só vai e sem companhia,
que os seus fora leixar,
que quem não leva descanso,
descansa em só caminhar.

Descontra onde ia a barca
se ia o sol abaixar,
indo-se abaixando o sol,
escurecia-se o ar,
tudo se fazia triste
quanto havia de ficar.
Da barca levantam remos,
e ao som do remar
começaram os remeiros
do barco este cantar:
«Que frias eram as águas!
Quem as haverá de passar?»
Dos outros barcos respondem:
«Quem sabe que é bem amar
e quem a vontade pôs
onde a não pode tirar.»
Trás a barca o levam olhos

quanto o dia dá lugar,
não duram muito, que o bem
não pode muito durar.

Vendo o sol posto contra ele,
soltou os olhos ao chorar,
soltou rédea a seu cavalo,
deu beira do rio a andar.
E a noite era calada
pera mais o magoar,
ca o compasso dos remos
era o do seu sospirar.
Querer contar suas mágoas
seria areias contar.

Quanto mais se *ia* alongando,
se ia alongando o soar
de seus ouvidos, aos olhos
a tristeza foi igualar.
Assi como ia a cavalo
foi pela água dentro entrar
e dando um longo suspiro,
ouvira longe falar:
«Onde me águas levam alma
vão também o corpo levar!»

Mas indo assi por acerto
foi c'um barco n'água dar
que estava amarrado à terra
e seu dono era a folgar.
Salta assi como ia dentro
e foi a amarra cortar,
a corrente e a maré
acertaram-no ajudar.

Não sabem mais que foi dele
nem novas se podem achar,
sospeitou-se que era morto
mas não é para afirmar,
que não no embarcou ventura
para isso o só guardar.
Mas são as águas do mar
de quem se pode fiar.

[CAPÍTULO 13]

Depois por anos, como nenhuma cousa é encoberta ao longo tempo, se soube a história dele e juntamente dela. E foi desta maneira.

Parece que a sua desventura de Avalor, que assi lhe chamo eu, deu com ele para aquela banda para onde era levada a senhora Arima, que esta nossa seria então. Donde sobre o mar se empinava um erguido rochedo, veio naquele piqueno barco aportar à menhã do outro dia, antes de romper a alva, e ao rogado grande das ondas que o mar com furioso ímpeto quebrava na penedia daquela alta rocha, se acordou Avalor que seria aquilo, e, atentando para mais se afirmar, ouviu uma voz como de donzela que dantre os penedos parecia sair, dizendo:

— Misquinha, coitada, triste de mim!

Afirmou-se ele com isto que era em terra, e posto que logo aquela voz o movera à paixão⁸⁰, contudo, porque ele trazia consigo outra maior que o havia mister por então mais, foi-se-lhe afigurar que era aquela terra donde saíra. E despondo-se o melhor que pôde, como menencório de si e de sua ventura,

80 *paixão*: *compaixão*.

tornou a tomar os remos com aquelas mãos que já naquela viagem eram feitas empolas muitas vezes e outras tantas as empolas desfeitas em vivo sangue.

Mas por muito que Avalor trabalhou, nunca pôde vingar as ondas que o chamavam a terra e eram já, quando se ele acordou, apoderadas do barco. E não no vendo ele, pola ocupação que consigo e com os remos trazia, não se percatou senão quando uma alta onda, que a ele e ao barco todo d'escumas encheu, deu com ele através de uns penedos que em diversas partes o espedaçaram.

— Valha-me Deus! — dizia ele.

Acordadamente lançou mão rijo de uns penedos que ao mar sobejavam com um tamalavez, e a água, fazendo um estrondo medonho, se espalhou, indo por antre aquela penedia, e parte dela quebrando naquela alta rocha, as gotas do mar lançou pera o céu, e da força ou reverberação do ar, ou do que quer que foi, se faziam como candeias. E nisto, em breve espaço se tornou recolhendo toda aquela água pera o mar que a esperava, vindo já de lá do pego encapelandose, como que se armava pera se vingar daqueles penedos que estorvo lhe faziam às suas águas. Mas posto que já rompia a alva, e luz e tempo tevesse Avalor pera ver tudo e guardar-se, ele não no fez assi, nem se lembrou tão-sóis de o fazer, que era ainda mais. Antes, virando ele os olhos descontra o longo mar, que com a claridade d'alva os podia bem estender, com a vista já enevoadas, dizem que disse assi:

— De tanto mal cansado, tanto sobeja ainda do mar!

E aqui, ocupado da paixão, desejando, parece, acabar já, vendo as ondas outra vez consigo, soltou as mãos do penedo dizendo:

— Pois o corpo é sem ventura, não quero que tolha mais o caminho à alma.

E assi se entregou todo às águas do mar, que pola ventura houveram dele piedade, que contam que também moram nas águas cousas que guardam religião. Donde Avalor cuidara morrer, deram prestesmente com ele por um enseio que por

uma parte daquele rochedo se fazia e espriava longe ao mar. Recolhidas que foram as águas, ficou ele assi deitado naquele areal por muito grande espaço e havendo-se por morto, porque com a decente⁸¹ da maré que já então era, não tornou mais chegar o mar a ele.

Contando ele depois isto a um seu amigo grande, dizem que lhe dizia que nunca tão contente se achara, parecendo-lhe que andava lá com a senhora Arima, ouvindo-lhe falar aquelas palavras vagarosas que parecia dizerem-se pera sempre. E via-lhe aquele mover de sua boca, que só aos olhos dele outro tempo fizeram presunção de serem tão mortais, e daí olhava os seus dela, como docemente se estavam à sombra daquelas sobranceiras, onde parecia só descansando estava o amor.

Mas ele nesta deleitosa imaginação, tornou ouvir outra voz com aquelas palavras doridas que dantes ouvira, e a elas abrindo os olhos, viu como estava já o mar arredado dele e achou-se vivo, pelo que disse mal por muitas vezes a quem lhe houvera enveja a descanso tamanho. Nem podia cuidar que seria aquilo, porque sobre ele ser tão sem ventura ainda havia maneira por onde pudesse viver. E olhando os penedos donde viera, ou donde o trouxeram, muito mais se maravilhava que era longe. Cercado assi de esta fantasia, ouviu como alguém falar-lhe à orelha, ou dentro dos ouvidos, dizendo:

— E não te acordas, Avalor, que o mar não soporta nenhuma cousa morta?

Olhou ele, então, se via quem lhe aquilo dizia, que tão pegado à orelha lho dizia. E não vendo ninguém, lhe tornou outra vez falar assi:

— Que me queres, que embalde trabalharás de me ver, se eu não quiser?

— Queria-te perguntar — disse ele — quem és e que quer dizer isso que me disseste, que de não ser assi como dizes me pesa a mim muito.

81 decente: descente.

— Quem são — respondeu —, seria detença grande para ti que tens muito para andar, que pera mais longe vás do que cuidas. O que te disse é verdade, porque não viver, ser morto é.

Satisfez tanto esta reposta a Avalor, que lhe dobrou muito mais o desejo de saber quem era, e disse-lhe assi:

— Se alguma cousa te pode contentar, por ela te rogo que me queiras dizer quem és.

— Podera — respondeu — na senificação doutro tempo contentar, e não quis. Mas perdoai-me, que dizendo-vos quem são ofenderia assi o grande bem que quis e ainda quero, pois do estado em que são aqui ao que eu devera ser noutra parte não há outra cousa senão culpa daquela a quem na eu não queria dar nem assi contando-vo-lo.

E aqui, dando um grande «ai» longo, se foi, dizendo:

— Triste de quem se não pode enganar já!

Ficou Avalor assi atónito por aquilo tudo que ouviu e por aquelas derradeiras palavras que o muito magoaram, porque nelas, quem quer que ele era, namorado lhe pareceu. Tornou outra vez ouvir muito doridamente aquela voz dorida que dizia «Coitada, mesquinha de mim!», e com o sol, que já então era de todo fora de sua pousada oriental, atinou para onde seria. E determinando ir lá, se ergueu indo, mas com os olhos e tudo no mar, foi assim té que lhe cumpriu ocupar as mãos e vista na aspereza do caminho que por aquele rochedo lhe conveio fazer para ir onde ouvira aquela voz, a qual tornou, indo assi, muito mais afincadamente ouvir. E sendo ele acerca de uns arvoredos grandes que sobre aquela alta rocha muito mais altos estavam ainda, olhou e viu ao pé de uma antiga árvore estar com as mãos atadas uma donzela, segundo pareceu nos cabelos que soltos tinha e toda a cobriam. Mas não se afirmou logo se o era, porque os cabelos lhe cobriam o seu rosto. Mas chegando-se ele a ela, então, perto dos seus olhos, viu-a com seu rosto fermoso banhado todo em lágrimas piadasas, que dos seus olhos verdes e grandes ainda as

carreiras polas suas faces mostravam. E nisto, pondo ela os olhos seus fermosos nele:

— Valei-me, senhor — lhe disse —, que assi vos valha quem mais quereis!

— Isso, senhora — lhe tornou ele —, farei eu de mui boamente.

E a voltas destas palavras, levando da sua espada⁸² cortou a grossa atadura com que atadas as mãos tinha.

Querendo-se ela erguer, de fraca não se pôde ter e foi pera cair. E ele acodiou prestesmente e, tomando-a nos braços, mansamente a assentou em um verde prado que sob aquele alto arvoredado se fazia, de que se descobria o grande mar, e cortando-lhe das ramas daquele arvoredado, lhas pôs sobre a cabeça, dizendo:

— Melhor vos quisera eu servida, senhora, mas não sois vós só a mal-aventurada.

E com estas palavras que Avalor dissera com a vista já no mar, que daquele lugar se devisava longe, não se pôde ter que nos olhos se lhe não descobrisse a tristeza que a lembrança sobre ele trazia doutra parte, no que conheceu aquela donzela que namorado devia ser. E tomando boa esperança do que já em si cuidara, porque logo lhe pareceu cavaleiro, ainda que armas nem cavalo trouxesse, lhe disse assi:

— Ainda que as minhas mágoas foram tamanhas que me não leixaram lugar nem pera tão-sóis cuidar no remédio delas, contudo, boa esperança tomo eu de vossa vinda aqui pera valer-me, pois foi já quando, por muito pouco que tardáreis, não me podéreis valer.

E após estas palavras, que já começava banhar-se em lágrimas, acrescentou:

— Mas, misquinha de mim, que assi morrera e estivera fora já de tamanhos cuidados!

E aqui, com um choro grande, acabou.

82 *levando da sua espada*: levantando a sua espada.

Avalor, ainda que bem tinha que acudir a si, foi-se a ela dizendo:

— Leixai, senhora, por mercê, as lágrimas, se me haveis mister pera algum serviço, que eu das tristezas que padeço aprendi socorrer aos tristes. Por isso não haveis mister mais pera comigo que o meu mal.

Esforçando ela os espiritos⁸³ a esta palavra, cansada, assi como pôde lhe respondeu:

— O dom recebo em mercê, que bem mister o hei para a cuita a que desastres grandes me trouxeram.

E aqui dando um suspiro, quisera falar adiante, mas Avalor, que a viu tão cansada e que escassamente podia acolher o fôlego, lhe pediu que descansasse um pouco. Fê-lo ela assi. Neste meio tempo olhou pera Avalor e viu-o também triste, não já mais que dantes, mas mais agastado. E na verdade era assi, porque lembrando-se ele da empresa com que ia, pesava-lhe, estando, ter-lhe prometido seu serviço. Mas vendo-o ela assi, não se pôde ter que lhe não perguntasse porque estava daquela maneira. Respondeu-lhe ele outra cousa da que cuidava e disse que estava cuidando que terra seria aquela em que estava, porque nunca viera por ali senão então, que aos seus brados acudira de longe. Dizendo-lho ela, creu-o, porque daquele alto bem vira já que estava em terra firme, pelo que, forçado do desejo saudoso de ver a senhora Arima, tornou escontra a donzela, por ver se poderia fazer mais curto o tempo que ela havia d'empedir, e disse-lhe desta maneira:

— Tão cortada e magoada vos vejo, senhora, que, sêu posso servir-vos sem tornar a magoar-vos, contando-me vós vosso nojo, muito folgaria, porque assi faríamos menos o tempo de vosso socorro e, pela ventura, d'ambos.

Rendeu-lhe ela suas graças e disse-lhe:

— Não leixarei, senhor, de vos contar minhas desaventuras, que pera o que haveis de fazer por mim cumpre muito, ca se a demanda é justa, ajuda o esforço de quem a sostém. Mas serei nela breve, pois pera ambos, como dizeis, releva.

83 *espiritos: energia/sopro vital; esforçando ela os espiritos: respirando ou suspirando ela com esforço.*

[CAPÍTULO 14]

Acerca de uma ribeira grande que dizem nasce nas manchas d'Aragão, nasci eu em um castelo que, de todas partes do derredor de que se vê, parece estando senhor de quanto vê. Fui criada em esperanças grandes com outras minhas irmãs, pera que elas foram criadas. E de todas sendo eu a mais pequena e não menos fermosa, fui escolhida pera servir a Diana, deusa da castidade, antre estas serras altas onde ela honradamente é guardada de ninfas.

Mas naquilo que se faz contra vontade de quem o faz, parece que ofende a algum Deus, porque sempre depois nascem desvios que tolfem o fim devido. Como aconteceu a mim que, andando um dia à caça por antre estas brenhas, acertei acaso de ir dar com um cavaleiro que demudado *nos* trajos de caçador andava por aqui, e por minha causa a⁸⁴ seguiu ele então, e enganosamente mo fez crer. E como eu com ele desse de súbito, quisera tornar o passo atrás, fugindo. E assi verdadeiramente o comecei fazer, mas ele, que mais corria que eu, lançando-se asinha após mim, me alcançou não muito longe daqui donde

84 a refere-se a caça.

nós agora estamos, e falando-me palavras d'amor, com afagos e com mimos m'assegurou, dizendo:

— Eu não são, pola ventura, quem vós, senhora, cuidais.

E a voltas destas palavras, deixando cair umas raras lágrimas pela sua bem posta barba abaixo, me contou quem era e como lhe chamavam, e como havia muito tempo que por aqui andava feito caçador, esperando só *desi poder tornar ver-me*, fazendo-me crer que em outra parte já me vira e que d'então até entoncez nunca mais lhe podera sair da memória. E assi me disse enganosamente aquelas palavras, o que, ainda que eu fora feia, não lhas podera então deixar de crer.

Como, triste de mim, m'enganei! Que vos hei enfim de dizer? Eu fui contente de tudo o que ele mostrou que lhe aprazia, e naquele grande amor passámos ambos de dous todos quatro anos inteiros, que a nós pareciam então dias. E agora, acabados eles, em começo de minha grande desventura, uma outra ninfa, também destes bosques, lhe veio, parece, a parecer bem, e a furto de mim se seguiram um ao outro. Mas eu, não mais segura que receosa, logo o engano senti, que quem poderá enganar a pessoa namorada? E pera me mais ainda magoar, eu, também no meu dano engenhosa, tantos meios busquei, que um dia, vindo eu da caça e bem acompanhada e farta dos cuidados dele, pondo-me à mesa, me vieram mostrar diante destes tristes olhos meus dantr'ambos eles uns penhores de amor que por minha causa foram manhosamente furtados a ela. E não me podendo eu cá soportar, como fera que cansada, vindo de longes terras com o mantimento para seus piquenos filhos, achando-os levados, solta da boca a preia e, esquecendo todo seu cansancio⁸⁵, corre ora uns ora outros montes, assi fiz eu.

Testemunhas verdadeiras me sejam todos estes matos! Não cessei té que o vim achar à sombra deste arvoredado onde, descansando, dizia ele, estava da calma que caía então e do trabalho do coração que tinha por naquele dia a não ter visto. Mas não

85 *cansancio*: cansaço.

era assi, que, vindo eu, vira ir por uma assomada passando apressadamente aquela que por meu mal veio aqui, e, se me eu não enganei, ela não ia doutra parte. E por isso e por o mais, lançando eu as mãos irosas aos meus cabelos, todo este chão cobri deles, como vedes, e querendo-me ele com palavras falsas e lisonjeiras valer, abraçando-me, o arredei de mim longe, contando-lhe tudo miudamente, pedindo vingança a Deus sobre ele e sobre seus enganos, tornando-me por derradeiro a mim com minhas mãos, como que ainda assi, triste de mim, me vingasse dele. E ele então tirando de seu seio uma rede de caça que lhe eu com minhas mãos noutro tempo fizera, quando com a teia me consolava, estando as horas que o não podia ver, e estirando-a, ele me mostrou as letras que nela estavam com mui artificiosa arte feitas por mim, e vendo-as, não sei como fiquei atada com minhas mãos. Negando-me ele muitas vezes que não era assi o que lhe eu dissera e afirmando-mo com juras grandes, mas não no crendo eu, tornou ele muitas vezes pedir-mo por sua vida e minha. E depois, por derradeiro, quando viu que nenhum remédio para o eu crer havia, tomando Deus por testemunha, se virou para aquela parte donde nasce o sol, dizendo só estas palavras:

— Pois me não quereis crer quando vos não pese, eu farei que me creiais quando vos não possa deixar de pesar.

E assi se virou e de todo se foi. E a minha alma me convidou logo ir-me trás ele, mas a manencória tinha então maior poder sobre mim que o juízo, e assi se foi, nem lhe disse que me desatasse, ou que lhe lembrou ou não lembrou, abasta que não tornou mais. Quisera bradar logo para que alguém me valesse, mas a vergonha de me verem assi atadas as mãos me tolheu fazê-lo, senão agora que a noite e a fraqueza de todos meus espíritos, em quem conhecia certos sinais de não poder viver muito, me fizeram dar gritos, e parece quis a ventura que fosse para que me vós ouvísseis.

Vedes aqui em quão pouco espaço contado todo meu mal que passei então, que o que está por passar não pode ser

senão triste, porque quem me assi pôde leixar, já por outrem me tinha leixado, e o dom que de vós aceitei não é pera que me vingueis dele, que lhe não quis tão pouco bem que lhe possa ainda querer este pequeno mal, mas quero-o para que me vingueis dela.

Avalor ficou tão embaraçado com este pedido que não tão-somente soube tornar repostada, antes deu causa a ela para presumir dele mal. E não se podendo soportar, dizia meu pai que como molher lhe disse:

— Parece, senhor cavaleiro, que duvidais alguma cousa? Sei que vos esquece que isso não podeis fazer senão antes do prometimento.

— Não duvido, senhora — lhe tornou ele —, mas estou-me espantando de quão mofino fui.

— Em quê? — respondeu ela.

— Eu vo-lo direi. Meu pai, quando ainda moço pequeno, por grandes sem-razões da ventura foi levado da sua terra natural para outras muito alongadas dela, onde, depois de homem feito, por nobres e grandes feitos d'armas mereceu não menos estado na terra estranha que na sua lhe era devido pelo alto tronco de nobreza e sangue donde descendia. E antre outros muitos grandes feitos d'armas que ele também fizera, contava um, que a mim muitos me contou, sendo eu pequeno ainda. Que indo ele uma vez, só, por um caminho que antre umas altas e fragosas serras se fazia acerca de uma fonte que de um penedo daquela serra saía, sob uma árvore frondosa achara uma donzela ricamente vestida, dormindo. E olhando ele bem, vira-lhe aquela parte do seu rosto que descoberto tinha, rasgado como de mãos irosas, feitas umas carreiras de sangue por elas, e apeando-se⁸⁶ então do cavalo pola ver melhor e também para ver se dele lhe cumpria algum serviço, que aquela estada assi em ermo o convidou logo sem tardança para haver piedade

86 Sintaxe irregular: a forma correta seria «apeou-se».

dela. Mas ele descido, acordara logo ela. Pondo os olhos nele, lhe dissera:

— Para que desceste, cavaleiro, que donzelas tristes não são para ver?

— São logo para as servir — lhe dissera ele —, mas se alguma fadiga tendes, senhora, para que vos não cumpra, ainda me tornarei a ir, que o dó que houve de vos ver assi antre estas penhas me fez descer para saber se mandais alguma cousa de mim que vos cumprisse, que esta obrigação me pareceu que era devida ao acerto de vir eu por aqui.

— Para que vos hei de dizer — tornou ela então — que hei mister na desventura em que ando? Pois ainda que vós mo outorgásseis, me não podia prestar.

— Quem vos enojou assi esse vosso fermoso rosto — dissera ele — não pode ser de nenhum feito grande d'armas.

— Assi, senhor cavaleiro — acodira ela a estas palavras que lhe pareciam ditas de bom coração —, eu me fiz assi este mau pesar todo que vedes, e outros maiores, outrem, a quem os eu não mereci, me tem feito n'alma e na vida, que se não podem ver senão a longo tempo.

E aqui levando as mãos aos cabelos seus longos, que já dantes pareciam estando que não foram poupados só para então, os começava magoadamente a carpir, senão que meu pai acodiu. Pedindo-lhe por mercê, dizia ele que a fizera estar queda, dizendo-lhe que a todo seu poder ela seria contente, ou ele morreria na demanda, e que lhe dissesse o que havia. E contando-lho entoncos, lhe dissera estas palavras:

— Não muito longe destas serras está um castelo muito forte em si, em o qual mora um tio e dous sobrinhos que consigo aí tem, e o guarda por um senhor⁸⁷ de toda esta terra que com outro seu comarcão traz agora guerra. Um daquestes sobrinhos me tirou a mim de casa de minha mãe, que pai muito havia que o perdera, para que, parece, fosse mais desemparada agora.

87 e o guarda por um senhor: e o guarda ao serviço de um senhor.

E depois que muito tempo me teve naquele castelo a seu prazer, por uma mulher que parecia fermosa mas enganosa, que por í acertara de passar com um outro cavaleiro a quem eles cruelmente mataram por lha tomarem, me leixou a mim e me lançou desamoravelmente por a porta do castelo fora, aquele dia que recolhera aqueloutra para si. E ainda para mais a obrigar me mandou, dantes qu'isto fosse, vestir e ataviar ricamente. E logo cuidando⁸⁸ que era para que doutra maneira a contentasse, o cruel dele, depois de me ter mandado pôr de fora de fortaleza, e fechada a porta dela, se pôs em um miradouro alto com ela, dizendo: «Vós só, senhora, sois a por quem aquilo deixo, e pude e folgo de leixar». E em galardão daquelas palavras lhe lançava ela os braços por o pescoço e o beijava muitas vezes. E quando eu tão desarrezoadamente vi possuído doutrem o que a mim só era devido, como anojando-me da vida, me vim por estas terras por ver se toparia com alguma fera que fartasse a sua ira na minha, onde me parece que há mil anos que ando, d'hoje pola manhã, nô mais. D'andar aqui e de cansada do cuidado mais que do corpo, me adormeci pouco há. Prouvera Deus que não acordara mais!

Meu pai, que em extremo houve piadade dela, dizia que lhe dissera, alevantando-a, que por mercê lhe amostrasse o castelo, e sobindo ele em seu cavalo a tomara nas ancas, e por muito rijo que caminhará não chegara lá senão alta noute. E ele, que logo se arreceou de lhe não quererem abrir a porta nem tomarem campo com ele, porque quem fazia vileza a damas devia fazer todas as outras, assi se agasalhou mansamente debaixo um balcão que se fazia à porta do castelo, sobre que ia uma ponte levadiça. E abrindo um servidor a porta pola manhã, antes que o sentissem foi assi a pé, armado como toda noite estivera; ameaçando o porteiro e lançando-o da ponte abaixo, o fez calar. Nisto, disse à donzela que lhe trouxesse o cavalo. Fê-lo ela asinha. Sobido que foi nele, entrando por um terreiro

88 O sujeito de cuidando é «eu».

grande que no meio do castelo se fazia, disse escontra a donzela que à porta ficara:

— Agora é todo este castelo vosso, senhora, e tudo o que nele está.

Já a estas palavras e rogado do cavalo eram os do castelo polas janelas, e aquela donzela que dentro estava, vestida em uma roupa longa como se erguera, não se pôde ter que com um desdém da manga da camisa não dissesse:

— De todo o que nele está, ainda que pode ser, não sairá nunca da vontade de meu senhor, porquanto é a minha e será em mentres ele tiver olhos.

Meu pai, olhando para cima e vendo molher, calou-se. Mas logo se foi à porta do castelo e fechou-a com as chaves que tomara ao porteiro e, entregando-as à donzela que com ele vinha, lhe disse:

— Tomai, senhora, vossas chaves, que a vós pertencem elas e não a outrem.

E daí foi-se para um cabo do terreiro com sua lança em coxa. E não esteve ele assi muito que por outra parte doutro pátio que mais dentro se fazia viu vir um cavaleiro grande, ao parecer, de grande esforço, fermosamente armado, em um fermoso cavalo, com sua lança na mão e escudo abraçado a ponto d’haver batalha. E chegando onde meu pai estava, dezia ele que com demasiada ira disse escontra a donzela que o ali trouxera estas palavras:

.....

LAUS DEO⁸⁹

89 Termina aqui o texto da edição de Ferrara (1554) da *História de Menina e Moça*.

Índice

7	Nota prévia
11	Introdução
41	Nota biobibliográfica
47	Glossário
53	História de Menina e Moça

Design
Henrique Cayatte
com **Susana Cruz**

Fontes tipográficas

Títulos
Acta | Dino dos Santos | 2010 © DStype
Neutraface | Richard Neutra / Christina Schwartz | 2007 © House Industries
Texto
Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts

Papel
Coral Book Ivory 90 g

Impressão e acabamento
Imprensa Nacional-Casa da Moeda



Bernardim Ribeiro

entre 1460 e 1550

Falar de Bernardim Ribeiro significa falar, quase exclusivamente, da sua obra, principalmente a *História de Menina e Moça*, as écloas e o conjunto de composições poéticas inseridas no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende (1516). Foi poeta palaciano, ao tempo de D. Manuel I, circunstância que permite situar o seu nascimento numa das duas últimas décadas do século xv. Além disso, sobre Bernardim Ribeiro pouco se sabe. Durante muito tempo a obra serviu de pretexto para uma reconstituição ficcional da sua biografia. A publicação da generalidade dos seus textos, na tipografia de Abraão Usque (Ferrara, 1554), a que se seguiu uma segunda edição impressa não menos relevante, por André de Burgos (Évora, 1557), é muito provavelmente póstuma. Dentre os aspetos emblemáticos da sua obra, em prosa e em verso, a saudade foi o que mais contribuiu para o lugar de destaque que o autor ocupa no imaginário cultural português.

Marta Marcos Duarte

Marta Marcos Duarte obteve o grau de mestre pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa com uma dissertação sobre a *Menina e Moça*. Nesta instituição, participou em projetos de edição das obras de Fernão Lopes e do Padre António Vieira. Dedicou-se à investigação sobre a literatura portuguesa dos séculos xvi-xviii.

Bernardim Ribeiro
HISTÓRIA DE
MENINA E MOÇA

O único romance conhecido de Bernardim Ribeiro participa de um fenómeno de reescrita comum na literatura medieval, associado ao anonimato e à intromissão de segundas mãos no processo de reprodução dos textos. Procurando, tanto quanto possível, aproximar-se da autenticidade da obra, a presente edição tem como base o testemunho da sua primeira edição impressa. A ideia de transformação, visível no âmbito da fixação textual, está também presente no diálogo entre géneros literários de que a *Menina e Moça* se faz eco, assim como numa escrita assumidamente aberta ao improvisto («o livro há de ser do que vai escrito nele»), razões que fazem dela uma obra original, no contexto da prosa de ficção ibérica. Foi um texto decisivo para uma reconfiguração do romanesco na literatura da segunda metade do século XVI, aquém e além-fronteiras.

C CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LINGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

LeR⁺
PLANO NACIONAL
DE LECTURA

ISBN 978-972-27-2019-9



9 789722 720199